



JORGE  
GREGO

Projeto **POVOS**  
Território, Identidade e Tradição

TERRITÓRIOS DA  
PENÍNSULA DA  
**JUA  
TINGA**

## Territórios da Península da Juatinga 2021

O povo que planta e pesca,

Canta, dança e faz festa  
no seu pedaço de chão,

Abastece a sua mesa e  
agradece a natureza em  
qualquer religião.

Seu lugar, seu oratório.

Tirar o seu território é  
calar a tradição.

Luís Perequê

Executante



Empreendedor



Órgão Licenciador



A realização do Projeto Povos é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama.

Parceiros



OBSERVATÓRIO  
DE TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS E  
SAUDÁVEIS DA BOCAINA



Ministério da Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz

FÓRUM DE  
COMUNIDADES  
TRADICIONAIS  
ANÁRA • PARATY • UBATUBA



CONAQ  
Coordenação Nacional de  
Articulação das Comunidades  
Negras Rurais Quilombolas

COORDENAÇÃO NACIONAL  
DE COMUNIDADES TRADICIONAIS  
CAIÇARAS



à memória de Seu Maneco e Telmo Elesbão

**Realização:**

Comunidade Caiçara da Praia Grande da Cajaíba  
 Comunidade Caiçara do Calhaus e Ipanema  
 Comunidade Caiçara do Pouso da Cajaíba  
 Comunidade Caiçara do Saco da Sardinha  
 Comunidade Caiçara do Saco Claro  
 Comunidade Caiçara da Juatinga  
 Comunidade Caiçara do Martim de Sá  
 Comunidade Caiçara do Saco das Anchovas  
 Comunidade Caiçara do Cairuçu das Pedras  
 Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis (OTSS)  
 Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba (FCT)  
 Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

**Coordenação geral:**

Fabiana Miranda

**Coordenação de Campo / Península da Juatinga:**

Anna Maria Andrade

**Pesquisadores de Campo / Península da Juatinga:**

Carolina Santos, Fabiana Ramos, Francisco Xavier Sobrinho "Ticote", Sergio Reis, Vagno Martins

**Textos:**

Anna Maria Andrade, Fabiana Miranda, Gabriela Murua, Santiago Bernardes

**Revisão Técnica:**

Vinícius Carvalho, Aline Tavares, Anna Maria Andrade

**Mapas:**

Janaina Cassiano dos Santos, João Oswaldo Cruz, Nicholas Saraiva, Tiê Passos

**Fotos:**

Anna Maria Andrade, Eduardo di Napoli, Felipe Scapino, Ricardo Martins Monge "Papu"

**Projeto Gráfico e Edição de Imagens:**

Eduardo Di Napoli, Tiê Passos

**Diagramação:**

Eduardo Di Napoli, Tiê Passos

**Ilustrações e infográficos:**

Tiê Passos

**Transcrição de Entrevistas:**

Heloísa Vianna

**OTSS - EQUIPE PROJETO POVOS:****Coordenação Geral:**

Edmundo Gallo e Vagner Nascimento

**Coordenação de Gestão Territorializada:**

Fabiana Miranda

**Coordenação de Campo / Povos:**

Anna Maria Andrade, Cristiano Lafeté, Gabriela Murua

**Pesquisadores de Campo (FCT) / Povos:**

Alexandre Karai Benite, Ana Carolina Santana Barbosa, Ariane Rosa Martins, Carolina Santos, Fabiana Ramos, Ivanildes Pereira, Luisa Vilas Boas Cardoso, Francisco Xavier, Guilherme Euler, Lohan dos Santos, Sergio Reis, Vagno Martins, Julio Garcia Karai, Santiago Bernardes, Neimar Lorenço

**Coordenação de Comunicação:**

Vinícius Carvalho, Eduardo Di Napoli, Felipe Scapino, Vanessa Cancian, Tiê Passos

**Coordenação de Governança e Gestão:**

Leonardo Freitas, Aline Tavares, Alessandra Bortoni Ninis

**Coordenação de Justiça Socioambiental:**

Marcela Cananea, Thatiana Lourival

**Validadores / Movimentos Nacionais:**

Julio Garcia Karai, Comissão Guarani Yvyrupa (CGY)  
 Marcela Cananea, Coordenação Nacional de Comunidades Tradicionais Caiçaras (CNCTC)  
 Ronaldo dos Santos, Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ)

**Entrevistados / Agradecimentos:**

Altamiro dos Santos - Ana Paula Nascimento - Angelita Conceição Costa - Anita Nakazaqui Miguel de Jesus - Aprígio Ramos dos Santos - Benedita Alves da Silva, "Geni" - Benedita Maurício dos Santos, Dona "Dica" - Benedito Villela dos Santos - Claudio dos Remédios - Dinalva de Almeida - Dulcinéia dos Remédios - Elza Oliveira - Erielton Ramos Xavier - Francisco Carlos Lopes de Oliveira, Seu "Chico" - Francisco Xavier Sobrinho, "Ticote" - Gabriel da Conceição - Iveti Elesbão - Jane de Almeida - Jaqueline Jesus - Joel Nelson Costa - Josias Silva de Jesus - Jovino dos Remédios - Manuel dos Remédios, "Seu Maneco" - Manuel Xavier Sobrinho, "Manequinho" - Mario Cesar do Nascimento, "Marinho" - Meire de Souza da Silva - Miguel Souza - Natalia Ramos Sobrinho - Nazareth de Freitas - Nilson Martins de Souza - Norival José Elesbão, "Vavá" - Reginaldo Generoso, "Simão" - Richard Sobrinho Ramos - Robson Dias Possidônio - Rubens Souza - Secundino de Jesus - Suelen Elesbão - Talita Elesbão Conceição - Telmo José Elesbão Filho - Thalia F. S. Junqueira - Valdecir da Conceição

**EM MEMÓRIA:**

Manoel dos Remédios "Seu Maneco" (1942-2020)  
 Telmo José Elesbão (1977-2020)

TERRITÓRIOS DA

PENÍNSULA DA

# JUA TINGA

## ÍNDICE

<b>Projeto Povos</b> .....	08
Entendendo o Pré-Sal .....	10
Como estes mapas são feitos .....	14
Como usar esses mapas a favor da comunidade .....	16

<b>Territórios da Península da Juatinga</b> .....	18
Introdução .....	22
Praia Grande da Cajaíba e Calhaus .....	40
Pouso da Cajaíba .....	70
Juatinga, Saco Claro, Saco das Sardinhas .....	92
Cairuçu, Saco das Anchovas, Martim de Sá, Sumaca 118	

**Mapas**

Microterritório Península da Juatinga .....	20
Calhaus, Ipanema e Galhetas .....	66
Praia Grande da Cajaíba e Praia da Deserta .....	68
Pouso da Cajaíba .....	86
Maritório Caiçara Península Juatinga porção sul .....	88
Maritório Caiçara Península Juatinga porção norte.....	90
Juatinga .....	114
Saco da Sardinha e Saco Claro .....	116
Cairuçu das Pedras .....	148
Martim de Sá e Rombuda .....	150
Saco das Anchovas .....	152
Sumaca .....	154
Maritório caiçara geral e Cadeia de petróleo e gás.....	156

**Pela primeira vez,  
nós por nós mesmos.**

**Nós, os povos tradicionais  
de Angra dos Reis, Paraty  
e Ubatuba, dizendo  
quantos somos, como  
vivemos e o que buscamos  
para a plena realização  
dos nossos direitos.**



# Projeto Povos: Território, Identidade e Tradição

Conheça a mais abrangente iniciativa de cartografia social já realizada na Bocaina. Protagonizada pelas próprias comunidades, caracterização envolve territórios indígenas, quilombolas e caiçaras de Angra dos Reis (RJ), Paraty (RJ) e Ubatuba (SP)

Qual é exatamente o território tradicionalmente ocupado pelos quilombolas? Quais são as condições de saneamento dos indígenas? E quais são os desafios dos caiçaras em relação ao acesso à educação? Estas são apenas algumas das informações que serão reveladas pelo Projeto Povos, iniciativa que vai colocar de vez, no mapa do Brasil, os territórios de 64 comunidades e localidades tradicionais indígenas, caiçaras e quilombolas de Angra dos Reis (RJ), Paraty (RJ) e Ubatuba (SP).

Reivindicação histórica do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), a realização do Projeto Povos é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama, para a produção de petróleo e gás pela Petrobras na Bacia de Santos. Quem executa é o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS), uma parceria entre o FCT e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Participam também a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), a Comissão Guarani Yvyrupá (CGY) e a Coordenação Nacional de Comunidades Tradicionais Caiçaras (CNCTC), que completam o conselho do projeto com a missão de garantir que todos os direitos das comunidades sejam respeitados.

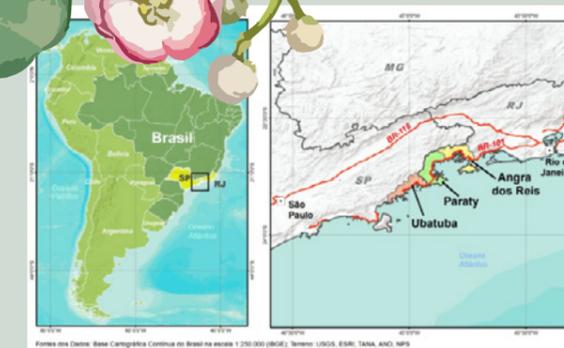
O Projeto Povos utiliza metodologias de cartografia social que permitem às comunidades desenhar, com ajuda de profissionais, mapas dos territórios que ocupam. Este tipo de mapeamento social geralmente envolve populações tradicionais e é um instrumento utilizado para fazer valer os direitos desses grupos frente a grandes empreendimentos, problemas relacionados à grilagem de terras e ao não cumprimento de leis que dizem respeito à delimitação de terras indígenas, à titulação de territórios quilombolas e à regularização fundiária de territórios caiçaras, entre outros.

## Caracterização de 64 territórios tradicionais ocorre até 2023

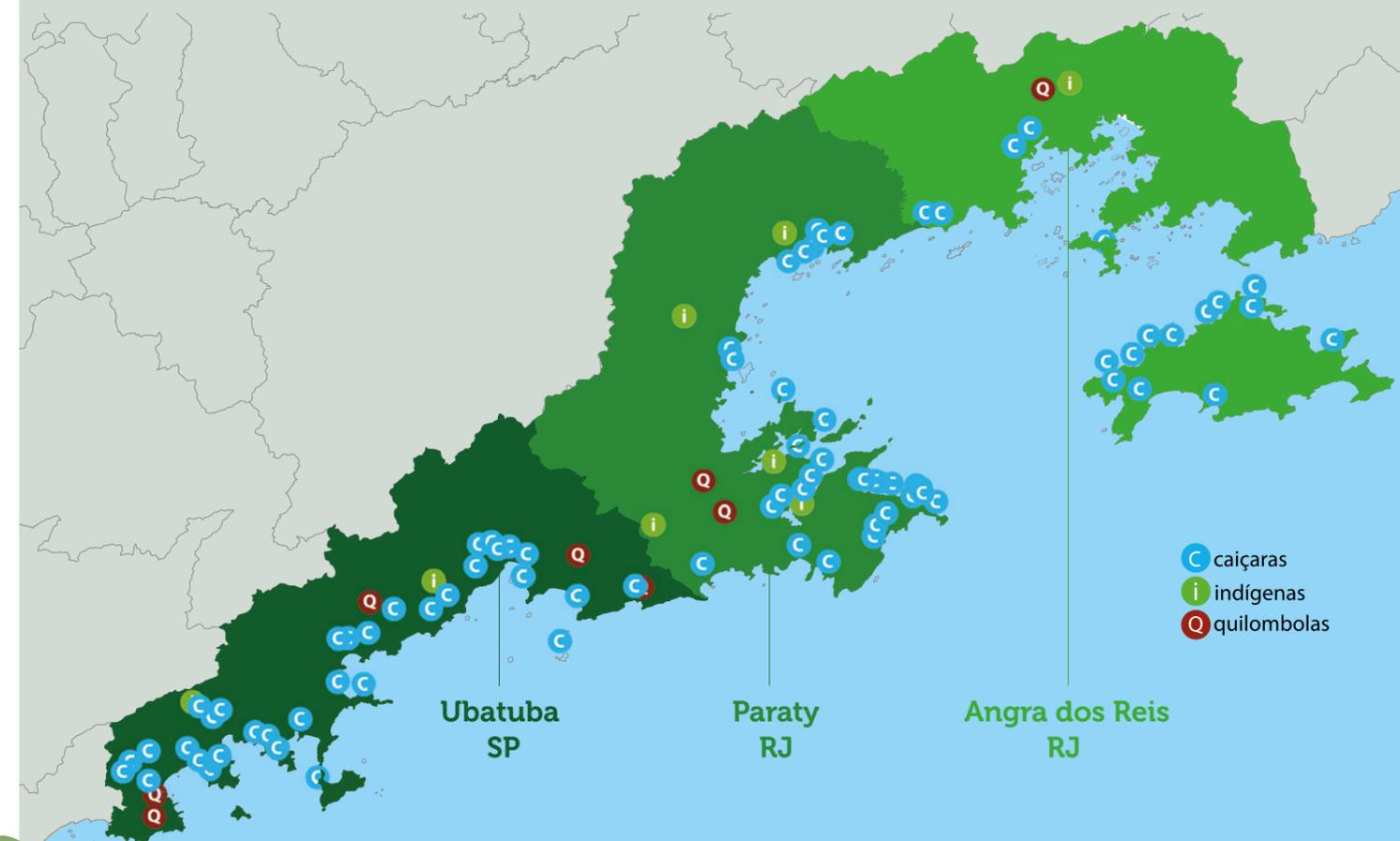
Além de informações técnicas, os mapas sociais são construídos de forma participativa e apresentam o cotidiano de uma comunidade em linguagem simples e acessível. Neles, são colocados espaços de roças, rios, lagos, casas, equipamentos sociais como unidades de saúde e escolas e outros elementos que as populações envolvidas considerem importantes. Aliás, são as comunidades que decidem o que querem caracterizar. No Projeto Povos, nenhuma informação é tornada pública sem a prévia autorização das comunidades envolvidas e das representações nacionais dos povos e comunidades tradicionais (Conaq, CGY e CNCTC).

## Onde o Projeto Povos ocorre?

O Projeto Povos ocorre nos municípios de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba. Para sua realização, foram definidos 11 agrupamentos de territórios que reúnem laços culturais, ambientais e territoriais comuns. É o caso, por exemplo, do agrupamento de territórios tradicionais do Carapitanga, que partilham a mesma Sub-Bacia Hidrográfica em Paraty (RJ).



Uma observação importante é que esta organização em agrupamentos de territórios – ou microterritórios – não quer dizer que as comunidades caracterizadas não tenham fortes e profundos laços com outras comunidades. Ou seja, essa divisão apenas ajuda a organizar os trabalhos de campo do projeto.



# Entendendo o Pré-Sal

O Projeto Povos é resultado de uma condicionante do licenciamento ambiental federal para a exploração de petróleo e gás na camada do Pré-Sal na Bacia de Santos. Mas você sabe o que isso tem a ver com as comunidades tradicionais?

Para que um grande empreendimento possa ser construído, ele precisa antes receber uma licença ambiental que é concedida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Para receber essa licença, quem constrói o empreendimento tem que cumprir também uma série de condições para mitigar ou compensar seus impactos sociais e ambientais.

O Projeto Povos é uma destas condições, e foi exigido da Petrobras pelo Ibama para que as comunidades tradicionais da Bocaina possam entender e se manifestar sobre potenciais impactos da exploração de petróleo na Bacia de Santos sobre seus territórios. Outro objetivo é disponibilizar mais informações sobre as comunidades para que suas reivindicações possam ser levadas em conta pelo Ibama quando houver algum novo pedido de licença para grandes empreendimentos na região.

**Pré-sal é um tipo de petróleo extraído de camadas ultraprofundas embaixo do mar**

## O que é o petróleo?

O petróleo é um recurso natural muito importante na produção de energia em todos os países do mundo. Além de ser combustível utilizado nos veículos de transporte – carro, ônibus, caminhão, avião – ele também está presente no plástico que compõe muitos dos equipamentos eletrônicos (como celulares, computadores) e eletrodomésticos, além de ser muito utilizado em embalagens. Tem petróleo também em cosméticos (como batons), pasta de dente e até em roupa.

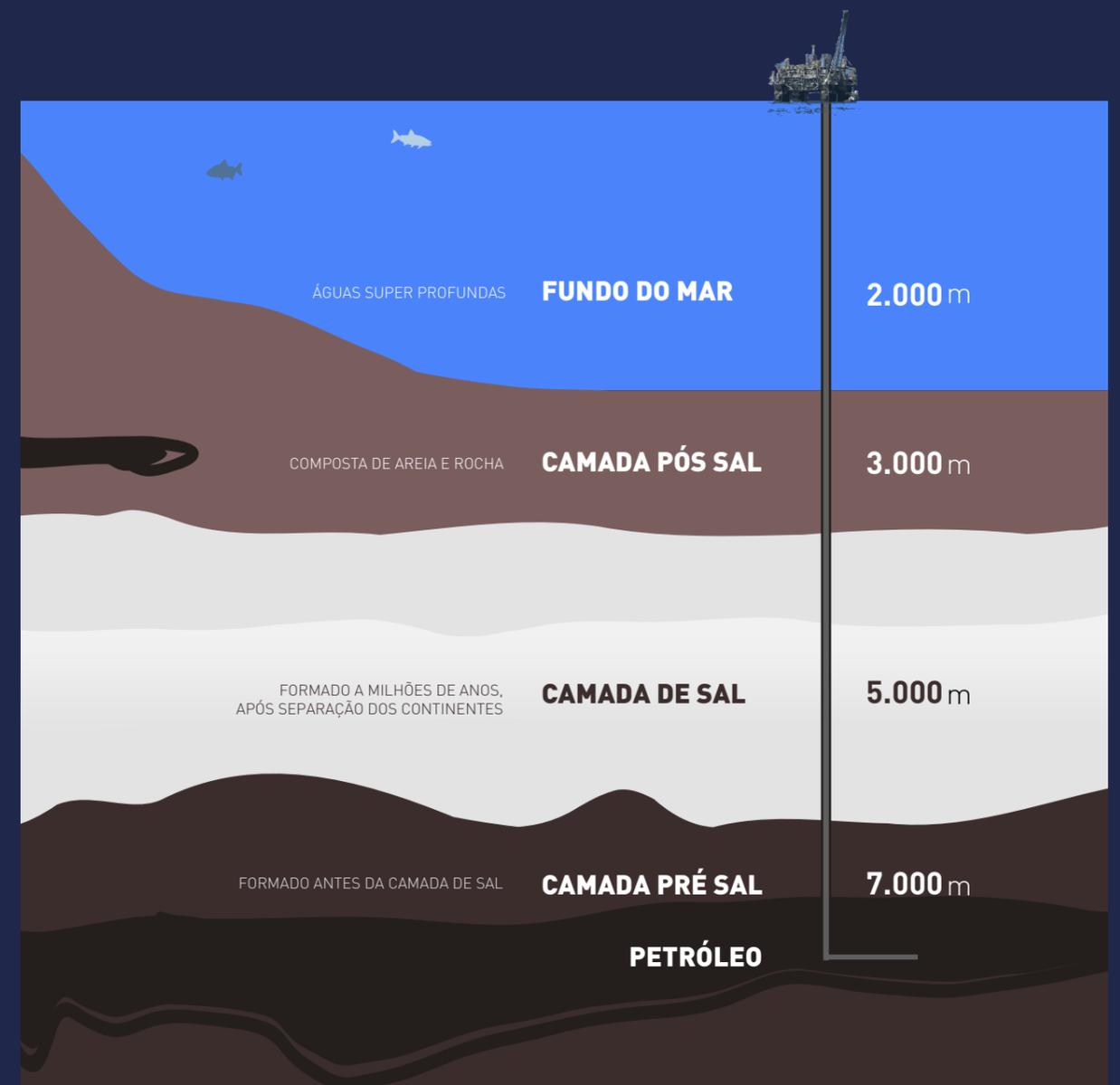
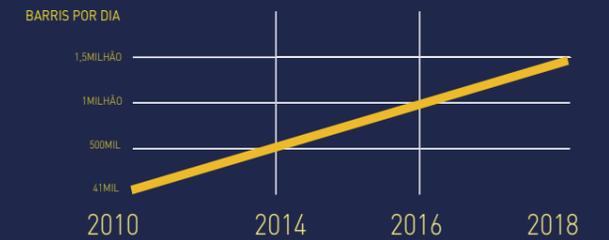
**1984**  
**PÓS-SAL**  
**4.108**  
**POÇOS**  
**500 MIL**  
BARRIS POR DIA

**2018**  
**PRÉ-SAL**  
**77** POÇOS  
**1,5 MILHÃO**  
BARRIS POR DIA

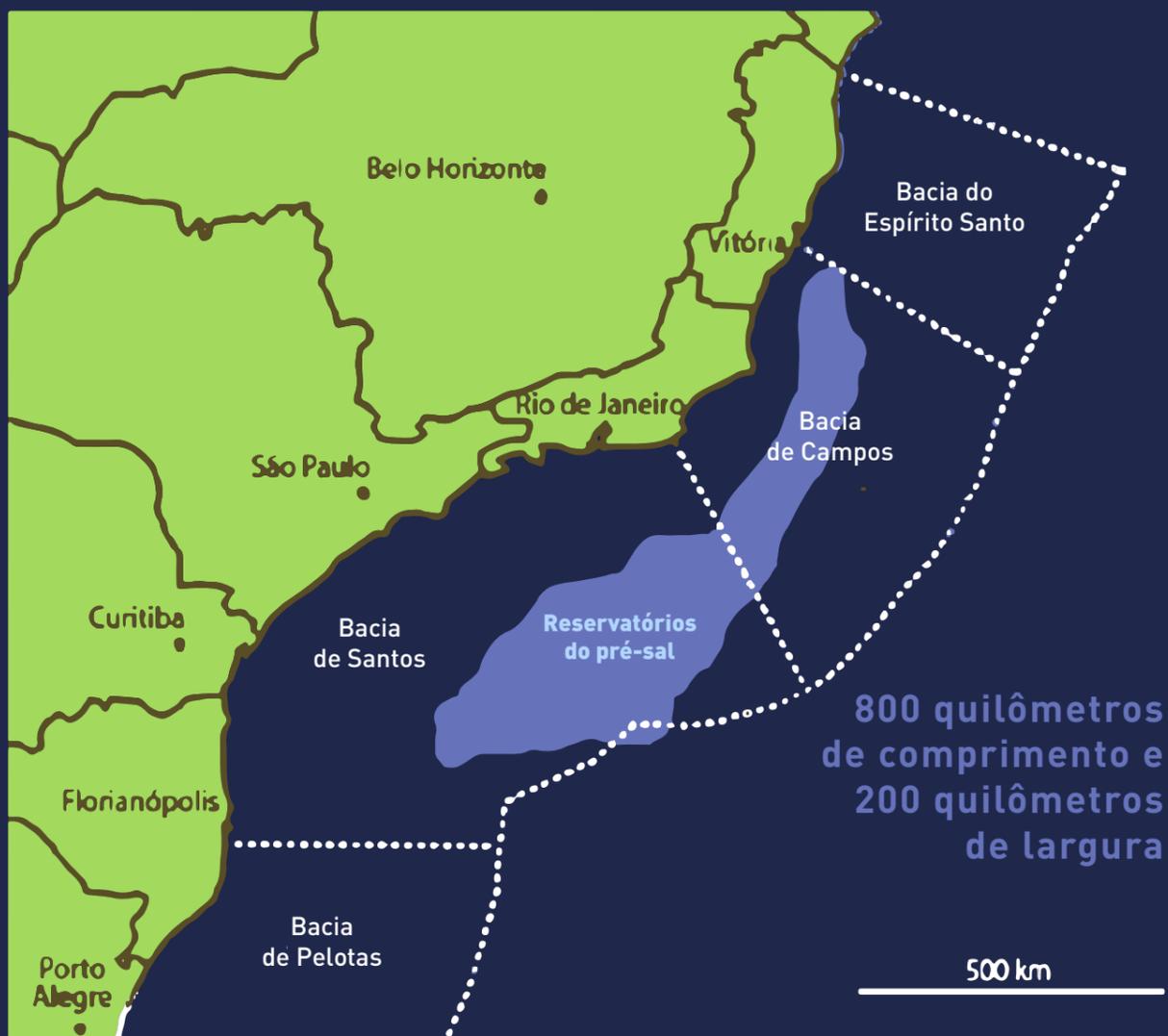
## O que é o Pré-sal?

O Brasil não era considerado um país importante na produção mundial de petróleo até a descoberta do Pré-sal, em 2007. Pré-sal é um tipo de petróleo extraído de camadas profundas embaixo do mar. Como se vê na ilustração abaixo, esse petróleo está localizado em um agrupamento de rochas localizadas em águas ultra profundas em baixo de uma camada de sal, por isso pré-sal. Ou seja, “antes do sal”.

## Produção média de petróleo no Pré Sal



# Onde fica o Pré-sal?



A área de influência do pré-sal mede cerca de 800 quilômetros de comprimento e 200 quilômetros de largura e está entre os estados de Santa Catarina e Espírito Santo, passando, também, por territórios tradicionais localizados no litoral norte de São Paulo e sul do Rio de Janeiro.

O volume produzido por poço no pré-sal da Bacia de Santos, onde estão essas populações, está muito acima da média da indústria de óleo e gás. Dos dez poços com maior produção no Brasil, nove estão localizados nessa área.

## O que tem no pré-sal?

Para se ter uma noção do que significa a descoberta do pré-sal, é possível que o Brasil duplique sua produção de petróleo em aproximadamente 10 anos. Entre 2006 e 2007, as reservas do país somavam cerca de 14 bilhões de barris de petróleo. Com essa descoberta, é possível que as reservas atinjam entre 50 a 80 bilhões de barris. Cada barril de petróleo tem o volume aproximado de 158,98 litros.

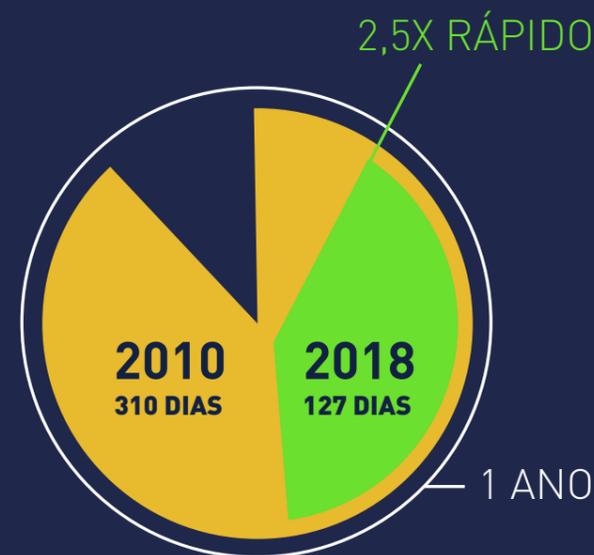


## O que isso significa para as comunidades?

É tão grande a estrutura necessária para a exploração do petróleo no mar que faz com que o Pré-sal seja definido como um Megaempreendimento, já que ele altera a dinâmica social, econômica, cultural e ambiental das cidades litorâneas onde ficam as reservas do Pré-sal.

Isso significa dizer que, além do risco de vazamentos, a estrutura do Pré-sal gera como consequências alterações no território marinho como, por exemplo, o aumento do número de grandes embarcações, mudanças no comportamento de cardumes e ampliação de portos para atender a demanda de transporte.

## Tempo médio de construção de poços marítimos



E, também, alterações terrestres tais como o aumento do número de pessoas vindas de fora, que chegam para trabalhar na exploração de petróleo sem que haja, por vezes, uma melhoria equivalente na infraestrutura local como mais hospitais e escolas.

## Como o licenciamento do Pré-sal funciona?

Megaempreendimentos como o Pré-sal precisam cumprir dois procedimentos legais para poderem se instalar em uma região. O primeiro é a Avaliação de Impactos Ambientais e o segundo é o Processo de Licenciamento Ambiental. A partir daí é feito o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), que ajudam o Ibama a decidir se dá ou não a licença.

Depois, é necessário realizar audiências públicas para ouvir o que a população e o poder público têm a dizer sobre o empreendimento. No território da Bocaina, essas audiências aconteceram nas Etapas 1, 2 e 3 do Pré-sal. Sim, já estamos na etapa 3 desse empreendimento.

Esses procedimentos têm como objetivo avaliar os impactos causados pelo Pré-sal e propor condicionantes e compensações que amenizem ou compensem os impactos ambientais e sociais causados pela sua instalação.

# Como estes mapas são feitos?

Com a participação de pesquisadores indígenas, caiçaras e quilombolas, o Projeto Povos mapeia só o que as comunidades querem caracterizar. Conheça, passo a passo, como se dá essa construção coletiva.

## 1) Chegança

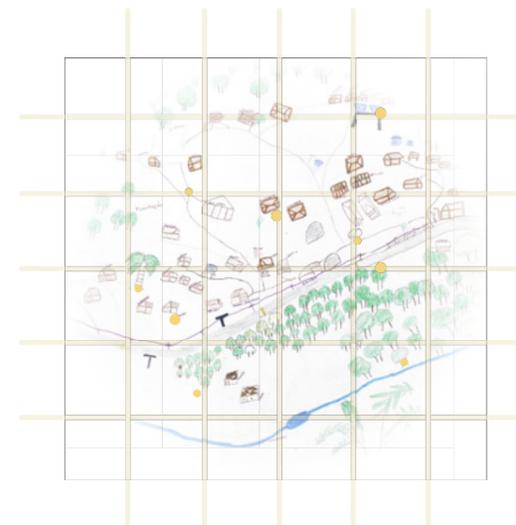
Realizada com a participação do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), a “chegança” é o passo inicial da caracterização. Ela envolve lideranças e articuladores locais para esclarecer dúvidas sobre o projeto e para garantir que os mapas sejam construídos por muitas mãos.

## 2) Mapa Falado

Nessa atividade, a comunidade é convidada a fazer um desenho livre, em um papel em branco, representando seu território. Neste desenho, o território e seus elementos vão surgindo a partir do exercício da memória e da definição, pela própria comunidade, do que ela quer e acha importante que seja caracterizado.



Ícones dos mapas do Projeto POVOS



## 3) Localizando o território no mapa

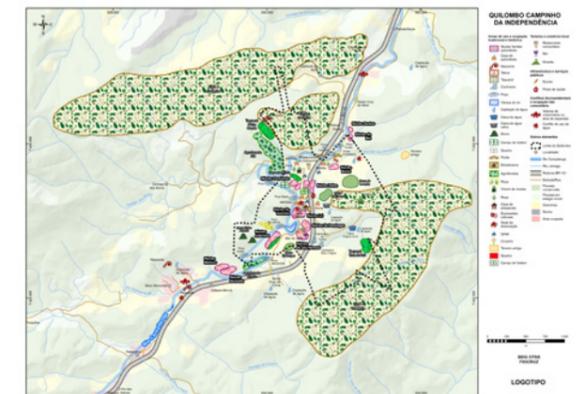
A etapa seguinte consiste na transposição do mapa falado para uma foto de satélite, localizando os elementos do desenho em uma base georeferenciada. Nesta etapa, o objetivo principal é garantir que os participantes consigam dimensionar seu território em um mapa e visualizar demais delimitações territoriais já estabelecidas por órgãos governamentais, como Unidades de Conservação e demarcações já realizadas.

## 4) Refletindo o Território

Depois, é hora de apresentar à comunidade a primeira versão do mapa final e validar com os participantes cada dado coletado. Um momento, também, para corrigir eventuais erros e acrescentar informações importantes que não tenham aparecido nas etapas anteriores.

## 5) Nosso mapa

A última etapa se divide em dois momentos. O primeiro consiste em revisitar o material produzido durante toda a caracterização e validar coletivamente o mapa final. Em sequência, a comunidade define quais informações quer que se tornem públicas e quais prefere que sejam de uso restrito da comunidade.



## 6) Ganhando o mundo

Percorrido esse caminho, o material segue para impressão e é devolvido para as comunidades. Também validadas pelas comunidades e suas representações nacionais, as publicações finais são distribuídas para bibliotecas e órgãos de governo e da sociedade civil cuja atribuição seja zelar pelos direitos dos povos e comunidades tradicionais da Bocaina.



# Como usar estes mapas a favor das comunidades

Os mapas construídos pelas comunidades são instrumentos de promoção de direitos. Entenda algumas das formas como eles podem ser utilizados para a defesa dos territórios tradicionais

## Garantia de territórios:

O projeto não assegura que haverá titulação, demarcação ou regularização fundiária de territórios tradicionais. Mas irá contribuir para que as reivindicações das comunidades cheguem aos órgãos competentes responsáveis por fazer isso.

## Acesso a políticas públicas:

O projeto também não construirá infraestruturas nas comunidades, mas vai contribuir para levar ao conhecimento dos governos e órgãos públicos qual é a situação de cada comunidade em relação a serviços e equipamentos públicos nas áreas de educação, saúde, saneamento, trabalho e renda, entre outras decididas pelas próprias comunidades.

## Qualificação de licenciamento ambiental:

Outra conquista importante é que estes dados passarão a ser consultados pelo Ibama quando houver uma nova solicitação de licença ambiental para grandes empreendimentos que possam impactar as comunidades tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba.

## Segurança alimentar e nutricional:

O projeto permitirá às comunidades ampliarem seus conhecimentos sobre as espécies agrícolas manejadas por elas e também por suas comunidades vizinhas. Isso fortalece o conhecimento do território e facilita possíveis trocas de sementes e de técnicas de plantio.

## Práticas de saúde:

O projeto permitirá também às comunidades ampliarem seus conhecimentos sobre as práticas de cuidado corporal e espiritual utilizadas por ela e por suas comunidades vizinhas. Isso também facilita possíveis trocas de sementes e de conhecimentos em relação a procedimentos de cura e prevenção a partir das plantas medicinais.

## Fortalecimento do FCT:

O mapa feito pela comunidade contribuirá também para fortalecer as bandeiras de luta do Fórum de Comunidades Tradicionais nas áreas de Turismo de Base Comunitária, Educação Diferenciada, Saneamento Ecológico, Economia Solidária e Agroecologia e a combater todas as formas de racismo e violência contra as comunidades.

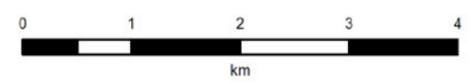
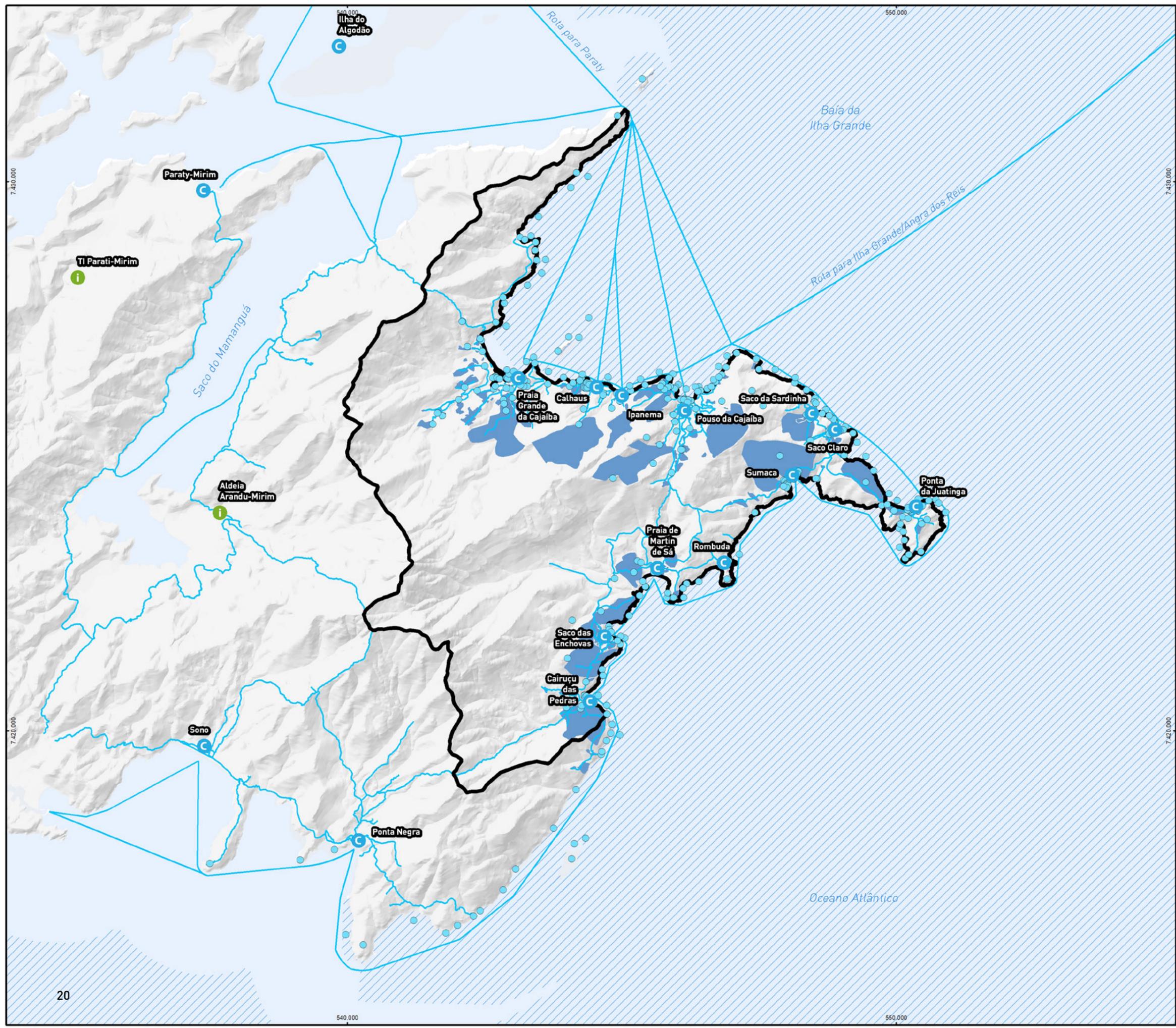


# PENÍNSULA DA JUJUA TININHA GANGA



# TERRITÓRIOS TRADICIONAIS NO MICROTERRITÓRIO DA JUATINGA

-  Limite Microterritório Península da Juatinga
- Povo**
-  Caiçara
-  Indígena
-  Locais de ocupação e uso tradicional Caiçara
- Relações e fluxos intercomunitários, rotas de pesca e comércio Caiçara**
-  Relações e fluxos intercomunitários, rotas de pesca e comércio Caiçara
-  Territórios e áreas de uso tradicional Caiçara
-  Área de Pesca Artesanal



# “O mar é o nosso quintal de casa”

Os territórios tratados nessa publicação estão localizados ao longo da costeira da península da Juatinga, na porção sul da Baía da Ilha Grande, no município de Paraty. A península abrange desde a margem direita do Saco do Mamanguá até a Praia do Sono, e toda sua extensão é território histórico de comunidades tradicionais caiçaras.

Antes dos caiçaras, a Juatinga era ocupada por indígenas, mas essa população foi desaparecendo durante a colonização, com a chegada dos europeus e dos africanos e com o violento processo de invasão que começou pelo litoral. Conta-se que a Praia Grande da Cajaíba abrigou um dos primeiros quilombos que se formaram na região. As comunidades caiçaras nasceram desse encontro de povos, e foram se consolidando na costa do sudeste brasileiro ao longo do século XIX.

Vivendo em meio a um relevo acidentado, coberto de mata atlântica, com abundância de água doce, numa costeira recortada e banhada por mar cristalino, os caiçaras da Juatinga se estabeleceram nesse território construindo uma relação ecológica cuidadosa e sustentável. O modo de vida caiçara na Juatinga é totalmente enraizado no território. Há uma interdependência entre a cultura e o ambiente, pois ao mesmo tempo em que o manejo caiçara moldou a paisagem, esse espaço foi, e continua sendo, um elemento inseparável da sua identidade e cultura.

A caracterização abarcou a maior parte dos territórios tradicionais da península. As comunidades estão localizadas em duas enseadas separadas pela Ponta da Juatinga. Navegando para a região a partir de Paraty, avista-se primeiro a enseada da Cajaíba, entre a Ponta da Cajaíba e a Ponta da Mesa. A enseada da Cajaíba abrange a praia da Deserta, Praia Grande da Cajaíba, Itaóca, Gaietas, Calhaus, Ipanema e Pouso da Cajaíba. Após a Ponta da Mesa, no costão em direção à Ponta da Juatinga, estão as comunidades do Saco Claro, Saco das Sardinhas e da Juatinga. Virando a Ponta da Juatinga, pode-se ver o outro conjunto de localidades caiçaras que se encontram entre a Ponta da Juatinga e o Ilhote do Cairuçu. Nesta área estão a Praia da Sumaca, a Ponta da Rombuda, a Praia de Martim de Sá, o Saco das Anchovas e o Cairuçu das Pedras. Diferente da Baía da Cajaíba, essa região fica exposta às correntes e ressacas de mar aberto, e por razões geográficas e históricas, segue sendo a zona mais remota e selvagem da península.





*Cerco fixo flutuante da comunidade da Juatinga*

## As comunidades da costeira

As comunidades caiçaras dessa região são conhecidas em Paraty como as “comunidades da costeira”, não só porque seus territórios estão localizados à beira mar e são acessados quase exclusivamente de barco, mas porque uma boa parte dessas localidades não possui praia e o embarque e desembarque são feitos nas pedras do costão.

Devido aos obstáculos geográficos da península, o traçado da BR 101 que liga Ubatuba a Paraty passou longe das praias e não viabilizou o acesso terrestre motorizado às localidades onde residem as comunidades caiçaras. Para chegar à região é preciso ir pelo mar ou a pé, em caminhadas por trilhas que duram horas ou dias de subidas e descidas. Embora a BR 101 tenha alterado todo o território da Bocaina, promovendo a chegada maciça do turismo e da especulação imobiliária, o relativo isolamento da Juatinga contribuiu decisivamente para a proteção da cultura local tornando a península o mais preservado reduto de comunidades tradicionais caiçaras do município de Paraty. Os territórios caiçaras da Juatinga estão sobrepostos por duas unidades de conservação: uma federal de uso sustentável chamada Área de Proteção Ambiental (APA)

de Cairuçu, criada em 1983 e que, além da península, abrange uma boa porção territorial e insular de Paraty, somando 34.690,72 hectares; e uma unidade estadual de proteção integral, a Reserva Ecológica da Juatinga (REJ), criada em 1991, com 9.797 hectares, em processo de recategorização. As duas UCs tiveram como justificativa e objetivo de criação a proteção ambiental e também das comunidades caiçaras da região.

O trabalho de caracterização envolveu diretamente 10 localidades atualmente ocupadas por comunidades caiçaras: Praia Grande da Cajaíba, Calhaus (junto com Ipanema), Pouso da Cajaíba, Saco da Sardinha, Saco Claro, Juatinga, Martim de Sá, Saco das Anchovas, Cairuçu das Pedras e a Sumaca, onde reside apenas um morador caiçara. Além destas, localidades como a Praia da Deserta, Gaieta, Itaóca e Rombuda foram indicadas como território histórico caiçara pelos moradores da península, mas não foram realizados levantamentos de campo mais detalhados nesses locais.

A população total nestas 10 comunidades é de cerca de 650 pessoas, incluindo alguns parentes que dividem residência entre a costeira e a cidade. A comunidade mais populosa é o Pouso da Cajaíba, seguida pelo Calhaus e depois Juatinga. A Sumaca tem apenas um morador e as demais comunidades variam entre 10 e 40 pessoas.

## Tempos e espaços caiçaras

O povo caiçara da península habita essa região há muitas gerações. Nas entrevistas surgiram relatos sobre a trajetória de famílias que estão no território há pelo menos 7 gerações. Ao longo desses mais de 150 anos, seus descendentes foram se espalhando em várias localidades.

“ **A família, ela vai distanciando e vai crescendo, que nem uma árvore mesmo. Vai criando galho, vai caindo folha, vai caindo fruto e vai espalhando. Minha mãe nasceu no Saco das Anchovas e meu pai nasceu no Saco da Sardinha. Os meus avós eram primos. O meu avô José Bernardo, pai da minha mãe que morava aqui no Pagarês [lugar na Ponta da Juatinga], era primo do meu avô que morava no Saco da Sardinha, o José Rodrigues. E ele era da família do Manuel do Roque [Seu Maneco, do Martim de Sá]. Por isso que meu avô também morou no Saco das Anchovas. O meu avô tinha parente também que morava no Sono, o pessoal do Albino, do Zezinho lá do Sono. E minha avó Antonia Rosa tinha parente no Mamanguá, na Praia do Cruzeiro. Aí ela**

**abandonou, largou tudo lá e veio pra cá, veio morar aqui. Antigamente eles não ligavam pra terra. E o mar era o quintal de casa.”**

*Telmo José Elesbão Filho, 42 anos, Juatinga, 2019*

Assim como uma árvore que vai dispersando seus galhos e suas sementes, as famílias caiçaras foram ocupando diferentes localidades da península e da Bocaina em geral. O casamento e a procura por melhores áreas de trabalho foram as principais razões que motivaram o deslocamento de pessoas, e às vezes de famílias inteiras de uma localidade para outra. Assim, ao longo de décadas, foi se formando uma rede de parentesco que conecta todas as comunidades da península, incluindo também a Ponta Negra e a Praia do Sono.

O modo de vida caiçara se desenrola em diferentes espaços do território e integra praia, costeira, encostas, sertão e mar. As atividades são definidas e organizadas muito em função das estações do ano, geralmente chamadas de “tempo quente” e “tempo frio”. As estações definem o tempo de fazer roça, o tempo de pescar e o trabalho no turismo. Também influencia as condições de navegação e a circulação das pessoas entre as comunidades e para a cidade. A vida na Juatinga está muito conectada aos ciclos naturais e eventos climáticos do território.



*Estiva e ranchos de pesca no Saco das Anchovas*

O modo de se relacionar e de apreender o território se expressa de várias maneiras. Uma delas é o nome dado para os lugares (os topônimos). Na Juatinga, os morros, as pedras, tocas, sacos, pontas, trilhas, ilhas, sertões, tudo recebe um nome. Os nomes são escolhidos pelo formato, pelo uso, ou pela memória de algum fato ali ocorrido. Assim, a Juatinga não é um mero cenário da vida caiçara, e sim um espaço repleto de significados, uma paisagem produzida pelos seus habitantes ao longo de gerações vivendo ali.

A maior parte das localidades habitadas tem praia, com exceção de quatro comunidades que se formaram nas encostas da costeira: Juatinga, Saco Claro, Saco da Sardinha e Saco das Anchovas.

Nas comunidades com praia, as embarcações de pequeno porte (botes) chegam pelo mar e “aterrissam” na faixa de areia. Nas

comunidades onde não tem praia, o acesso se dá pelas pedras, em estivas feitas de madeiras roliças, por onde as embarcações são puxadas até os ranchos. O Saco da Sardinha e a Juatinga possuem cais, facilitando o embarque e desembarque em dias de mar agitado. Também sobre as pedras são construídos os varais, que são plataformas de bambu ou madeira que servem para estender as redes de pesca, para que sequem e para serem consertadas. Tais estruturas evidenciam a adaptabilidade caiçara às características espaciais de seu território.



*A praia é um espaço de encontro e lazer em muitas comunidades*

A praia é um espaço de encontro e lazer, e em muitas comunidades é o lugar de jogar bola. Ao longo da faixa de areia se localizam os ranchos para guardar embarcações e petrechos de pesca. Alguns ranchos também podem ser usados como quiosques e bares que atendem a demanda do turismo na temporada. Fora de temporada, muitos desses comércios voltam a ser ranchos de pesca.

Todos os núcleos de moradia caiçara se situam bem próximos ao mar, na subida das encostas. As casas são ligadas por caminhos estreitos que respeitam e aproveitam os elementos da natureza. Os caminhos aproveitam as pedras, as árvores, raízes e respeitam os fluxos d'água na feitura das trilhas, evitando

impactar o ambiente com grandes obras de infraestrutura.

Nos quintais das casas há plantas medicinais, frutíferas, muitas flores e alguns mantêm criação de galinha. Antigamente era comum também criação de porco. As áreas agrícolas podem estar perto da casa, ou mais afastadas. As zonas agrícolas mais afastadas do mar são chamadas de "sertão". Em alguns relatos, a palavra "sertão" aparece associada ao nome de quem trabalha na área, o "sertão do seu fulano". Em outros, aparece como forma de se referir às áreas "mais retiradas da comunidade", às zonas de "mata virgem" que recobrem todo o interior da península, e que são espaços de uso comum.



O espaço da mata é fonte de recursos fundamentais para a vida caiçara, fornecendo água, cipós e madeiras para construção de casas, canoas, remos e remédios naturais. Durante muito tempo, a mata forneceu também um importante complemento alimentar, por meio da caça, extração de palmito e frutas. Até hoje, a mata inspira respeito e cuidado. E, para alguns, é um espaço considerado sagrado.

Outro espaço essencial da vida cotidiana dos caiçaras é o mar. O mar provê a maior parte da renda familiar, não apenas com a pesca, mas também por meio da atividade de turismo náutico no verão. Além disso, pelo mar são feitas as travessias para a cidade para acessar serviços de saúde, fazer compras e visitar parentes. Essas rotas marítimas são importantes para a história do povo da costeira. Segundo contam, as idas para a cidade se tornaram mais frequentes nos últimos anos, à medida em que as pessoas foram adquirindo embarcações motorizadas. Primeiro as travessias eram feitas em canoas a remo, e muitos moradores mais velhos da região contam as sagas que enfrentavam no mar nessas viagens. Depois começaram a surgir as canoas motorizadas que duraram até os anos 70, e depois vieram as baleeiras e os pequenos botes de madeira, ainda presentes na região. Só mais tarde os caiçaras começaram a comprar barcos maiores de pesca. Os botes de fibra com motor de popa, muito mais rápidos que as

embarcações anteriores chegaram com força no início dos anos 2000. Eles são muito utilizados em fretes de turismo, mas também na pesca.

O mar é uma constante na paisagem visual e sonora dos moradores da península. Ele habita as casas, as roças e seu barulho ressoa dentro das pessoas todos os dias. O povo da costeira está sempre atento aos ventos, à influência da lua e das marés, e articula todas essas variáveis para prever o tempo, as condições do mar, e com base nisso organizam o seu tempo de trabalho. Na Juatinga, saber fazer a leitura do ambiente marinho é determinante para o sucesso e a segurança nas atividades. Esse sistema de conhecimentos tradicionais é de grande importância e vem sendo construído, transmitido e atualizado ao longo de várias gerações.





## Conhecimentos tradicionais e usos do território

A caracterização revelou a riqueza dos conhecimentos e práticas tradicionais envolvidos na pesca, agricultura, extrativismo e construção de casas. Por meio desses saberes, essas atividades continuam sendo a base do modo de vida caiçara na Juatinga, e elas envolvem o manejo de uma grande quantidade de espécies terrestres e marinhas. Cada uma delas acontece de diferentes maneiras em cada comunidade, como se verá nos capítulos a seguir, mas vale destacar que a pesca é central em todas as comunidades da costeira.

A pesca artesanal coloca em prática um sistema de conhecimentos que inclui desde o feitio das canoas e remos, confecção dos petrechos, técnicas de captura adequadas, até a compreensão dos diferentes ambientes marinhos, das características do solo subaquático e do comportamento das espécies (se são peixes de passagem, onde costumam ficar, o que gostam de comer, quando se reproduzem). Tudo isso conectado às estações do ano, que também influenciam todo o ambiente. O conjunto desses saberes e práticas constitui um dos principais bens do patrimônio cultural caiçara, e está ameaçado pela redução do estoque pesqueiro na região.

Mesmo assim, a pesca artesanal resiste: ela acontece tanto nas regiões mais próximas da costeira - com a rede mijuada (ou de espera), cerco fixo flutuante, linha, fisga e mergulho - quanto em áreas até 30 milhas afastadas da costa - com espinhel e redes. Importante destacar que a península da Juatinga é a região que concentra o maior número de cercos fixos flutuantes de toda a Bocaina. Entre a Ponta da Cajaíba e o Ilhote do Cairuçu foram identificados 30 pontos de cerco nos mapeamentos realizados pelas comunidades. Essa técnica pesqueira, introduzida no início do

século XX pelos japoneses, é uma das mais sustentáveis artes de pesca pois os peixes permanecem vivos dentro da armadilha, sendo possível retornar ao mar os peixes que não são vendidos nem consumidos pelas famílias caiçaras.

A pesca embarcada que também emprega caiçaras da Península da Juatinga percorre áreas bem maiores, chegando a cruzar toda a baía da Ilha Grande, e também áreas de mar aberto fora da Baía. Ao Sul, normalmente ultrapassam a fronteira com o Estado de São Paulo. Há relatos de pescadores que já trabalharam embarcados na pesca da sardinha e corvina em uma extensão costeira que vai do Rio Grande do Sul à Bahia.

A pesca também é fundamental para a economia local. Além de ser importante para a alimentação, a pesca é a principal fonte de renda familiar no Pouso da Cajaíba, Calhaus, Saco Claro, Saco das Sardinhas, Cairuçu das Pedras, Saco das Anchovas e Juatinga.



A roça de coivara é a técnica agrícola tradicional até hoje praticada na região, e encontra-se ativa no Cairuçu das Pedras, Saco das Anchovas, Praia Grande da Cajaíba, Saco da Sardinha e algumas áreas no sertão do Pouso da Cajaíba e do Martim de Sá. Há também outras técnicas agrícolas, como a agrofloresta na Praia Grande.

O extrativismo de madeiras, cipós, sapê, taquaras, bambus e remédios da mata são essenciais para manter a confecção de peças e construções que também são um traço característico da cultura caiçara: casas de estuque (ou pau-a-pique), estivas, móveis, remos, canoas, cestos, tapitis, peneiras e covos são algumas dessas peças. São peças confeccionadas para uso cotidiano, mas, por sua beleza, acabam sendo vendidas para visitantes também como artesanato. Alguns elementos da cultura material local foram sendo substituídos com o tempo, como por exemplo a embira, nome dado às cordas feitas com as fibras retiradas da casca de algumas árvores, como a embaúba.

Por meio de suas atividades produtivas, os caiçaras da península da Juatinga manejam centenas de variedades e espécies marinhas, agrícolas e florestais, tornando evidente essa relação inseparável entre a cultura caiçara e o seu território.



## Ameaças e conflitos

*“A cultura está se acabando, morrendo aos poucos. Os caiçaras estão morrendo pouco a pouco, como os índios. Hoje, o próprio povo caiçara tá vivendo quase igual o povo da cidade vive. Com a evolução que vai tendo, a maioria dos jovens vai mudando, vai copiando as coisas da cidade. Saiu um tal de celular, eu nunca tive esse tal de celular. Hoje em dia, até um gato tem celular. As crianças desenvolvem muita coisa por causa disso, coisa boa e coisa ruim. Hoje tem caiçara que vive na cidade que nem fala com a gente! Nascido aqui, mas que não vive mais aqui, não lembra mais da infância, do que viveu aqui, desencantou. As pessoas têm vergonha às vezes de se dizer caiçara, dizer que é da roça, da tradição caiçara. Talvez o caiçara que vive e tá crescendo aqui hoje pense em morar na cidade, como os outros. A cultura caiçara evoluiu, antigamente era tudo muito mais difícil, mas era bom.*”

*Mesmo nas comunidades mais isoladas não se vê mais os caiçaras morando em casa de estuque; hoje já é alvenaria. Daqui a pouco, você vai chegar aqui na Juatinga e não vai ver nenhuma casa de estuque. A Juatinga antigamente, se você*

*olhasse assim, só via roça, isso aí era tudo roça! Hoje ninguém mais se interessa em fazer uma roça. Foram proibindo de pouco a pouco, e de pouco a pouco as pessoas de fora vão vindo e vão invadindo. Turismo é uma coisa boa pra pessoa ganhar dinheiro, mas é muita ambição. Eu nasci na Ponta Negra, sou nascido e criado lá e moro aqui há quase uns 30 anos, e olha: quem viu Ponta Negra e quem vê!*

*Muitas comunidades hoje vivem do turismo, já nem pescam mais, tá difícil manter a cultura. E se a Petrobrás afetar aqui, aí é que não vai ficar ninguém mesmo. Se tiver um vazamento, nem vamos saber o que fazer, nem temos pra onde ir.”*

*Joel Nelson Costa, Juatinga, 2019*

Embora seja um território preservado, há diversas ameaças ao território e ao patrimônio cultural das comunidades caiçaras da Juatinga. O depoimento acima coloca uma preocupação sobre o risco de ruptura na transmissão da cultura caiçara para as novas gerações.

De modo geral, todas as comunidades apontaram que a principal ameaça é a diminuição do estoque pesqueiro, atribuída a dois principais motivos: a presença de embarcações da pesca industrial e o aumento do número de navios petroleiros dentro do seu território pesqueiro. Ainda não se sabe a



dimensão dos danos causados pela indústria do petróleo, mas os caiçaras percebem muitas transformações no ambiente marinho, como o desaparecimento de várias espécies, peixes contaminados de óleo e diferentes tipos de poluição no mar, como manchas pretas de óleo e espumas nunca antes vistas chegando perto da costa e das praias. Esses impactos acumulados geram insegurança para os moradores da costeira que dependem de seu território para viver.

Outra ameaça apontada foi a criminalização de práticas tradicionais por leis ambientais, principalmente agricultura e extrativismo. Foram mencionados também conflitos fundiários, que incluem tanto processos judiciais com grileiros como a especulação imobiliária que de pouco em pouco vai varrendo os caiçaras de seus territórios.

Alguns efeitos indesejados do turismo, como a exposição das comunidades às drogas, também foram mencionados, mas de modo geral o turismo é uma oportunidade de renda e muitas famílias se preparam para receber os visitantes durante os meses de verão, mesmo nas comunidades mais afastadas.

Demandas pela melhoria dos serviços de saúde e educação foram citadas pelos moradores em todas as comunidades, seja pela precariedade dos postos de saúde ou ausência de profissionais. Apareceram também preocupações com a demora na instalação da rede elétrica. No final do processo de caracterização, placas solares já tinham sido instaladas nas comunidades mais isoladas, resolvendo parcialmente o problema.



## FCT e as bandeiras de luta na Península da Juatinga

Defesa do território, cultura, educação diferenciada, saneamento ecológico, agroecologia, pesca artesanal e turismo de base comunitária são as principais bandeiras das comunidades tradicionais organizadas. O FCT vem atuando, desde sua fundação, no apoio à solução dos desafios enfrentados pelas comunidades desta porção da península. Existem ações de assessoria jurídica para defesa do território tradicional em conflitos fundiários na Praia Grande da Cajaíba e Martim de Sá; implementação da educação diferenciada e do segundo segmento no Pouso da Cajaíba e Praia do Sono a partir da luta pela aprovação de uma política pública municipal de educação diferenciada em 2015; implementação do sistema de saneamento ecológico no Pouso da Cajaíba, Praia Grande da Cajaíba e Praia do Sono; e recentemente o FCT passou a se articular para acolher pautas dos pescadores artesanais.

Em 2019, diversas comunidades da região estiveram presentes em audiência pública sobre educação, realizada em Paraty, para exigir melhoria de infraestrutura e qualidade dos serviços, demonstrando engajamento em questões de interesse para o bem estar e o futuro das comunidades da costeira. Ainda nesse ano, o FCT criou o GT Pesca para unir os pescadores, agregar demandas

e encaminhar soluções coletivas para questões ligadas à pesca artesanal.

E em 2020, o FCT atuou na península com a “Campanha Cuidar é Resistir” para reduzir a vulnerabilidade das comunidades no contexto da pandemia de Covid-19.

Nas sessões a seguir, serão apresentados os principais resultados da caracterização. O processo criado a partir da cartografia social mostrou que as comunidades, quando olham para si e seus territórios, apontam ameaças, conflitos e demandas mas, sobretudo, muitas fortalezas e potencialidades. Essas fortalezas estão relacionadas à sua cultura, seus saberes, alimentação saudável, tranquilidade na costeira em comparação com a vida na cidade, saber pescar, plantar, fazer farinha, fazer casa, canoa, cestos, fazer remédio, cozinhar no fogão à lenha e a liberdade de controlar o seu tempo de trabalho.

Os conhecimentos sobre a natureza reduzem a dependência de produtos da cidade, aumentando a autonomia. No momento em que Paraty e Ilha Grande se tornam patrimônio mundial pela UNESCO (2019), a caracterização visibiliza a importância das comunidades caiçaras da península na construção e conservação do território da Bocaina e reforça a necessidade de medidas de proteção dos territórios tradicionais da Juatinga, considerando se tratar de um dos maiores e mais preservados redutos caiçaras da região. Esse patrimônio é perpetuado graças aos saberes ancestrais dessas comunidades e o profundo zelo pelo seu território.



**Resumo das ações do  
Projeto POVOS nos  
territórios da Península  
da Juatinga**

+de  
**100** comunitários  
participando ativamente

**130** elementos mapeados  
na cartografia social

**15** entrevistas  
realizadas

**15** oficinas  
de caracterização

**9** mapas falados

**16** mapas de satélite

**17** atividades de  
mobilização e campo





TERRITÓRIOS DA  
PENÍNSULA DA

# JUA TIN GA

Resultados  
por território  
tradicional



# Praia Grande da Cajaíba e Calhaus

Praia Grande da Cajaíba e Calhaus (também chamado de Escaléu) são localidades próximas, localizadas na Enseada da Cajaíba. Além delas, há na enseada outras localidades historicamente ocupadas por caiçaras, como a Praia da Deserta, Praia da Itaóca, Galhetas e Ipanema. Os moradores da Praia Grande, Calhaus e dessas outras localidades possuem relações de vizinhança e parentesco e todas as crianças estudam na escola do Calhaus, aproximando ainda mais essas localidades.



A Praia Grande da Cajaíba possui a maior extensão de faixa de areia da enseada da Cajaíba, com pouco mais mil metros. A população é de 40 pessoas distribuídas em 14 casas caiçaras, contando os parentes que habitam a Praia da Deserta e os parentes que moram na Itaóca. Alguns desses moradores dividem residência na cidade de Paraty.

O Calhaus possui uma pequena praia de pouco mais de 100 metros de extensão. Aí reside a segunda comunidade mais populosa dessa região da península. Considerando o conjunto de famílias do Calhaus e Ipanema, a população total é de 216 pessoas (62 famílias).

Nas oficinas de mapeamento, os participantes da Praia Grande e do Calhaus fizeram um único mapa, abrangendo todas essas localidades. Por isso, os resultados do trabalho são apresentados aqui conjuntamente.

**“ Chegou um homem ali na praia, numa lançhona, daquelas enormes que parecem um navio: ‘Seu Altamiro, não tenha medo de pedir quanto o senhor quer [pela sua terra]. Eu disse: ‘desculpa aí, mas eu já sou rico. Eu não tenho dinheiro, e não quero. Já sou rico’.**

**Tenho minha casa, tenho uma cachoeira linda, essa natureza. Meu lugar é aqui. Eu não tenho leitura, o que eu vou fazer na cidade? Vou arrumar emprego pra varrer a rua? Não!”**

*Altamiro dos Santos, 64 anos, Praia Grande da Cajaíba, 2019*

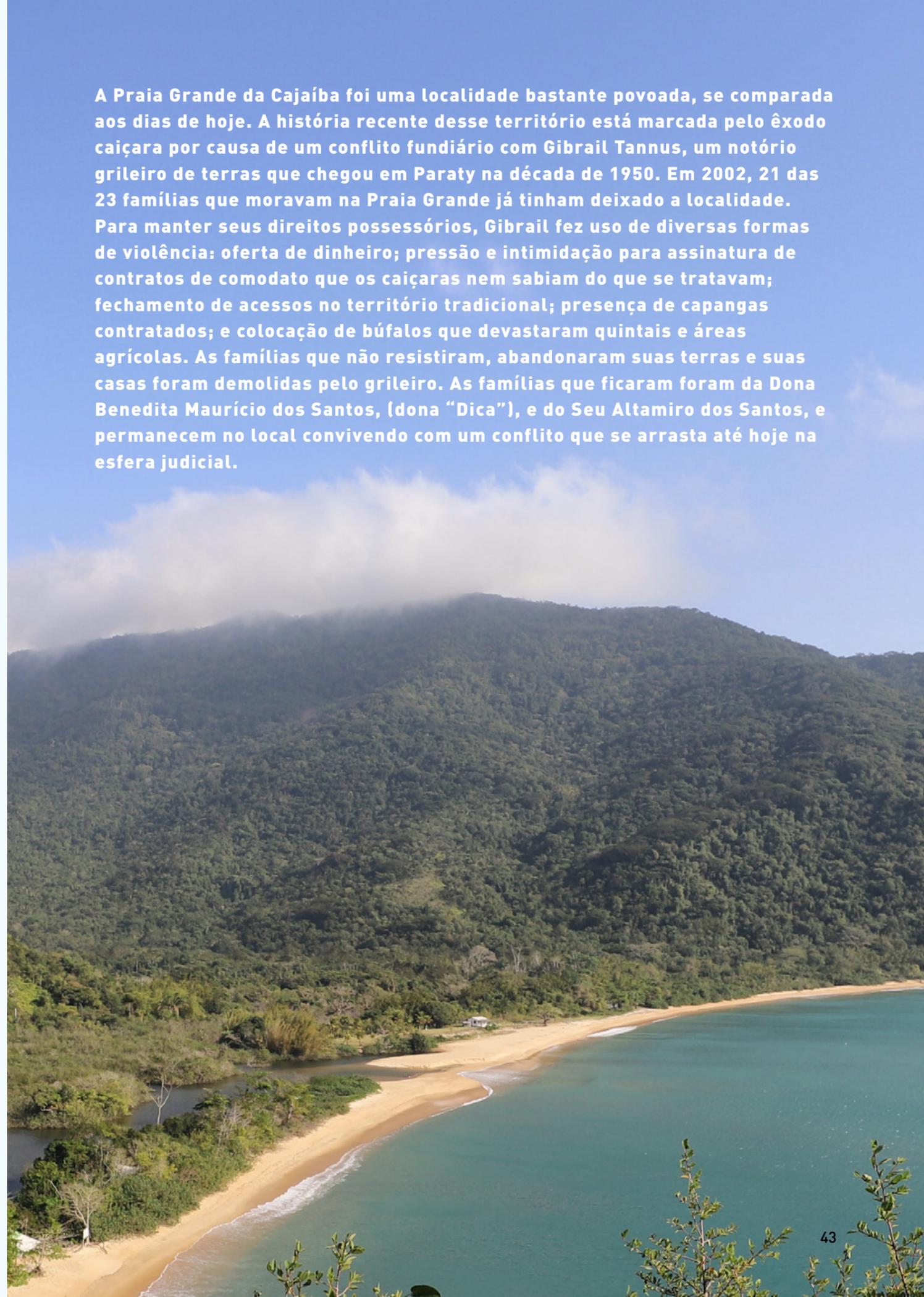
## História da Localidade

### Praia Grande da Cajaíba

Quando conta a história do seu lugar, Altamiro sempre fala da presença dos indígenas e dos africanos. Ele escutou os mais velhos contarem que na formação do povo caiçara da península da Juatinga tem sangue dos indígenas que viviam perto do Pico do Cairuçu, e dos quilombolas que habitavam o sertão da enseada da Cajaíba.



A Praia Grande da Cajaíba foi uma localidade bastante povoada, se comparada aos dias de hoje. A história recente desse território está marcada pelo êxodo caiçara por causa de um conflito fundiário com Gibrail Tannus, um notório grileiro de terras que chegou em Paraty na década de 1950. Em 2002, 21 das 23 famílias que moravam na Praia Grande já tinham deixado a localidade. Para manter seus direitos possessórios, Gibrail fez uso de diversas formas de violência: oferta de dinheiro; pressão e intimidação para assinatura de contratos de comodato que os caiçaras nem sabiam do que se tratavam; fechamento de acessos no território tradicional; presença de capangas contratados; e colocação de búfalos que devastaram quintais e áreas agrícolas. As famílias que não resistiram, abandonaram suas terras e suas casas foram demolidas pelo grileiro. As famílias que ficaram foram a Dona Benedita Maurício dos Santos, (dona “Dica”), e do Seu Altamiro dos Santos, e permanecem no local convivendo com um conflito que se arrasta até hoje na esfera judicial.



Dona Dica lembra com saudade do tempo quando morava muita gente na Praia Grande. Do tempo em que a Bandeira do Divino circulava, tempo em que “o santo saía pra roça” e os foliões visitavam e cantavam de casa em casa.

A luta das famílias caiçaras da Praia Grande pela permanência em seu território tradicional conquistou muitos parceiros e apoiadores institucionais ao longo do tempo. Entre eles destacam-se o Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT) e os gestores das unidades de conservação que mobilizaram a comunidade acadêmica e envolveram defensores públicos e o Ministério Público Federal dando visibilidade ao caso de injustiça contra os caiçaras.

Atualmente, e apesar de tudo, as famílias seguem vivendo da pesca, da agricultura, da renda do turismo e da venda de peças artesanais feitas com fibras coletadas na mata. Altamiro conta que já recebeu ofertas milionárias pelas terras que ocupa no morro do lado esquerdo da localidade. Mas reafirma que não tem interesse em vender pois os caiçaras e as caiçaras da Praia Grande já são ricos.



## Calhaus

O Escaléu está localizado entre a Praia da Ipanema e a pequena Galheta. As famílias tradicionais do Calhaus ocupam esse território há pelo menos 6 ou 7 gerações. São comuns as narrativas sobre a chegada de portugueses que chegaram e se casaram com pessoas do local. Relatos que atravessam gerações e contam a origem das comunidades.

“ O meu pai conta, e o pessoal mais velho como o falecido Onofro, que morreu com

90 anos, que na época tinha uns navios que vinham de lá trabalhar pra cá. Aqueles navios vinham de Portugal, daqueles cantos de lá. Vinham uns alemães, e nessa época, esse cara que veio trabalhar pra cá, ele fez moradia aqui na praia. Ele gostou da minha bisavó e casou com ela. A minha avó é daqui, ele não era”

Francisco Carlos Lopes de Oliveira, Seu “Chico”, 60 anos, Calhaus, 2019

A comunidade caiçara do Calhaus foi crescendo a partir dos anos 1960. Conta-se que nesse tempo moravam 7 famílias aparentadas e havia umas 3 casas fechadas, de famílias que tinham se mudado. No relato, os nomes de antigos moradores mantêm viva a memória dos primeiros ocupantes caiçaras dessa localidade.

**“ Quando eu tinha de nove pra dez anos, eu me lembro, aqui dava pra contar no dedo quantas casas tinha. [Vai apontando a direção das casas]. Tinha a casa do Onofro ali; tinha a casa do Bigode ali; Mané aqui; tio Benedito aqui; o falecido Tião lá em cima; o e Zé Ferro lá no final. Parece que eram seis casas que tinha. Sete casas, com essa do Mané Tatá e do meu sogro. Era todo mundo parente. Tinha mais, mas teve um que foi embora e fechou. O total, entre os caras que tavam aí, eram umas dez casas. E hoje tem mais de 50 casas. Na época isso tudo era tudo mandiocal e capoeirão. Depois o Nanã fez casa; o Gaguinho,**

**um pessoal mais velho; o Angelino morou ali; tinha o Seu Pequeninho lá embaixo também, onde era a casa do Almir”**

*Francisco Carlos Lopes de Oliveira, “Chico”, 60 anos, Calhaus, 2019*

Na década de 1970 foi vendido o primeiro terreno para pessoas de fora. A procura por imóveis chegou com mais força no final dos anos 90. Hoje o Calhaus tem cerca de 70 edificações, das quais 10 são casas de veraneio. As próprias famílias do Calhaus e as unidades de conservação restringiram a construção de casas de veranistas e assim vão protegendo o território tradicional. Nos meses de verão o turismo é intenso, mas fora da temporada a cena mais comum de se ver no Escaléu é o cotidiano pesqueiro, com pescadores costurando as redes estendidas na areia e saindo para visitar o cerco.



## Espaços mapeados na Praia Grande e Calhaus

Os nomes que o povo caiçara dá para os lugares do seu território mostram a importância e múltiplos usos e significados que esses espaços têm. Tanto no mar, na costeira ou em terra, os morros, cachoeiras, pontas, sacos, pedras e ilhas são nomeados. Os nomes às vezes são escolhidos conforme o formato ou a característica do lugar, outras vezes pelo tipo de uso, ou então associado à memória de algum fato que aconteceu ali. Isso facilita a identificação e a comunicação interna, por exemplo, sobre os diferentes pesqueiros e outras áreas de uso da comunidade.

Na enseada da Cajaíba, os principais pontos de referência do território costeiro são, além das praias, a Ponta da Cajaíba, Ilha da Deserta, Costão da Deserta, Ponta da Deserta, Saco do Barbosa, Ponta da Jamanta, Ponta da Espia, Ilha da Itaóca, Pontinha e a Ponta do Pouso. Vários desses pontos são pesqueiros e nos costões também há áreas de coleta de mexilhões e guaiá.

No mar, o mapeamento caracterizou as áreas de pesca conforme o tipo de técnica usada ou espécie capturada. Assim, foram identificadas áreas de pesca de lula e mergulho (numa faixa de 90 a 100 metros distantes da costeira); uma área mais abrangente de pesca artesanal, que inclui os

pontos de cerco, os pontos de rede mijuada, pontos de pesca de linha e arrasto de praia. Cruzando a Baía da Ilha Grande, há locais de pesca também em áreas próximas à Ilha Grande.

Em terra, há diversas áreas e pontos de uso. Foram identificados o rio e o manguezal da Praia Grande; várias cachoeiras, como a Cachoeira do Paulista, Cachoeira da Vargem, Cachoeira do Nilo ou Cachoeira Grande ou Cachoeira do Monjolo, Cachoeira do Quilombo; pontos de captação de água; roças atuais e antigas; áreas de sapezal; áreas de extração de fibras, madeiras e bambus; ranchos; casas de farinha; e áreas de camping.

Também estão no mapa os caminhos que interligam as comunidades e são usados cotidianamente pelos moradores. A trilha que liga a Praia Grande e o Pouso da Cajaíba passa pelo Calhaus, e tem 4 quilômetros.

Na Praia Grande, as habitações e áreas de uso caiçaras estão concentradas do lado direito do Rio (olhando da terra pro mar). Toda a outra porção da praia e restinga do lado esquerdo é ocupada pelos caseiros dos “donos”. Essa área deixou de ser uma zona de circulação e uso livre dos moradores tradicionais.



## Atividades Produtivas no Calhaus e Praia Grande

Pesca, agricultura, extrativismo e turismo são as principais atividades desenvolvidas pelas comunidades do Calhaus e Praia Grande da Cajaíba para garantir alimentação e gerar renda. As três primeiras (pesca, agricultura e extrativismo) são realizadas ao longo do ano todo, variando conforme os ciclos naturais.

As técnicas construtivas tradicionais feitas com recursos do território garantem independência com relação aos materiais de construção comprados na cidade. Na Praia Grande, essas práticas estão bastante ativas.

## Turismo

O turismo é sazonal: se intensifica na temporada de verão e depois fica meses com movimento em baixa. Nas últimas duas décadas, também em função da redução da pesca, os caiçaras do Calhaus e Ipanema passaram a obter com o turismo o maior volume de renda anual.

Na Praia Grande também a maior parte dos recursos financeiros gerados na comunidade vem do turismo. Na localidade existem áreas de camping e quartos para alugar. Durante a temporada, os

ranchos de pesca são adaptados para funcionarem como bares e restaurantes. A venda do bellissimo artesanato produzido pela Dona Dica com cipós e taquara também é um complemento da renda familiar.

No Calhaus a organização dessa atividade envolve a prestação de serviços como caseiros e estrutura para recepção de visitantes que inclui: casas ou quartos anexos para hospedagem; área de camping e fornecimento de refeições.

Tanto na Praia Grande como no Calhaus, o transporte marítimo entre Paraty, Paraty-Mirim e as comunidades da península também é uma atividade essencial da infraestrutura turística que eles oferecem. Para esse trabalho, os caiçaras investem em botes de fibra e motores de popa, mais rápidos que os antigos botes de madeira com motor de centro. Embora a maioria dos jovens já esteja adaptada a esse tipo de embarcação, alguns antigos ainda preferem o tempo das viagens mais longas: **“Eu não quero essa lancha não! As coisas rápidas ainda vão acabar com a gente”** *Altamiro dos Santos, 66 anos, Praia Grande, 2021*



## Pesca

O Calhaus e a Praia Grande são comunidades que praticam intensamente a pesca artesanal.

O cerco fixo flutuante é uma técnica pesqueira que fornece peixe para o sustento familiar e o excedente é vendido. Nos meses de fartura, os pescadores conseguem uma boa renda com o peixe do cerco. As duas comunidades juntas possuem 15 pontos de cerco na enseada da Cajaíba.

A comunidade do Calhaus tem uma história especialmente vinculada aos cercos, pois nessa localidade vivem famílias caiçaras que descendem do Oda, que morou na Ponta da Juatinga e ensinou a técnica para os caiçaras. O falecido Olímpio, da Juatinga, contava que Oda se refugiou na península na década de 40, durante a segunda guerra mundial. Suas netas que moram no Calhaus, Anita e Bidica confirmam que Oda precisou mudar de nome para fugir das perseguições aos japoneses durante a guerra.

O Calhaus é a comunidade com o maior número de cercos ativos em toda a península da Juatinga, somando 11 pontos: 4 pontos do Secundino, 2 pontos do Chico, 2 pontos do Cecílio, 1 do Valdeci, 1 do Valmor e 1 do Dito (ver mapa). A comunidade da Praia Grande trabalha em 4 pontos: 1 do Altamiro, 1 do Alef, 1 do Cacaoio e 1 do Veraldo



e Kika.

Os 11 cercos mantidos pela comunidade do Calhaus estão localizados no costão da Deserta e ao longo da enseada, até a Ponta do Pouso. São mais de 20 pessoas envolvidas na pesca de cerco no Calhaus.

No Calhaus, o tingimento do cerco era feito com a casca de algumas árvores (tigicuaia, mangue, cobí e aroeira) mas deixou de ser feito porque as árvores utilizadas estão distantes e porque durante um tempo houve proibição do órgão ambiental à prática.

Os cercos flutuantes são armadilhas de pesca fixadas a uma distância que varia conforme as características do local onde será instalado. A altura varia entre 7 e 9 braças. O “caminho” do cerco é a rede que bloqueia a passagem dos peixes conduzindo-os à boca da armadilha. O caminho pode variar entre 50 e 60 braças, ou seja, até 80 metros. Existem cercos de uma ou duas bocas. Quando os peixes entram no cerco, ficam dentro do sacador, uma rede de malha mais fina. O rodo do cerco são os cabos que sustentam as redes na superfície da água, por meio de bóias, as chamadas copiadas, feitas de bambu, e para fixar o cerco são utilizadas pedras, com a função de âncora. O cerco precisa ser visitado 2 a 3 vezes ao dia, para que os peixes não tenham tempo de encontrar a saída. A manutenção das redes do cerco precisa ser feita com frequência, porque ela desgasta naturalmente em contato com a água e porque tem peixes que arrebatam a rede, como o baiacu e a espada. O ideal é retirar a rede da água a cada 10 ou 12 dias.

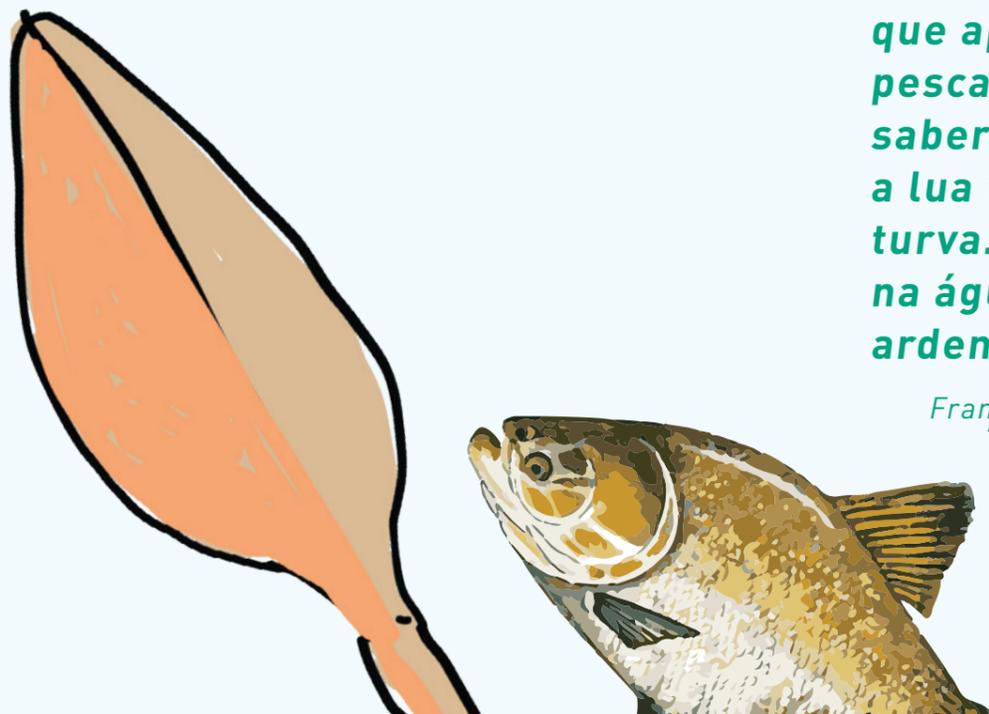


**“ Nós estávamos tingindo [a rede do cerco], agora paramos porque dá muito trabalho. Se tingir a rede, fortalece o fio e pesca mais, demora a pegar sujeira e limo. A gente tinge com tiguia, mangue, cobí aroeira também dá. Nós tínhamos uns tachos e banheira também, mas agora paramos de cozinhar. O meio ambiente também acabou com a gente. A gente descascando, os caras vinham. Uma vez, estávamos tirando mangue lá em cima, cada um trazia o seu saco de mangue. Aí os homens bateram lá e começaram a proibir. Aí a gente parou. Mas uma coisa eu digo: um cerco com tinta é mais pesqueiro. Agora liberaram, deixam cortar uma madeira pra fazer uma casa, pode tirar uma canoa. Só levar lá, tirar foto e levar lá, [autorizam]”**

*Francisco Carlos Lopes de Oliveira, “Chico”, 60 anos, Calhaus, 2019*

Além do cerco, outras modalidades de pesca são praticadas, como mergulho, pesca embarcada, pesca de rede e de linha. Importante ter petrechos diferentes para poder diversificar a modalidade de pesca quando o “mar não está pra peixe”.

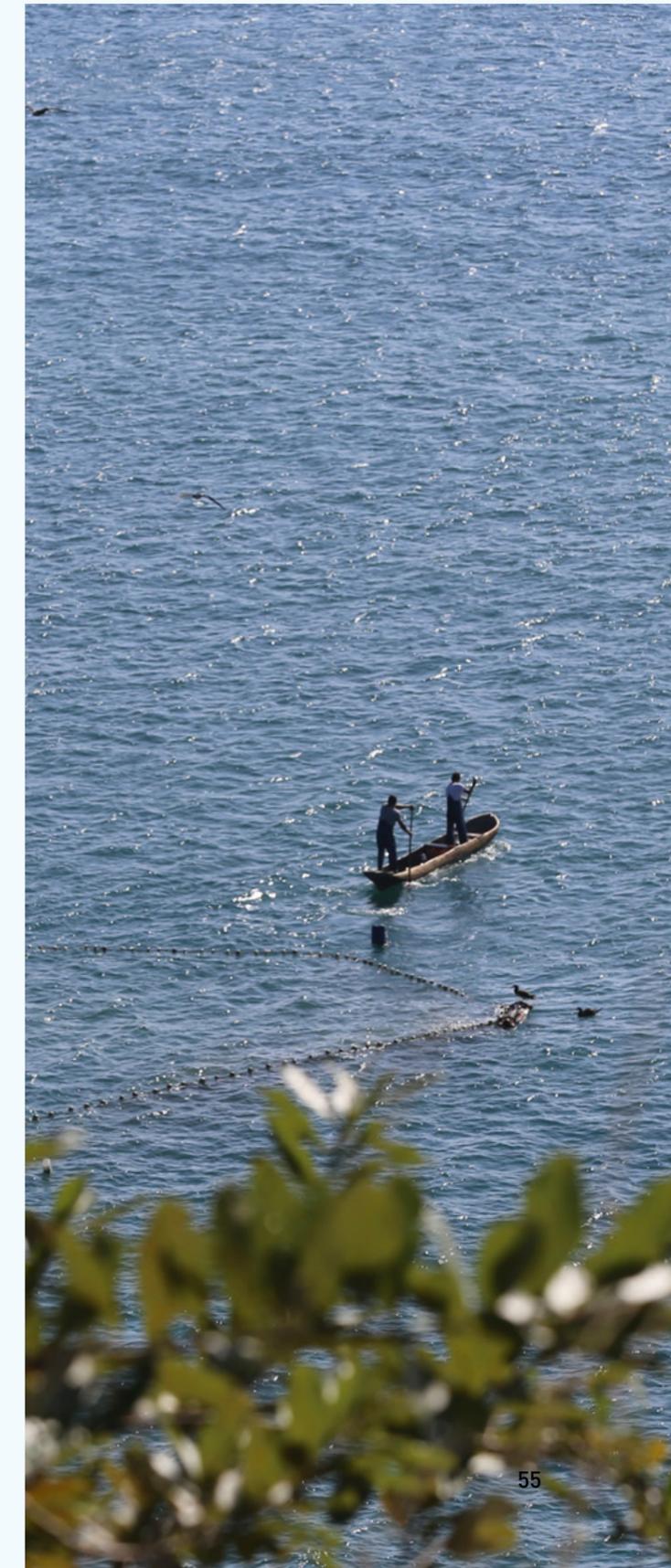
No tempo frio, o cerco não fica na água, a pesca cai e muitos pescadores optam por buscar uma vaga na pesca embarcada. A pesca embarcada de sardinha, corvina e camarão é também uma escola para muitos pescadores do Calhaus. Antigamente, na década de 1970 e 80, os pescadores saíam para pescar sardinha em Santos ou Cabo Frio, onde havia maior disponibilidade de traineiras e postos de trabalho. Naquele tempo não havia sonar, e a pesca era feita durante as noites sem lua, pois era preciso ver a ardentia que a passagem do cardume deixava no mar. Ainda bem jovens, muitos pescadores deixaram a escola para aprender o ofício de pescador profissional nas embarcações de sardinha, corvina e camarão.



**“ Eu comecei a pescar com uns 14 anos. Com nove, dez anos, eu já tava nesse mar aí, perdido, com o meu pai. A pesca não é muito de ensinar. Ele [o pai] fica fazendo as coisas e a gente fica ali, só vendo como é que faz, como não faz. Aí pega a manha e faz também, é facinho. Eu abandonei a escola com dez anos pra pescar. Eu fiquei trabalhando lá na rede de malha, na casa da minha avó. Com 14 anos saí pra fora. Eu fiz o embarque na minha carteira lá em Santos. Lá era assim: eu trabalhava, e quando chegava no final do escuro eu parava. Quando a lua ficava clara, que aparecia toda, não pescava. Porque pra saber onde tá o cardume, a lua tem que estar bem turva. Senão a lua reflete na água e ninguém vê a ardentia”**

*Francisco Carlos Lopes de Oliveira, “Chico”, 60 anos, Calhaus, 2019*

Os pescadores conhecem o calendário anual da pesca na região, e com base nele organizam o tempo e os materiais de trabalho mais adequados ao momento.



“ Nós trabalhamos por épocas: outubro e novembro em diante tem a época da sororoca e carapau branco. Mês de novembro a gente pega um robalo no cerco também. Dezembro cai um pouquinho a coisa do peixe. Janeiro é meio fraco, é época de galo, mas é meio fraco ainda. Fevereiro e março, até abril, é época de xerelete e cavala. A lula vem de novembro, dezembro, janeiro até março. Maio e junho, no tempo frio, é fraco pra nós. O cerco mesmo a gente já evita jogar na água. Mas é melhor pro camarão, aqui tem o branco e o sete barbas. A pesca do

camarão de sete barbas e branco fecha em março e abre em junho. Então a maioria [dos pescadores] pesca nesses barcos. A tainha é do mês de junho, só que a tainha a gente não tem preparo pra ela, porque é uma vez no ano, precisa de uma rede só pra tainha. Julho, agosto e setembro pra nós não dá. Tem a corvina aí fora. Por isso que pescaria é assim: você tem que ter todas as qualidades de material pra trabalhar, porque chega uma época, é um fracasso. Esses três meses que eu falei, se você tem o material da corvina pra trabalhar, você trabalha bem”

Francisco Carlos Lopes de Oliveira,  
“Chico”, 60 anos, Calhaus, 2019

Na foto: Altamiro dos Santos, liderança caiçara da Praia Grande da Cajaíba

## Roça e extrativismo

Na Praia Grande, a atividade agrícola é realizada por vários núcleos familiares. No Calhaus não tem roças hoje em dia, mas algumas famílias mantêm algumas frutas e outras plantas no quintal.

Além das tradicionais roças de coivara onde plantam rama, feijão, milho, cana e algumas frutas, na comunidade da Praia Grande tem uma agrofloresta com plantio de espécies importantes para uso (seja alimentar, medicinal, construtivo, ou por sua importância para nutrição do solo) junto com espécies nativas deixadas na área, também em função de sua utilidade.



Abacate

Abacaxi (e rama plantada pelo meio, e banana também)

Açaí

Anjico preto, ou "Janjico" - pra móvel e pra barco

Araça

Araribá

Banana Prata, Banana Ouro, Banana da Terra

Batata-Doce Roxa, Batata-Doce Branca

Cacau

Cajuja

Cambucá

Cana Cera, Cana Preta e Cana Pico

Cana Ficha (para canoa)

Capororoca

Cedro (para canoa)

Condessa

Dama da noite

Embaúba

Feijão de porco "bom pra plantar na roça, contra "olho grande"

Grumixama

Guacá

Guapuruvu (ou Capurubu)

Ingá de Concha (para canoa)

Ingá de metro

Ingá Flecha (canoa)

Inga macaco

Inhame

Ipe amarelo

Jabuticaba

Jaca

Jacatirão - madeira da casa

Jussara

Laranja mexerica - junho

Mandioca Maricá, Aipim Vermelho, aipim vassorinha

Manga

Monjolo

Paineira

Paineira rosa (traz periquito e papagaio, cabaça grande e bom para canoa)

Palmeira real

Pau Brasil

Pitanga

Pupunha

Quaresmeira

Taioba

Tarumã

Timbuíba (para canoa)

Urucum

O extrativismo segue ocorrendo na Praia Grande da Cajaíba para fins construtivos, como será detalhado na sessão a seguir, para fazer canoa e remos, e para confecção de peças artesanais, como cestos e balaies de cipó feitos principalmente pela Dona Dica e seus filhos e filhas que aprenderam com ela.



## Construção de casa

A construção de casas de pau-a-pique ou estuque faz parte dos conhecimentos e práticas tradicionais que a comunidade mantém vivos na localidade. A construção de uma casa de barro envolve a organização de um “jitório”, também chamado de ajudatório ou mutirão. Participam familiares, amigos, compadres e comadres e, geralmente, leva o dia todo de trabalho. A família anfitriã oferece um almoço para a equipe de trabalho. Nesses momentos, os laços de solidariedade e amizade são atualizados e reforçados. Antigamente, era comum esses mutirões terminarem com um baile.

A primeira tarefa na construção da casa é a escolha do terreno, considerando como critério principal o abastecimento de água. Se o terreno não for plano, é preciso “cortar o barranco” com a picareta e o enxadão para aplainar a área da casa. Boa parte da terra removida nessa operação é utilizada posteriormente para barrear as paredes da casa.

Os esteios e travessas da cobertura precisam ser feitos de madeiras resistentes. São muito usados o jacatirão, a capororoca e a cascapreta. As madeiras da casa devem ser cortadas na lua minguante, para aumentar a durabilidade e evitar bichos e brocas.

Antes de barrear, as paredes são envaradas: primeiro é fincado o pau-a-pique, que são as madeiras roliças na vertical. Então são amarradas as madeiras finas ou bambus na horizontal, dos dois lados. A amarração do envaro no pau-a-pique pode ser feita de cipó timbopeva ou embé, ou de arame.

A massadura de barro para preencher o envaro deve ter uma consistência certa para poder fixar no envaro. A massadura é feita adicionando água no barro e pisoteando até amolecer e ficar homogênea. Pode-se adicionar cimento na massa para reduzir as fissuras ou “gretas” naturais que se formam quando o barro seca. Rachaduras não são desejáveis, porque nelas se alojam insetos e aranhas.

Depois de cerca de 2 dias secando no sol quente, já é possível fazer o emboço, revestindo as paredes barreadas com uma fina camada de uma massa preparada de barro, areia e cimento. Este reboco, mais liso, pode ser pintado, conforme o gosto do dono da casa.

A cobertura tradicional é feita de sapê. Altamiro conta que seu avô Ambrósio era construtor dos bons, “fazia casa de todo mundo na Cajaíba” e a cobertura que ele fazia de sapê “durava 8 anos sem entrar nenhuma água”

“ O sapê, arranca ele quando começa a amarelar. Faz uma primeira limpeza, tira a terra dele, tira um capim navalha que sai junto, e estende espalhado pra secar. Com sol, em 3 ou 4 dias tá preparado. Recolhe e guarda. Pode guardar ela até 1 anos sem pegar chuva. Na hora que vai jogar pra cima [pra cobrir a casa] corta a cabeça dele

[as raízes]. Pra amarrar usa o cipó timumpeva, mas hoje é arame. Vai duas ripas, uma por cima, uma por baixo. Amarra três mãos por vez, bem espremido pra não cair e pra se o vento bater ficar bem firme. O capelo é a cumeeira, mas aí é feito de sapê maduro, faz entrelaçado pra cobrir a cumeeira”

Altamiro dos Santos, 66 anos, Praia Grande, 2021



## Ameaças e conflitos

As comunidades do Calhaus e Praia Grande da Cajaíba identificam uma série de ameaças à pesca. Mencionaram o problema da pesca industrial com sonar, a presença de navios e da iluminação que eles geram, desrespeito ao defeso e falta de fiscalização. E falaram mais de uma vez que têm medo do vazamento de petróleo. Os navios têm potencial impacto para o turismo também, pois eles alteram a paisagem.

**“ O que acabou com a pescaria aqui pra nós é a aparelhagem, o sonar. Ele “choca” o peixe, espanta o peixe. Tinha que botar fiscal pra impedir a pesca dos grandes aqui dentro. Porque o graúdo faz a gente de gato e sapato”**

*Secundino de Jesus, 68 anos, Calhaus, 2021*

**“ Depois que eles começaram a mexer aí fora, vai dar problema: os camarões aí de fora vão começar a sumir; as corvinas. Porque de vez em quando dá um vazamentozinho nas águas, não dá? Esse ano tavam matando lula tudo no navio. Chegou a ver isso? Passava lá, tinha um bocado de barco no navio, barco de 200 quilos, 150 quilos. Lula foi tudo pros navios por causa da iluminação. Então esse ano deu bem pouca lula aqui pra nós”**

*Francisco Carlos Lopes de Oliveira, “Chico”, 60 anos, Calhaus, 2019*

Segundo relato abaixo, a liberação dos barcos industriais no território tradicional caiçara está ligada a um conjunto de interesses de setores empresariais e políticos. Para solucionar esse problema, segundo relatos, teria que se criar uma reserva pesqueira caiçara, que protegesse a pesca artesanal. Isso beneficiaria ao mesmo tempo os pescadores industriais, pois nessa área estaria garantida procriação dos peixes e também ajudaria a salvaguardar o patrimônio cultural caiçara.



“ A pescaria não tem mais, não existe, quebrou setenta por cento. Porque onde eles [barcos industriais] tiram sardinhazinha é onde o peixe tá. O peixe vem aqui pra comer a sardinha, aí eles vão, cercam, tiram tudo. E tem outra: você não pode reclamar com eles porque eles têm licença pra matar e tirar onda de você ainda, tá entendendo? Porque um barco desse é tudo de empresa. É governador, é deputado, é a família toda ali agarrada. Então não tem como tirar, pra tirar é uma briga. Vai brigar com uns homens desses? A única coisa que pode tirar é fazendo a reserva. Se tu botou a reserva, você tira. Da reserva pra dentro, se eles entrarem, aí já é briga. Uma reserva que pegasse lá da Trindade e passasse ali por fora, pegando aquela ilha do Sono ali, viesse direto, direto, direto. Aí sim. Aí você ia ver criação de peixe, ia ver criação de sardinha, ia ver muita coisa. Enquanto não fizer isso, não vai ver nada. Eu falo a verdade pra vocês, eu ainda tô vendo peixe. Mas essas criancinhas não vão ver mais, não”

*Francisco Carlos Lopes de Oliveira, “Chico”, 60 anos, Calhaus, 2019*

Questões sobre a atuação do órgão ambiental na comunidade também foram mencionadas no Calhaus. Problemas ligados à assistência de saúde (médico e agente de saúde pouco disponíveis), à educação (não tem ainda o segundo segmento do ensino fundamental no Calhaus), e insuficiência do serviço de recolhimento de lixo nas

comunidades também apareceram. Por fim, surgiu uma preocupação dos mais velhos com o desinteresse dos jovens em manter a cultura tradicional colocando em risco sua continuidade.

Além das questões já mencionadas, na Praia Grande o conflito fundiário narrado no início desse bloco continua preocupando os moradores. Altamiro é réu em uma ação de reintegração de posse movida em 2003 pelo suposto dono, que coage a comunidade com violência física e psicológica. Enquanto corre o processo jurídico, a insegurança permanece e convive-se com o medo de que a Praia Grande seja loteada ou seja invadida por um resort de luxo.

## Infraestrutura comunitária e serviços públicos

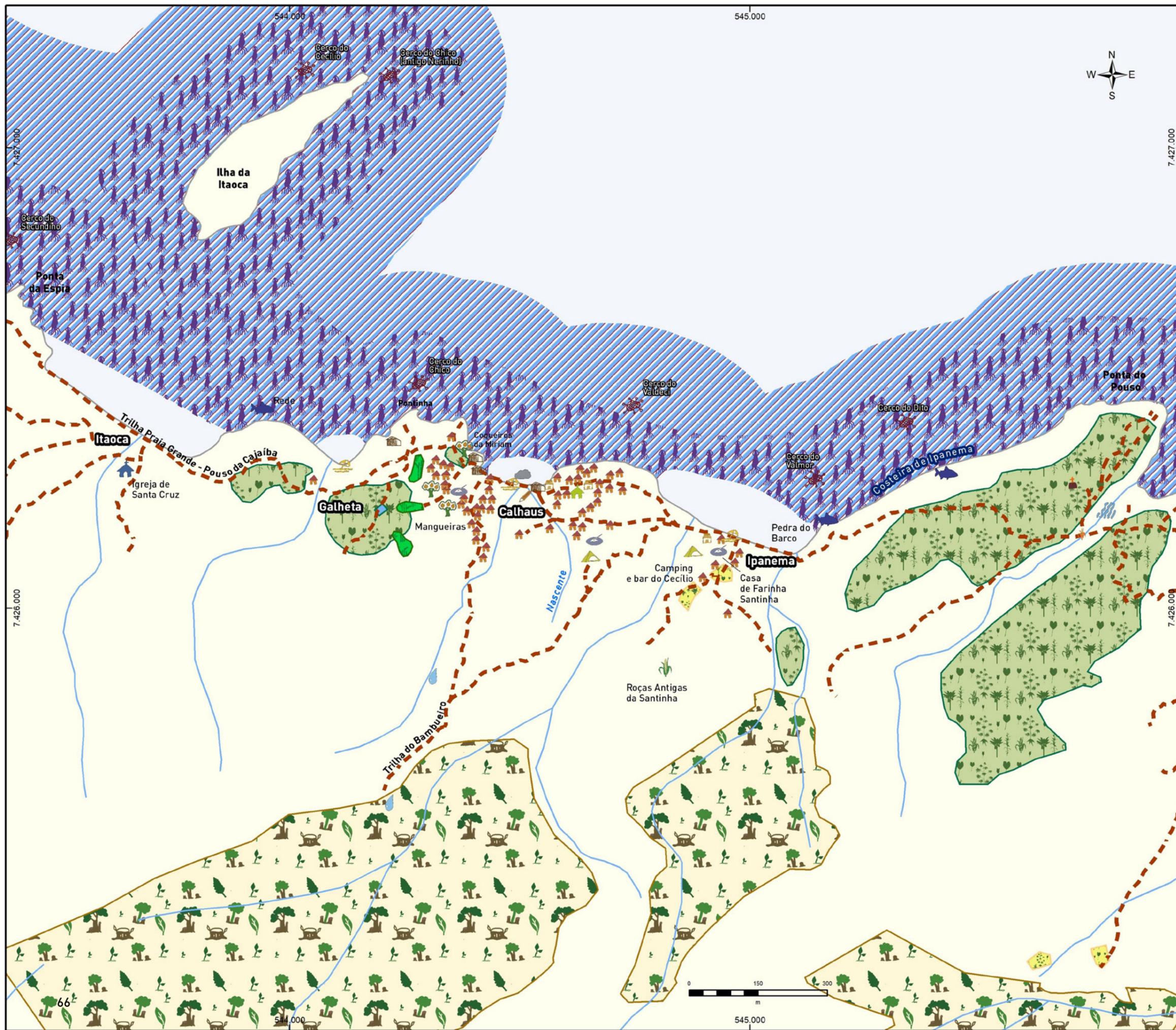
Há uma escola de ensino fundamental para o primeiro segmento no Calhaus. Lá estudam crianças da Praia Grande, Itaóca, Calhaus e Ipanema. Para estudar no segundo segmento, as crianças vão para a escola do Pouso da Cajaíba. Em 2019, foi implementado pela secretaria municipal de educação um esquema de transporte marítimo para levar as crianças do segundo segmento até o Pouso.



## Bandeiras de luta do FCT

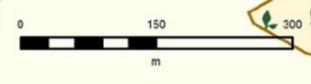
A comunidade da Praia Grande da Cajaíba integra o Fórum de Comunidades Tradicionais e estabelece uma relação de apoio mútuo, ao mesmo tempo em que fortalece o movimento, é por ele fortalecido em suas lutas locais. O FCT tem apoiado a comunidade na resolução dos conflitos fundiários, tecendo articulações com parceiros institucionais e assessoria jurídica em diversos níveis para defesa do território caíçara. Na Praia Grande há módulos de saneamento ecológico, aplicando a tecnologia social elaborada pelo OTSS. Além disso, ações da frente de agroecologia também acontecem nessa localidade.

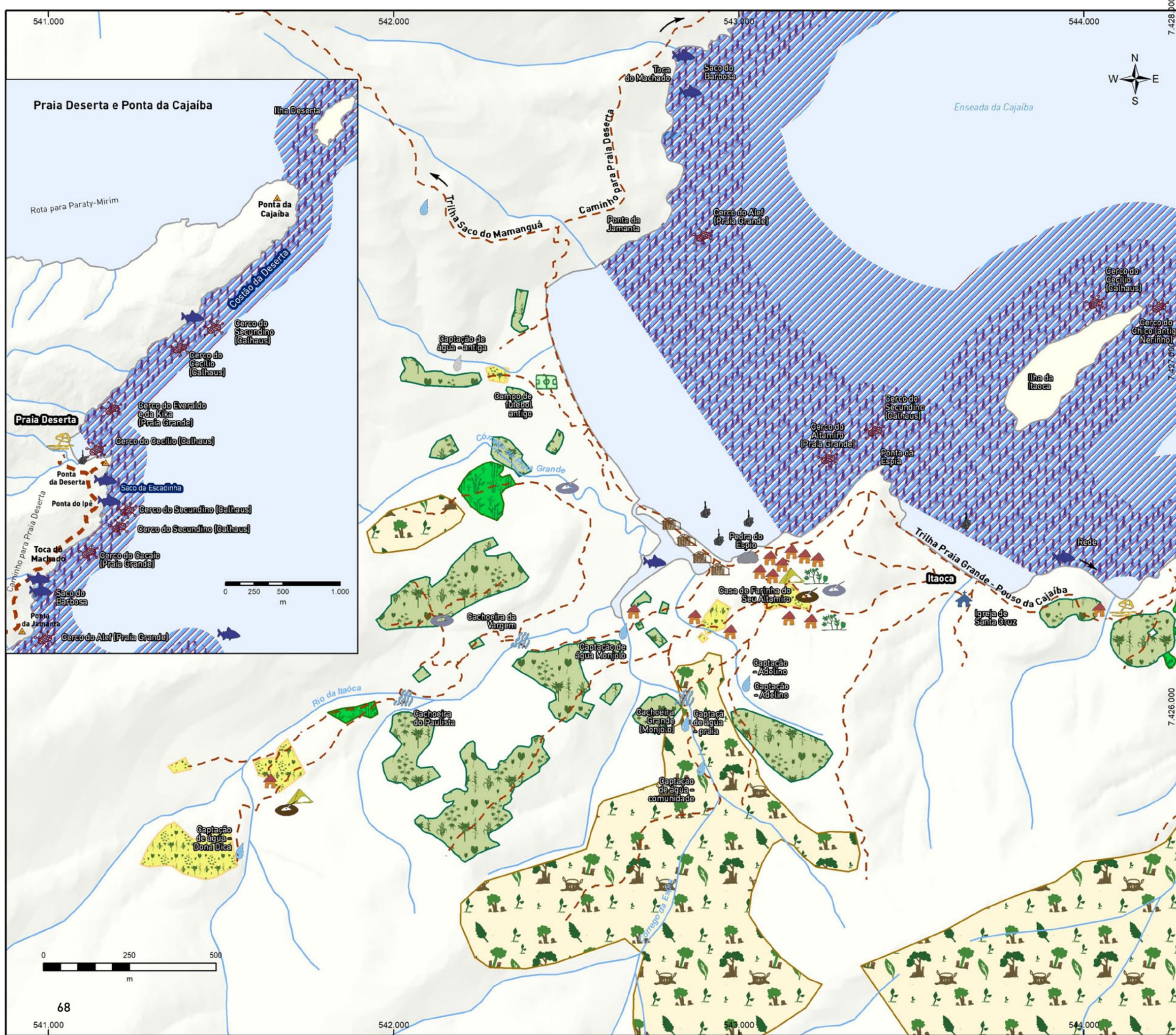
# COMUNIDADE CAIÇARA DO CALHAUS, IPANEMA E GALHETA



## Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

- Cachoeira
- Camping de caiçara
- Captação de água
- Casa de caiçara
- Casa de farinha antiga
- Comércio de comunitário
- Escola
- Frutífera
- Igreja
- Pedra
- Pesca artesanal
- Pesca de Cerco
- Praia
- Rancho de pesca
- Roça
- Rio
- Trilha
- Área comunitária
- Extrativismo
- Pesca de lula
- Pesca de mergulho
- Roça
- Roça antiga
- Sapezal





# COMUNIDADE CAIÇARA DA PRAIA GRANDE DA CAJAÍBA

## Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

- Agrolloresta
- Cachoeira
- Camping de caiçara
- Campo de futebol antigo
- Captação de água
- Captação de água antiga
- Casa de caiçara
- Casa de farinha
- Casa de farinha antiga
- Igreja
- Pedra
- Pesca artesanal
- Pesca de Cerco
- Poita
- Praia
- Rancho de pesca/ Quiosque
- Trilha antiga
- Rio
- Extrativismo
- Pesca artesanal
- Pesca de lula
- Pesca de mergulho
- Roça
- Roça antiga
- Sapezal

# Pouso da Cajaíba

Pouso da Cajaíba é a maior comunidade desta região da península da Juatinga. É o principal refúgio para embarcações e para descanso dos viajantes para outras localidades da região. Contam que Cajaíba foi o nome dado pelos indígenas para designar “fruta-pão”, quando esta foi introduzida na América, de origem asiática.

## História da localidade

A ocupação não indígena na península da Juatinga começou com a implantação de fazendas que funcionavam com mão de obra escravizada. Miguel Souza, um antigo morador caiçara do Pouso da Cajaíba, descendente dos primeiros europeus que aportaram na região, conta o que ouviu os seus mais velhos contando. Sua filha, Marinete Souza, reuniu esses relatos e pesquisas e publicou um livro chamado “Pouso da Cajaíba desde 1563”, ano em que consta a visita do Padre Anchieta à localidade. Na entrevista que concedeu no processo de caracterização, Seu Miguel conta como era a vida no Pouso da Cajaíba antigamente:

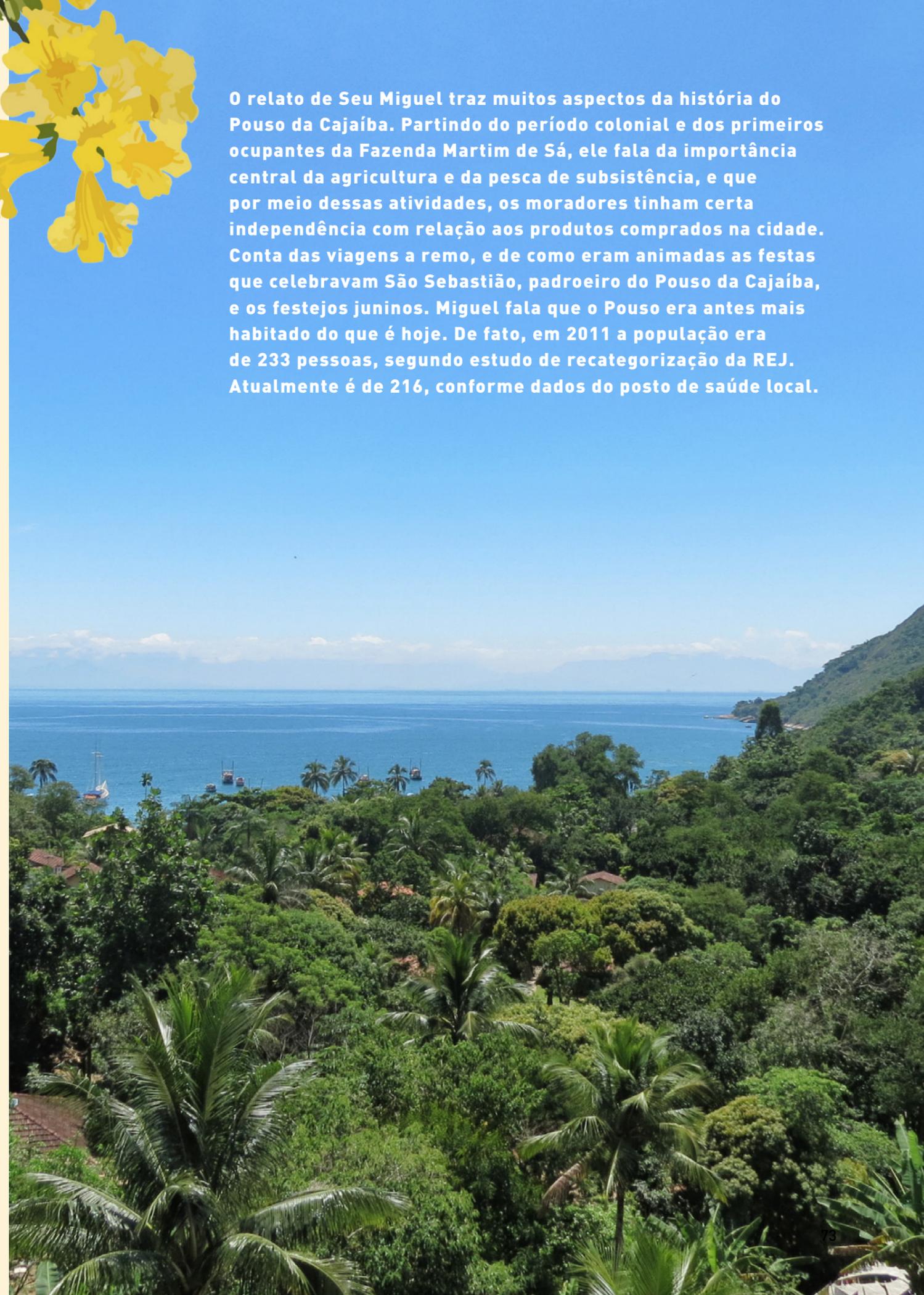
“ Na época quando foi descoberto o Brasil que veio esse pessoal. Aqui também teve o tempo dos escravos, no Pouso e Martim de Sá. Tinha a fazenda Martim de Sá que pegava o Pouso, Martim de Sá, Sumaca, Cairuçu. O dono da fazenda tinha uns escravos também na época. Aqui tinha um sobrado grandão, ó na frente ali. Sobrado do tempo dos escravos. Antigamente as pessoas viviam da roça, plantava, não tinha esse negócio de meio ambiente. Roçava, plantava o feijão, a mandioca, a rama, mandioca para fazer farinha, plantava o milho, plantava tudo! Vivia da roça. Dali saía pescar o peixe, a sobrevivência dele, a comida. Criava galinha, criava o

porco, fazia as coisas todas, então não dependia nada de lá [da cidade]. Plantava laranja, as frutas: banana, mamão, abacate.

A gente não tinha barco, não tinha motor, não tinha nada. Era tudo a remo, tudo a remo, canoa tirada do mato. Daqui pra cidade a gente viajava na canoa a remo, quatro horas a remo daqui na cidade. E fazia festa: no tempo de Reis, fazia Reis. Fazia baile, dançava. Aquela igreja ali [aponta para a igreja localizada na praia] é igreja de São Sebastião. Antigamente era uma igreja pequenininha, era de estuque a igrejazinha. O padroeiro é São Sebastião, fazia festa em janeiro, tinha um andor grandão, botava o santo em cima, andava pela praia, procissão na praia. Tava aquela fogueira, aí ia pro baile, dançava o baile. E tinha os tocadores, eram daqui mesmo, tocavam viola, pandeiro... a timba. Aí dançava de par, dançava em roda. Tinha muita qualidade de dança, dançava a ciranda, tinha cana verde de mão (dançava soltava essa mão, pegava na mão do outro, pra dar a mão pro outro, em roda), tinha dança do chapéu. Era a noite toda, até de manhã! Amanhecia o dia dançando! Era luz, era querosene. Aqui no Pouso era só o católico mesmo, não tinha crente. Aí depois apareceu e foi mudando. Antigamente tinha muita gente aqui, mas foram se mudando. Os mais velhos foram morrendo e os mais novos foram saindo.”

*Miguel Souza, 78 anos, Pouso da Cajaíba, 2019*

O relato de Seu Miguel traz muitos aspectos da história do Pouso da Cajaíba. Partindo do período colonial e dos primeiros ocupantes da Fazenda Martim de Sá, ele fala da importância central da agricultura e da pesca de subsistência, e que por meio dessas atividades, os moradores tinham certa independência com relação aos produtos comprados na cidade. Conta das viagens a remo, e de como eram animadas as festas que celebravam São Sebastião, padroeiro do Pouso da Cajaíba, e os festejos juninos. Miguel fala que o Pouso era antes mais habitado do que é hoje. De fato, em 2011 a população era de 233 pessoas, segundo estudo de recategorização da REJ. Atualmente é de 216, conforme dados do posto de saúde local.





Na praça central do Pouso da Cajaíba, ao lado da igreja, da escola e do posto de saúde, existe um imenso pé de Tamarindo. A árvore teria sido plantada quando o Padre Anchieta esteve na localidade. Histórias como essa marcam a memória dos moradores e tornam o território um espaço-tempo repleto de significados.

**“ Ninguém sabe a idade do pé de tamarindo. Quando meu pai se entendeu como gente, o avô não soube contar, a árvore já era grande. Várias gerações não souberam contar a idade do pé de tamarindo. Mas tem uma história que me contaram: o Padre Anchieta plantava uma árvore em todo lugar que passava. O tamarindo não é do Brasil, vem da Índia. Dizem que o Padre Anchieta quando veio ao Rio de Janeiro ancorou no Pouso da Cajaíba. A guarnição desceu na praia, o padre escreveu um salmo na areia. E como ele sempre fazia, plantou uma árvore: o pé de Tamarindo. A comunidade**

**cuidou e a árvore cresceu. Os eventos que acontecem na comunidade são embaixo da árvore. A árvore protege a comunidade. O pé de Tamarindo é sagrado para o povo do Pouso”**

*Francisco Xavier Sobrinho, “Ticote”;  
INEA, 2011*

## **Espaços mapeados**

O mapeamento do Pouso da Cajaíba levantou uma série de lugares nomeados que são referências do território tradicional caiçara, tanto em terra, como na costeira: Pedra das Araras, Ponta da Mesa, Saco da Baleia, Toca do Carro, Pedra da Lagada, Ponta do Pouso, Diogo e Tapina do Miranda são alguns desses espaços. Também foram incluídos no mapa áreas de uso, como roças antigas e atuais, pesqueiros, áreas de extração de sapê, fibras e madeiras, cursos d’água, rotas marítimas e caminhos que dão acesso às outras localidades. Também estão no mapa a igreja, o pé de tamarindo e pontos de infraestrutura e serviços públicos, como a escola e o posto de saúde. Os navios que integram a indústria do petróleo e os barcos de pesca industrial também aparecem no mapa, demonstrando sua presença no maritório caiçara.

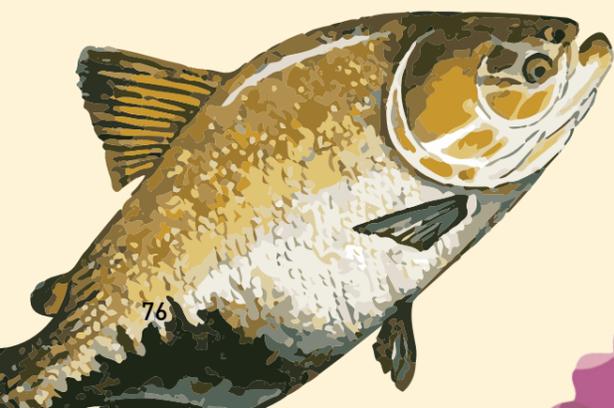
## Atividades produtivas

Pesca e turismo são as principais atividades que geram renda para as famílias caiçaras do Pouso da Cajaíba. Segundo os moradores, a pesca de camarão é a principal fonte de renda da comunidade, seguida pela atividade de turismo. Ambas são atividades sazonais e, para muitas famílias do Pouso, se complementam.

Além disso, a agricultura e o extrativismo ainda se mantêm como práticas de subsistência. Com relação à maricultura, há um ponto de maricultura desativado (do Ticote) e uma fazenda marinha voltada à criação de vieira e mexilhão (do Gabriel)

### Pesca

No Pouso da Cajaíba, as pessoas aprendem a pescar quando são ainda crianças. Esse aprendizado acontece na prática, com parentes mais velhos.



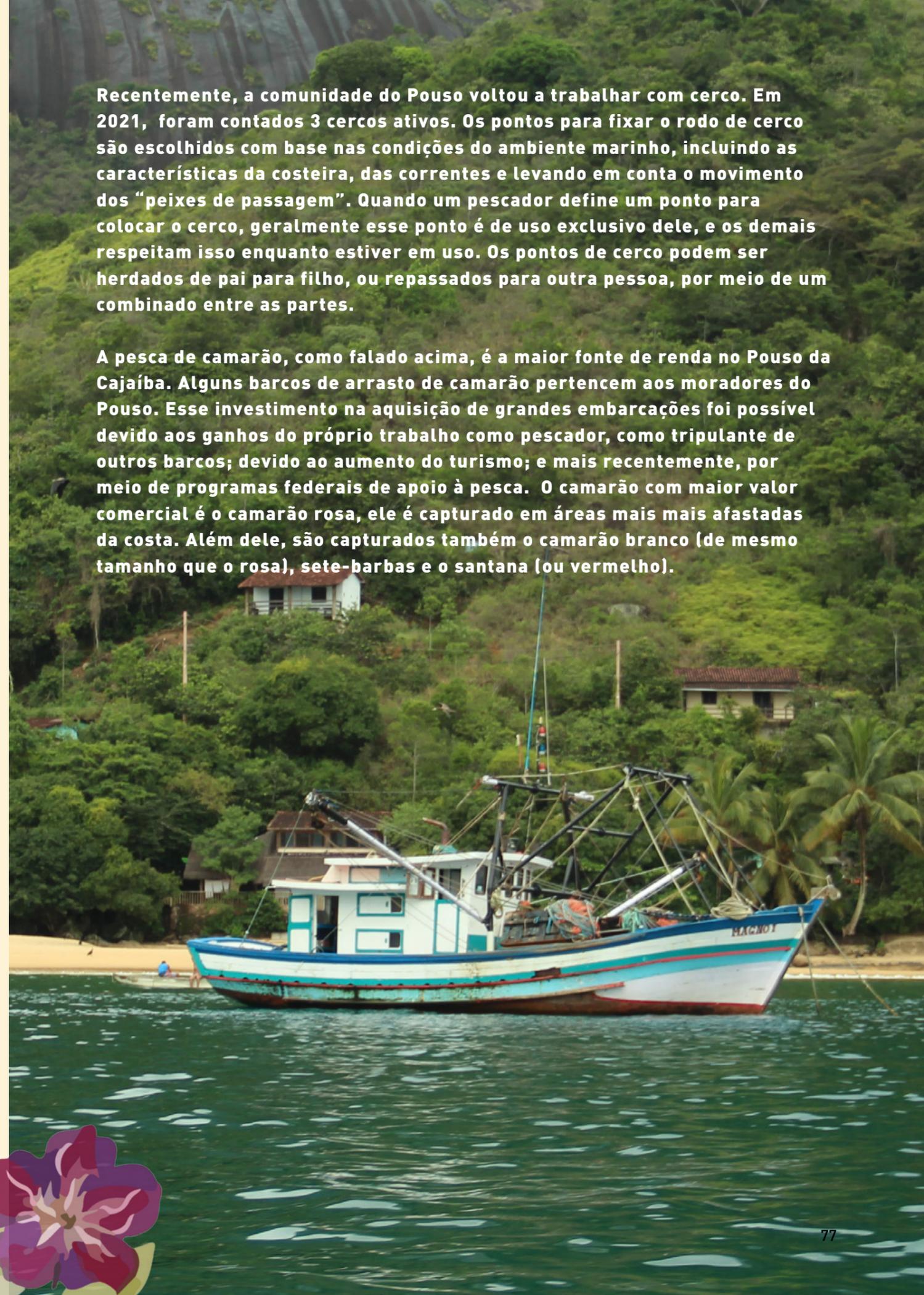
“ **Aprendi a pescar com meu pai, Anastácio. Com cinco anos, seis anos de idade, ele saía na canoa para pescar, botava eu na popa da canoa e ele ficava no meio pescando. Eu sentado na popa com uma linhazinha na minha mão também, pescando. A gente não tinha barco, não tinha motor, não tinha nada, era tudo a remo, canoa e remo tirados do mato”**

*Miguel Souza, 78 anos, Pouso da Cajaíba, 2019*

A pesca artesanal é essencial para manter a segurança alimentar e nutricional das famílias caiçaras do Pouso. Os pescadores e as pescadoras conhecem e praticam várias modalidades de pesca, e cada uma é apropriada para capturar certas espécies, em determinados locais e nos momentos certos. Entre as técnicas de pesca artesanal praticadas próximas à costeira estão a pesca de cerco, pesca de lula (com zangareio), pesca de linha, pesca de rede mijuada e mergulho. Mais afastada da costa, se dedicam bastante à pesca de camarão, em barcos de arrasto, durante os meses de junho a fevereiro.

Recentemente, a comunidade do Pouso voltou a trabalhar com cerco. Em 2021, foram contados 3 cercos ativos. Os pontos para fixar o rodo de cerco são escolhidos com base nas condições do ambiente marinho, incluindo as características da costeira, das correntes e levando em conta o movimento dos “peixes de passagem”. Quando um pescador define um ponto para colocar o cerco, geralmente esse ponto é de uso exclusivo dele, e os demais respeitam isso enquanto estiver em uso. Os pontos de cerco podem ser herdados de pai para filho, ou repassados para outra pessoa, por meio de um combinado entre as partes.

A pesca de camarão, como falado acima, é a maior fonte de renda no Pouso da Cajaíba. Alguns barcos de arrasto de camarão pertencem aos moradores do Pouso. Esse investimento na aquisição de grandes embarcações foi possível devido aos ganhos do próprio trabalho como pescador, como tripulante de outros barcos; devido ao aumento do turismo; e mais recentemente, por meio de programas federais de apoio à pesca. O camarão com maior valor comercial é o camarão rosa, ele é capturado em áreas mais afastadas da costa. Além dele, são capturados também o camarão branco (de mesmo tamanho que o rosa), sete-barbas e o santana (ou vermelho).



“ O camarão branco e o camarão rosa é a mesma coisa, eles crescem igual. O mais caro é o rosa, ele é de alto-mar, da Ponta da Juatinga pra fora, anda duas horas. Uns dizem que tem um sabor melhor. O sete-barbas não cresce muito. E tem o camarão vermelho também, chamado camarão Santana. Dentro da baía arrasta só em junho, porque no começo da safra eles ficam tudo aqui ainda [dentro da baía]. Depois os barcos vão abatendo, ele vai caindo tudo pra fora

Mario César do Nascimento, “Marinho”,  
39 anos, Pouso da Cajaíba, 2019

Diferentes da maioria das modalidades pesqueiras praticadas pelas comunidades caiçaras da península, a pesca de camarão é a única que segue forte por diversas razões: primeiro porque os camarões “criam muito” nessa região; segundo que eles escapam dos sonares da pesca industrial; e terceiro devido ao período de defeso nos meses de março, abril e maio.

“ Agora o forte tá sendo [a pesca de] camarão. Porque o camarão tem mais. Não tem nada que acha ele, a não ser uma rede [específica]. Inventaram o sonar pra traineira, acabou com a pesca de traineira. O sonar não identifica camarão, porque o camarão anda assim espalhado, o sonar só pega coisa grande, escura. A sardinha

fica tudo juntinho, de cardume, camarão não. Ele se cria em tudo quanto é lugar, qualquer buraquinho de pedra tem camarão filhotinho. O camarão sempre tem dado, porque o camarão cria muito. Antigamente não tinha parada, hoje tem defeso, a pesca fecha pra defeso março, abril e maio. Ficamos três meses parados, pro camarão crescer. Então isso ajudou”

Mario Cesar do Nascimento, “Marinho”,  
39 anos, Pouso da Cajaíba, 2019

Uma questão que alguns pescadores de camarão levantam é a necessidade de ajustar o período de defeso, porque segundo eles, em algumas regiões, os meses definidos para defeso não correspondem ao momento correto do ciclo reprodutivo.



## Roça e extrativismo

Antigamente a agricultura era muito comum no Pouso da Cajaíba, praticamente todas as famílias plantavam e tinham casas de farinha. As capoeiras e tigueras ainda são visíveis nas encostas da localidade, marcando a história do território. Com a chegada do turismo e a implantação de unidades de conservação, a atividade foi sendo abandonada, mas ainda tem pessoas que plantam mandioca, aipim, frutíferas e mantêm plantas usadas como remédio.

As principais áreas agrícolas que ainda ativas são o sertão da Zilda, da Margarethi, da Sebastiana, da Amélia, do Ananias e a roça da Ana. Sertão é a área um pouco mais afastada da praia. Há também uma área de cultivo de maracujá.

Na mata, a extração de cipó timumpeva e embé, taquara e madeira é realizada para a confecção de peças da cultura material caiçara. Seu Doracil, por exemplo, faz vassouras de cipó. O falecido Piá, construtor de barco e canoa, era conhecido por fazer as peças artesanamente e com acabamento impecável. Esses conhecimentos permanecem vivos no Pouso, precisam apenas ser valorizados e estimulados para que as novas gerações se interessem em aprender.

A culinária tradicional une os conhecimentos agrícolas e a cultura material. O relato abaixo mostra

isso: para que os produtos da roça sejam usados nas receitas, eles precisam ser processados pelas ferramentas e peças produzidas por eles mesmos, como moendas, apás, peneiras, tapitis e pilões.

**“ Fazia café, moía cana, não era açúcar não, moía cana no engenho de moer cana. Fazia panela de caldo de cana, aí fervia e passava o café. A comida da roça, cozinhava aipim, cozinhava batata. Nisso fazia angu de milho, depois cortava igual polenta de prato. O milho verde era socado no pilão. Depois botava num apá feito de taquara, apá fechadinho, e depois na peneira, que é aberta pra passar. Passava tudo, limpava tudo e fazia aquele panelão de angu. Alguns faziam salgado, outros faziam doce**

*Miguel Souza, 78 anos, Pouso da Cajaíba, 2019*



## Práticas de cuidado

Existe no Pouso da Cajaíba um vasto conhecimento sobre as plantas medicinais. Normalmente são ervas, frutas ou cascas de árvores mantidas nos quintais e preparadas de várias maneiras para cura e prevenção de diversos males e para acudir mulheres em trabalho de parto.

Um levantamento recente realizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) identificou mais de 40 variedades de plantas usadas na localidade. Os remédios são usados de diversas formas, tanto para serem ingeridos em chás, inalações, gargarejos, xaropes, maceradas, cruas ou cozidas, como também fora do corpo, em banhos, compressas, defumações.

Os saberes medicinais da comunidade foram registrados no manual “Plantas Medicinais do Pouso da Cajaíba”. Muitas pessoas da comunidade participaram desse trabalho e são lembradas aqui: Ana Paula do Nascimento, Adélia Souza do Nascimento, Dona Dita (Benedita Ferreira), Dona Peca (Juventina Maria do Nascimento), Juraci dos Santos Nascimento, Lourival Luís do Nascimento, Hildo da Conceição, Maneco (Manuel Vargas), Margarethi dos Remédios Nascimento, Maria de Araújo da Conceição, Nilson Martins de Souza, Norma Sobrinho de Souza, Odete Ana de Almeida, Odete de Araujo, Tetéia (Oristéia de Souza),

Regina Santos da Conceição, Seu Piá (Iranil Luís do Nascimento), Ticote (Francisco Xavier Sobrinho), Tiana (Sebastiana Custódia).



## Festejos e Futebol

O festejo tradicional do Pouso da Cajaíba é feito em homenagem ao padroeiro, São Sebastião, e ocorre no dia 20 de janeiro, com a presença do padre, que celebra missa na igreja, e um bingo. A celebração atualmente reúne poucas pessoas. No início desse capítulo Seu Miguel conta como eram animados os festejos de São Sebastião antigamente.

Em junho, a comunidade se reunia no pé de tamarindo para fazer uma fogueira, e tinha música. Em alguns anos ainda fazem uma pequena festa junina. Também faz parte do

calendário de eventos comunitários tradicionais o Dia das Crianças, comemorado dia 12 de outubro.

Os torneios de futebol são possivelmente os eventos comunitários que mais movimentam a juventude. O FestJuá reúne os times de futebol de todas as comunidades da península da Juatinga. As partidas circulam pelas comunidades e, dessa forma, os moradores aproveitam para visitar localidades mais afastadas que não costumam ir sempre. O Pouso da Cajaíba disputa o torneio todo ano, e já sediou o evento esportivo diversas vezes. No Pouso, o campo de futebol é a praia. Há também um campo de futebol gramado no interior da vila.

## Ameaças e conflitos

Nas oficinas realizadas durante a caracterização, a comunidade do Pouso apontou algumas ameaças ao seu território. Entre elas, a principal é a redução do pescado. Os pescadores associam essa diminuição a dois fatores: primeiro a presença de muitas embarcações da pesca industrial, principalmente atuneiros, e barcos munidos de sonar, um aparelho que localiza cardumes e que, quando não captura os cardumes inteiros, afasta os peixes devido ao choque provocado pela frequência que emite na água. E, segundo, pela presença crescente de navios petroleiros dentro do território pesqueiro caíçara. Na área de fundeio dos navios se cria uma lama, são sedimentos que as âncoras levantam do fundo do mar atrapalhando a pesca, inclusive o arrasto de camarão.

**“ Com todos os navios ali na frente, eu não consigo mais passar com a minha rede para lá, porque o navio ancora e forma uma lama”**

*Elielton, Pouso da Cajaíba, 2019*

**“ Dizem que o pré-sal tá lá para fora da Juatinga. Mas os navios estão aqui no Pouso e eles não veem isso como impacto. Eles dizem que [o óleo] não vai atingir. Mas um barco bateu em São Sebastião e o corpo dois dias depois foi encontrado boiando no Pouso”**

*Richard, Pouso da Cajaíba, 2019*

Problemas de sobreposição com unidades de conservação também foram apontados, porque algumas práticas agrícolas e extrativistas foram criminalizadas, dificultando a salvaguarda da identidade cultural da comunidade.

**“ Às vezes o órgão [ambiental] chega aqui e só sabe falar o que não pode, só vem para reprimir, para prejudicar. E os turistas vem e fazem o que quiserem”**

*Richard, Pouso da Cajaíba, 2019*

**“ Fazer casa não pode, canoa não pode, cortar um palmito não pode que já vem a polícia”**

*Ana Paula, Pouso da Cajaíba, 2019*

## Serviços públicos e Infraestrutura comunitária

O Pouso da Cajaíba é a localidade com a maior infraestrutura de serviços, turismo e lazer dessa região da península. Existem na localidade:

- **Escola de Ensino Fundamental (1º e 2º segmento)**
- **Posto de Saúde**
- **Coleta de lixo**
- **Campings, pousadas, casas de aluguel, bares e restaurantes**
- **Igrejas**
- **Campo de futebol**

## Bandeiras de Luta do FCT

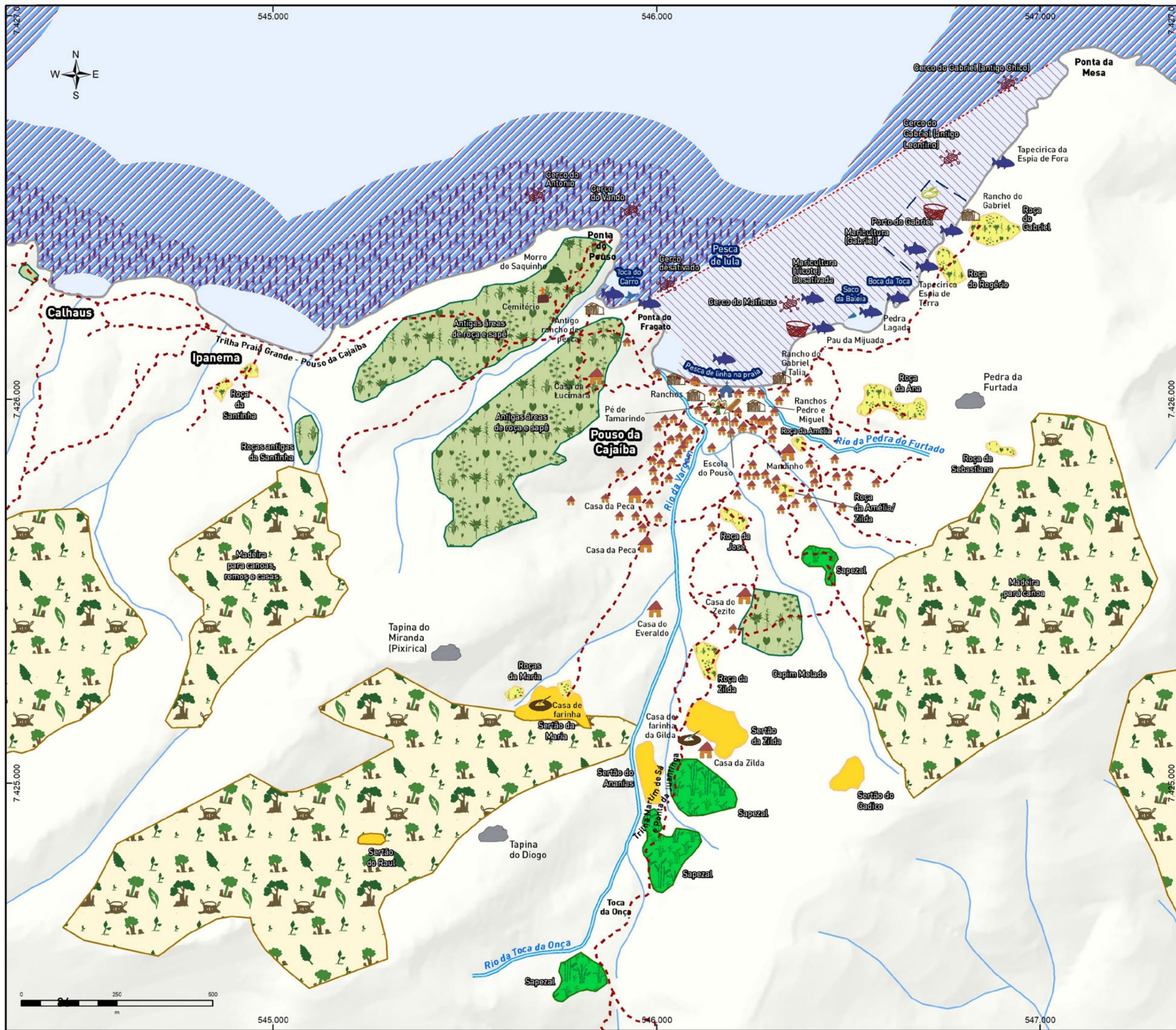
O Pouso da Cajaíba é uma das comunidades pioneiras na região da Bocaina a implementar a educação diferenciada e o segundo segmento do ensino fundamental (do 6º ao 9º ano) na escola da comunidade. O objetivo da educação diferenciada é promover a cultura tradicional dentro da escola, como forma de incentivar o interesse pelos saberes e práticas tradicionais e para manter viva a identidade caiçara. *“Tem muita coisa que na realidade não podia acabar. O principal é as crianças mesmo aprenderem” (Elielton, Pouso da Cajaiba, 2019).*

Francisco Xavier Sobrinho (Ticote), um dos fundadores do FCT, participou da luta pela melhoria da educação no Pouso da Cajaíba e junto com pessoas de várias comunidades da costeira lutou pela criação de uma resolução municipal que reconhece e apoia a educação diferenciada em comunidades caiçaras. Também é uma luta do FCT implementar soluções para o problema do saneamento. No Pouso, Ticote mantém uma unidade demonstrativa de saneamento ecológico desenvolvido em parceria com o OTSS.

As crianças da escola do Pouso realizaram ao longo de 2016 e 2017 a cartografia de sua comunidade com intuito de identificar locais importantes de seu território. Esse levantamento contribuiu para compor um roteiro de Turismo de Base Comunitária que valoriza a história e a cultura da comunidade. Essa iniciativa resultou num caderno intitulado “Guia Turístico Local”, feito inteiramente pelas crianças. Os elementos cartográficos do mapa das crianças foram considerados para a elaboração do mapa apresentado aqui.



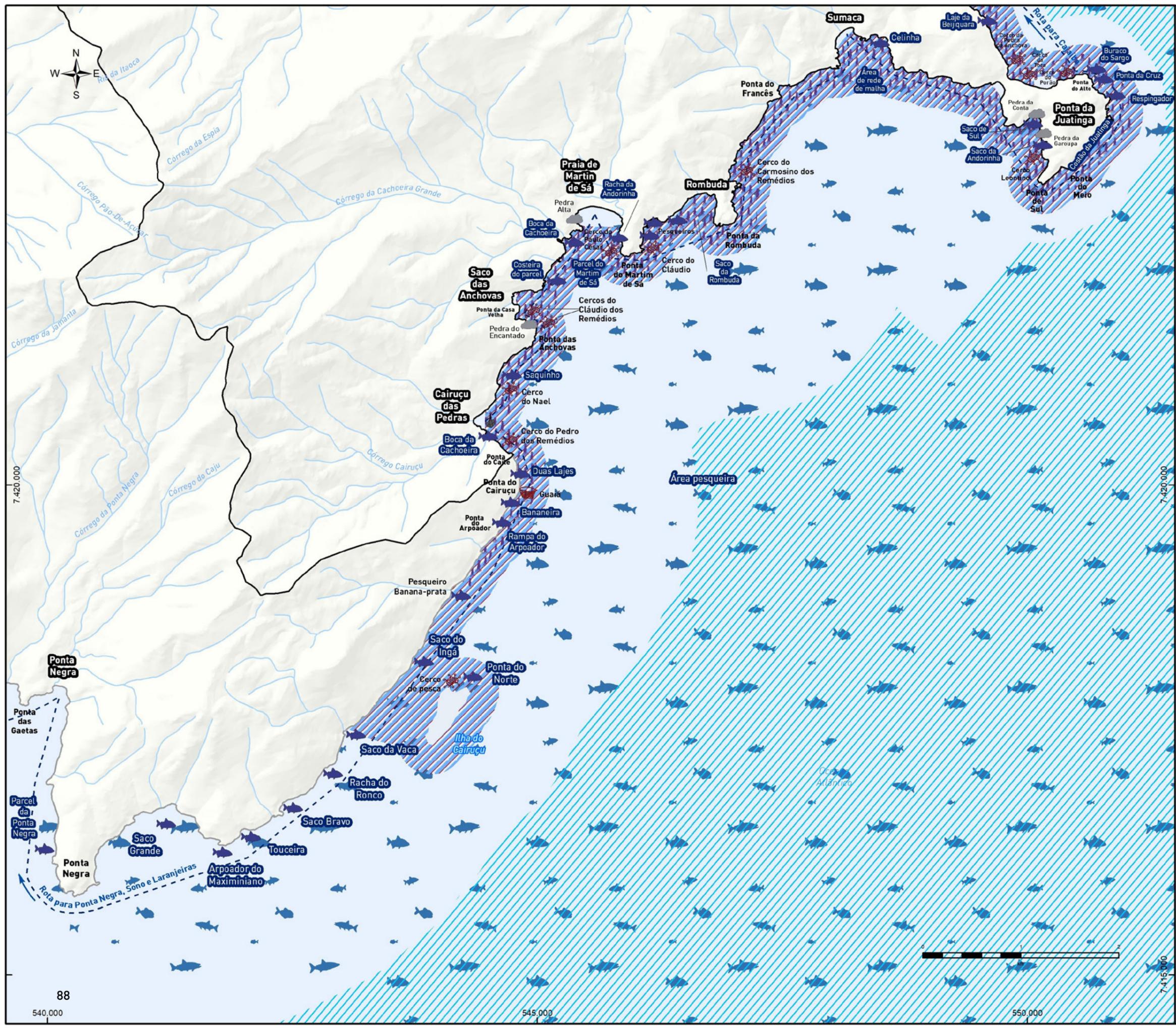
# COMUNIDADE CAIÇARA DO POUSO DA CAJAÍBA



## Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

-  Casa de caiçara
-  Casa de farinha
-  Cemitério
-  Escola
-  Igreja
-  Marisqueira
-  Morro
-  Pedra; Tapina
-  Pesca artesanal
-  Pesca de Cerco
-  Rancho de pesca
-  Vieira
-  Árvore
-  Trilha
-  Rio
-  Córrego
-  Área de fundeio
-  Extrativismo
-  Maricultura (Fazenda Marinha)
-  Pesca artesanal
-  Pesca de lula
-  Pesca de mergulho
-  Roça
-  Roça antiga
-  Sapezal
-  Sertão

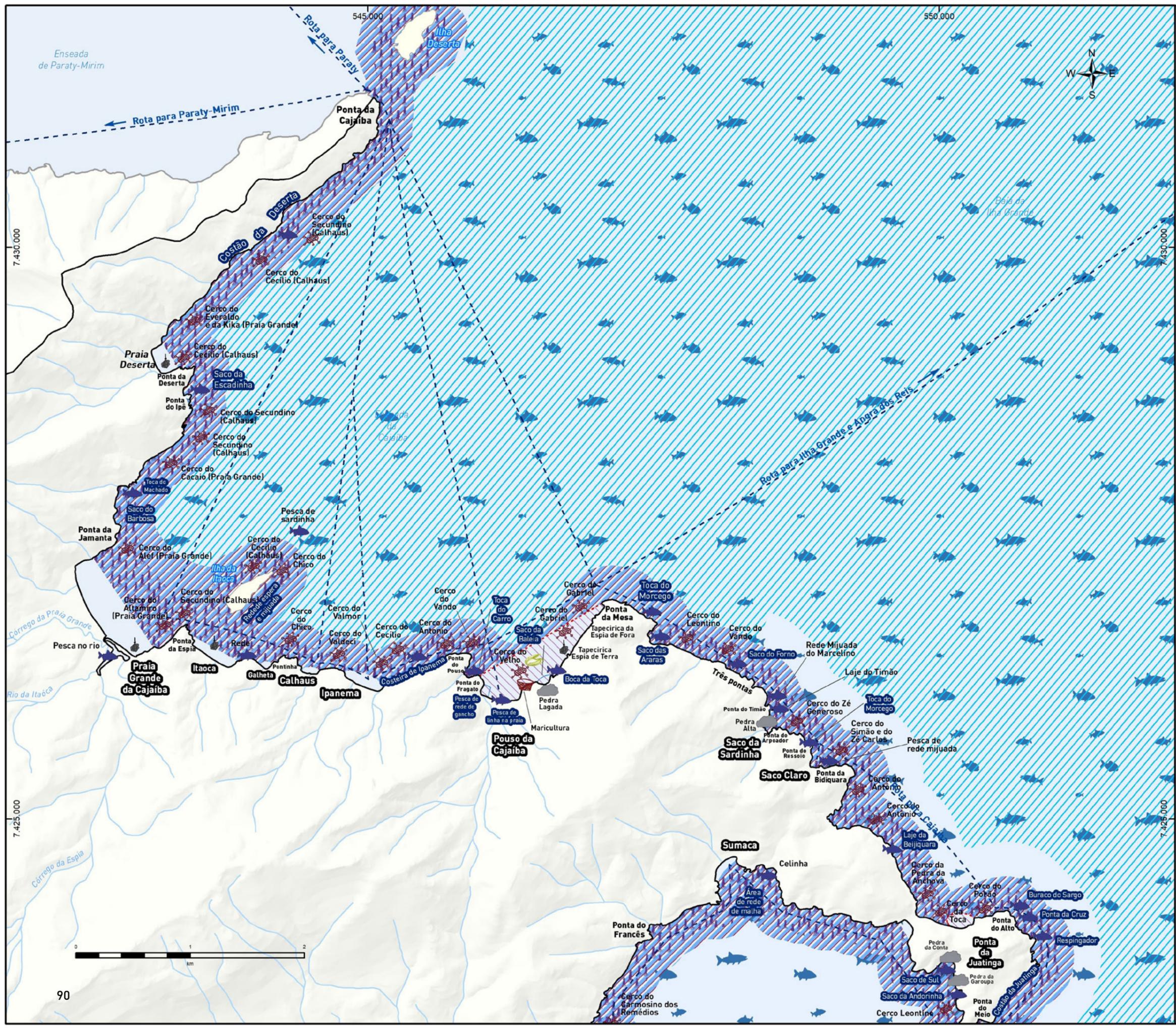




# MARITÓRIO CAIÇARA DA PENÍNSULA DA JUATINGA (PORÇÃO SUL)

- Locais e áreas de pesca**
- Pesqueiro/área de pesca
  - Pesca de Cercos
  - Pesca na pedra
  - Marisqueira
  - Poita
  - Rota marítima
  - Trilha
  - Rio
  - Microterritório Península da Juatinga
  - Área de Pesca Artesanal
  - Pesca embarcada - de 5 a 30 mn da costa e na Baía da Ilha Grande
  - Pesca de lula - até cerca de 200m da costa
  - Pesca de mergulho - até cerca de 300m da costa

# MARITÓRIO CAIÇARA DA PENÍNSULA DA JUATINGA (PORÇÃO NORTE)



- Locais e áreas de pesca**
- Marisqueira
  - Pesqueiro/área de pesca
  - Pesca de Cerco
  - Pesca na pedra
  - Poita
  - Vieira
  - Rota marítima
  - Trilha
  - Rio
  - Microterritório Península da Juatinga
  - Área de Pesca Artesanal
  - Pesca embarcada - de 5 a 30 milhas da costa e na Baía da Ilha Grande
  - Pesca de lula - até cerca de 200m da costa
  - Pesca de mergulho - até cerca de 300m da costa

# Juatinga, Saco Claro e Saco da Sardinha

Juatinga, Saco Claro e Saco da Sardinha são comunidades vizinhas, situadas ao longo de um costão que termina na Ponta da Juatinga. A Ponta é o marco que separa a Baía da Cajaíba das outras localidades caiçaras na enseada do Martim de Sá. Nessa região, as localidades são acessadas pelas pedras, os barcos chegam até as estivas construídas na costeira e lá as pessoas embarcam e desembarcam. As três comunidades são ligadas por relações familiares (o sobrenome “Generoso” aparece na genealogia das três) e se visitam com frequência. As oficinas de caracterização reuniram os moradores das três comunidades, então os resultados são apresentados conjuntamente.

## História das localidades

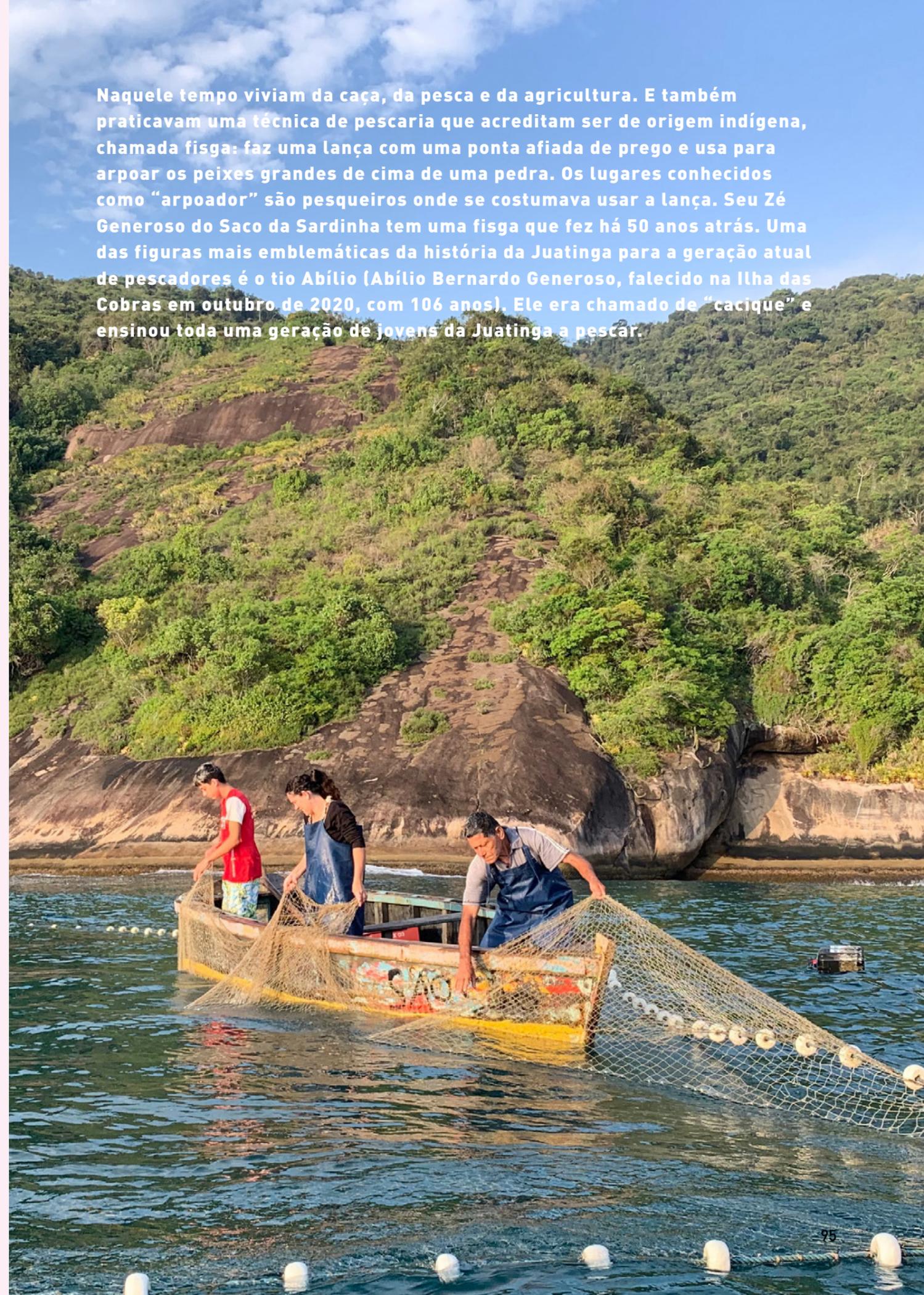
No período em que viveu a geração dos mais velhos, nas primeiras décadas do século XX, a Juatinga tinha 6 casas. Naquele tempo, as famílias circulavam pelas localidades da península e moravam um tempo em cada lugar. A terra era livre e estava disponível.

Os moradores dessas comunidades têm parentes em toda a península. Alguns exemplos: a genealogia de uma família da Juatinga mostrou que existem relações de parentesco com moradores do Saco das Anchovas, Saco das Sardinhas, Sono e Mamangá. Tem moradores que nasceram na Ponta Negra e construíram família na Juatinga. Alguns caiçaras do Saco Claro descendem de pessoas que nasceram na Praia Grande da Cajaíba, no Pouso da Cajaíba e na Praia de Ipanema.

Com o passar do tempo, mais famílias foram se fixando na Juatinga, e atualmente ela é a terceira comunidade mais populosa dessa região da península, com 122 moradores.

“ **Antigamente, quando meu pai morava aqui, a Juatinga tinha poucas casas. Eram umas seis casas. Era o Anísio, que é o pai da minha tia; tio Abílio, o cacique que falavam; o meu pai...**”

*Telmo José Elesbão Filho, 42 anos e Norival José Elesbão “Vavá”, Juatinga, 2019*



Naquele tempo viviam da caça, da pesca e da agricultura. E também praticavam uma técnica de pescaria que acreditam ser de origem indígena, chamada fisga: faz uma lança com uma ponta afiada de prego e usa para arpoar os peixes grandes de cima de uma pedra. Os lugares conhecidos como “arpoador” são pesqueiros onde se costumava usar a lança. Seu Zé Generoso do Saco da Sardinha tem uma fisga que fez há 50 anos atrás. Uma das figuras mais emblemáticas da história da Juatinga para a geração atual de pescadores é o tio Abílio (Abílio Bernardo Generoso, falecido na Ilha das Cobras em outubro de 2020, com 106 anos). Ele era chamado de “cacique” e ensinou toda uma geração de jovens da Juatinga a pescar.

“ Antigamente eles pescavam muito de linha e de fisga também. Arpoando os peixes com a fisga. Eles faziam uma lança, tipo índio mesmo. Ficavam em cima de uma pedra mais retirada, igual a Ponta do Caçoeiro. Ali é arpoador. Tem vários arpoador: onde eles iam ficar para arpoar os peixes.

Usavam uma vara de madeira de uns quatro metros. Cortava no mato uma vara certinha, se não fosse certa, eles endireitavam no fogo. A ponta eles faziam com prego mesmo, prego de ferro, comprava prego grande e esquentava no fogo. Ali, no caminho da escola, naquela aguinha que desce, você vai ver nas pedras a marca que tem onde eles amolavam a ponta da lança. Os índios amolavam, mas os nossos avós também usavam. A corda eles faziam de piteira, tiravam cipó no mato também, faziam

corda de imbé, cochava, naquele tempo não tinha nada.

Eles iam esse horário assim, no encher da maré, e ficavam lá já esperando o peixe passar. Sabiam que esse horário o peixe ia passar, à tardinha. Passava robalo grande, passava olho de boi, passava vários peixes”

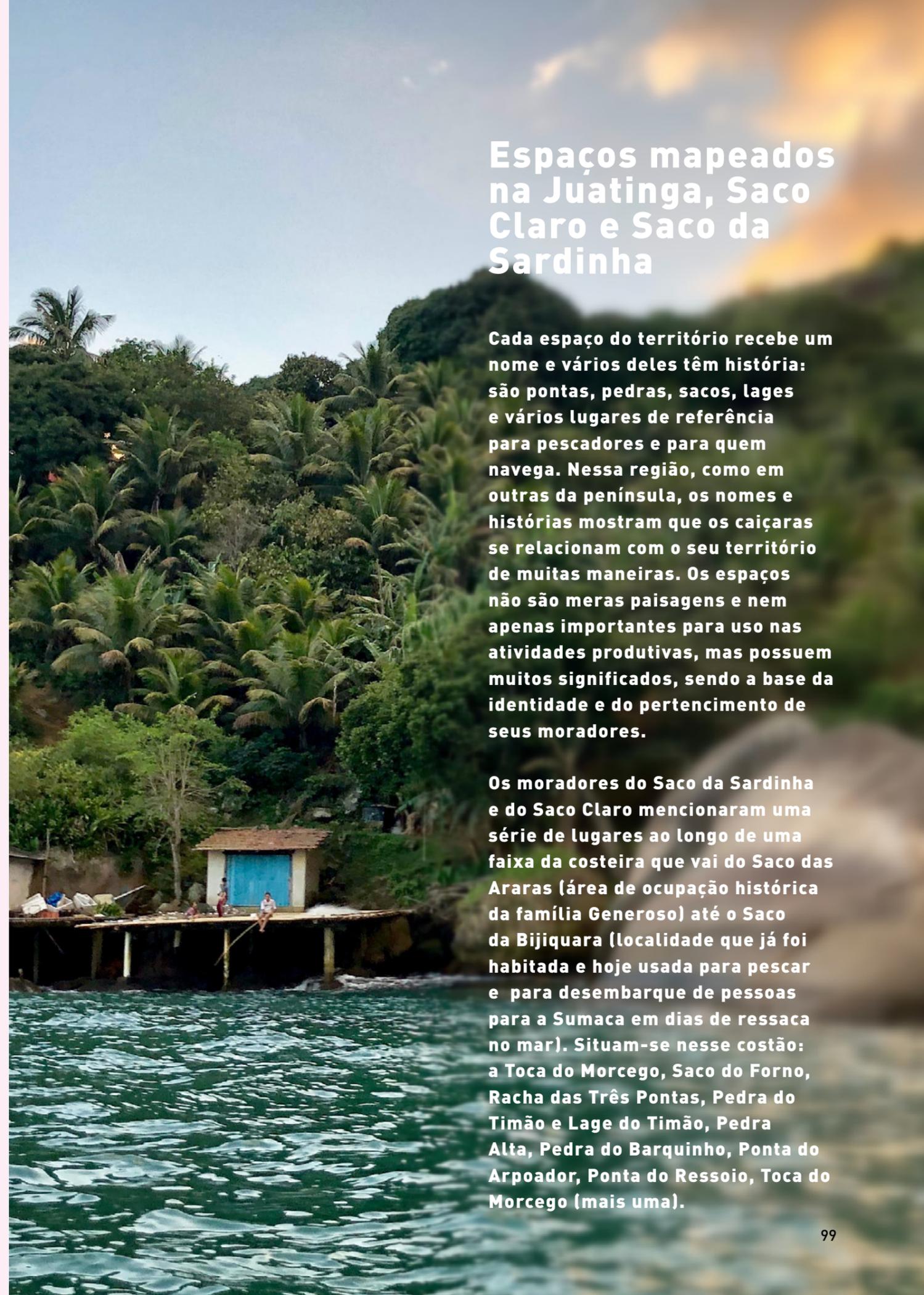
*Telmo José Elesbão Filho, 42 anos, e Norival José Elesbão “Vavá”, Juatinga,*



Nessas localidades existem casas de estuque e de alvenaria. As casas de farinha são todas feitas de pau a pique. A durabilidade das casas de alvenaria é maior, o que permite economizar tempo com manutenção. Ao mesmo tempo, algumas pessoas não gostam da ideia de abandonar o conhecimento de construção com os materiais da mata, e mantêm viva a prática de fazer casas de barro. A fala a seguir mostra que a implantação da escola da Juatinga foi um marco para uma geração de caiçaras dessas comunidades, que até então não estudavam pois são localidades afastadas e de difícil acesso.

“Hoje o forte aqui da comunidade é a pesca e a mandioca. As casas aqui antes eram de estuque. Tudo estuque. Agora é que é de tijolo. Mas as casas dos antigos, todas eram. A minha casa é metade de estuque ainda. Mas o pessoal parou de fazer de estuque porque antes não tinha condição de comprar tijolo, e agora dá muito cupim nas casas. Antes não dava cupim nas casas, agora é muito cupim. Antigamente não tinha estudo não. Aqui tem uns que não sabem ler. Tinha escola, mas os pais não deixavam ir pra escola. Quando botaram escola na Juatinga, aí começaram a ir”

*Reginaldo Generoso, “Simão”, 55 anos, Saco Claro, 2019*



## Espaços mapeados na Juatinga, Saco Claro e Saco da Sardinha

Cada espaço do território recebe um nome e vários deles têm história: são pontas, pedras, sacos, lages e vários lugares de referência para pescadores e para quem navega. Nessa região, como em outras da península, os nomes e histórias mostram que os caiçaras se relacionam com o seu território de muitas maneiras. Os espaços não são meras paisagens e nem apenas importantes para uso nas atividades produtivas, mas possuem muitos significados, sendo a base da identidade e do pertencimento de seus moradores.

Os moradores do Saco da Sardinha e do Saco Claro mencionaram uma série de lugares ao longo de uma faixa da costeira que vai do Saco das Araras (área de ocupação histórica da família Generoso) até o Saco da Bijiquara (localidade que já foi habitada e hoje usada para pescar e para desembarque de pessoas para a Sumaca em dias de ressaca no mar). Situam-se nesse costão: a Toca do Morcego, Saco do Forno, Racha das Três Pontas, Pedra do Timão e Lage do Timão, Pedra Alta, Pedra do Barquinho, Ponta do Arpoador, Ponta do Ressoio, Toca do Morcego (mais uma).

Seguindo pela costeira, outros nomes que identificam espaços do território marinho e terrestre foram mapeados, tais como: Ponta de Sul (local para pesca de Anchova), Lage da Ponta Sul (Pesqueiro), Paredão, Saco de Sul, Pedra da Garopa, Pedra do Canto, Pedra do Testudo, Parcel do Testudo, Praia da Cela (de pedra), Pixirica Grande (Itapecirica), Toca do Jacu, Pedra da Espia e a Trilha da Ponta de Sul.

Os mapas falados da Juatinga, Saco Claro e Saco da Sardinha possuem um conjunto de referências do cotidiano caiçara. Trazem, por exemplo, muitos elementos da natureza: no mar existem animais como lulas, golfinhos, tartarugas, baleias e diversos peixes; nos morros e nas pedras, há vários tipos de vegetação e de animais terrestres como galinhas e capivaras; no céu, a presença do sol, das nuvens e das gaivotas.

Trazem também áreas de uso, objetos e construções feitas pelas pessoas, como as áreas agrícolas com roça e muitas frutas; cercado de galinha; estivas e varais; o farol; canoas; barcos de pesca com rede e espinhel; barco de pesca de corvina; barco de arrasto; lanchinhas de turismo e pesca; porto e o rancho da Cela; e os cercos de pesca do pessoal. Estão mapeados o cerco da Pedra da Anchova e o Cerco da Toca (ambos do Vavá), Cerco do Porão (antigo cerco do Abílio, atual cerco do Négio), Cerco do Saco de Sul (do Leontino), Cerco do Zé Generoso, e locais de pesca com rede mijuada (que costumam usar mais a noite).



O mapa da Juatinga mostra a sobreposição de usos no marítório caiçara, com navios e embarcações da pesca industrial dentro da área pesqueira das comunidades.

## Atividades Produtivas

As comunidades do Saco da Sardinha, Juatinga e Saco Claro vivem da pesca. E no Saco da Sardinha e Saco Claro a atividade agrícola e a produção de farinha são complementos essenciais na alimentação familiar. Diferente das outras comunidades da península, atividades ligadas ao turismo são raras e ocupam um lugar bem pouco significativo. Essa escolha por não trabalhar direto com o turismo protege as comunidades de alguns aspectos negativos que essa atividade pode trazer pra dentro das comunidades tradicionais. Alguns turistas chegam na Juatinga buscando a trilha para o farol, um atrativo do lugar e de onde se tem uma vista para a Baía da Ilha Grande.

## Pesca

As comunidades da Juatinga, Saco Claro e Saco da Sardinha vivem da pesca artesanal. Praticam uma grande variedade de técnicas pesqueiras, algumas utilizadas nas áreas próximas da costeira (adequadas para captura de determinados peixes) e outras mais afastadas, em pequenas embarcações que empregam o trabalho familiar. As mulheres trabalham em todas as modalidades de pesca: nos cercos, na pesca da lula, e nas pescarias mais afastadas com rede, espinhel boiado e na pesca de camarão. Como não possuem

praia, as estruturas de apoio à pesca são todas construídas sobre as pedras: estivas, varais e ranchos.

As três comunidades possuem pontos de cerco flutuante ativos. O trabalho na pesca de cerco também é familiar.

Os caiçaras do Saco Claro, Saco da Sardinha e Juatinga investiram em embarcações com as quais desenvolvem várias modalidades de pesca, como a pesca de camarão, a pesca de rede para diversos peixes e a pesca com espinhel, realizada entre 5 a 30 milhas da costa para captura de peixes maiores como Dourado e Caçã. Essa modalidade de pesca artesanal familiar é a que vai mais longe, e as embarcações maiores chegam a passar 3 dias no mar, as menores vão e voltam no mesmo dia. Essa pesca tem sido muito prejudicada pela rota de navios dentro da Baía da Ilha Grande.

Atualmente na Juatinga existem 13 barcos de pesca. No Saco da Sardinha há 3 barcos equipados para pesca de camarão, e no Saco Claro também tem um barco de arrasto de camarão. Os barcos do Saco da Sardinha e Saco Claro são barcos de pesca diária, dificilmente passam dias no mar.

O relato de Angelita explica como que ela e sua família jogam o espinhel boiado. Como esse petrecho fica à deriva no mar, precisam ficar atentos às marés. Ela relata também a presença de navios na zona pesqueira.





“ Pesco lula e pesco com espinhel. Pesco com meu esposo e meu filho. A gente sai daqui umas quatro e meia da manhã, larga o espinhel umas seis e meia e volta às cinco, seis horas da tarde. Tem barco que chega oito horas. Navega uma hora, uma hora e meia, mas não vai em bote não. Dá medo até no barco, quanto mais no bote. Tem dia que tá mansinho, mas tem dia que aqui tá manso e lá fora tá cheio de marola. O espinhel não pode largar perto da beirada da pedra, tem que ir longe, senão a maré joga na pedra. Se a maré jogar pra fora, nós vamos mais pra longe. Se a maré jogar pra terra, nós vamos mais pra terra. Tem que ver aonde que a maré tá levando. Se tiver puxando pra fora é ruim, porque vai embora pra sul. Pra leste, vai mais pro lado da Ilha Grande. Tem gente que vai até quinze, vinte milhas pra fora. Até trinta, esses barcos aí [maiores]. A gente chegou até quinze milhas. A gente não joga na rota do navio, mas a maré leva. A gente tem que tirar porque às vezes a gente olha, já tá vindo o navio, não dá tempo. Até tirar, o navio já passou por cima.

O tamanho do espinhel mede em braça. São uns quinhentos anzóis. São seis, sete braças a distância de um anzol pro outro. A primeira bandeira que você largou você não vê mais. Você tem que sempre passar pra ver a de lá, se passar algum barco e cortar, já era. São quatro boias.



Leva uma hora mais ou menos pra largar o espinhel. E depois tem que ficar lá. Só vem embora depois que colher o espinhel à tarde. Um fica lá de olho no espinhel, o outro fica lá sentado, o outro fica lá pescando jogando uma linha. Não dá pra saber se tem peixe fígado no espinhel. De hora e meia, duas horas, a gente vai correr ele de volta e se ver peixe, tira. Se não tiver, fica na outra ponta já. Depois de duas horas volta de novo nele. Se tiver peixe fígado, tira o peixe e bota a isca de novo, um pedaço de bonito ou a sardinha inteira.

Chega no final, à tarde, pega na ponta e vamos colhendo. Tem a caixa do espinhel, vai pegando, um tira a isca, o outro coloca dentro, arruma, o outro leva o barco. Tem hora que demora mais pra colher porque tem vento, aí vai mais devagar, mais embaçado. Tá cada vez pior a pescaria. Tem vez que dá peixe, tem vez que não dá nada. Depende. Tem alguns que vem pequenos, tem alguns que vem dez quilos, vinte quilos, por aí. Mas é muito difícil, o dia inteiro na água e vem embora sem”.

*Angelita Conceição Costa, 45 anos,  
Juatinga, 2019*



Os pescadores conhecem muito bem as espécies marinhas. No Saco da Sardinha, só de camarão, eles mencionaram 8 tipos diferentes, que eles conhecem pelos seguintes nomes: rosa, cinza, leite, tigre, cristalino, sete-barbas, santana (ocorre no sul) e pitu (com “unha”). As espécies que eles pescam são branco, rosa e sete-barbas. No mapa do marítório compartilhado pela Juatinga, Saco Claro e Saco da Sardinha as principais áreas de pesca próximas da costeira são aquelas usadas para os cercos, pesca de lula, mergulho, pesca

de linha, cerco, rede de espera ou rede mijuada. A pesca embarcada emprega as seguintes técnicas pesqueiras: arrasto de camarão, rede de malha (para corvina), Rede de Fundo (para corvina, cação, linguado, vermelho, pescada, anchova, cavala) e espinhel boiado (para dourado e cação). Antigamente a Juatinga possuía mais um ponto de cerco, na Ponta do Caçoero. Mas hoje esse local é utilizado para fundeio dos barcos dos moradores. Quem trabalhou nesse ponto foi o Seu Abílio, Antonio e seus parentes.

## Roça e Extrativismo

No Saco da Sardinha existe uma considerável diversidade agrícola. Além de diferentes variedades de mandioca, há pelo menos 30 variedades de frutas e 8 tipos de cana. Há 2 casas de farinha ativas no Saco da Sardinha. No Saco Claro, também existem áreas agrícolas ativas, e a roça e a produção de farinha são consideradas atividades muito importantes. Na Juatinga tem uma roça, mas de modo geral, a maior parte da comunidade não se dedica mais à agricultura. Existem quintais com frutas, plantas e flores.

- **MANDIOCA E AIPIM:** *Maricá, Bordão, Rama Branca e Landi Branco*
- **FRUTAS:** *Abacate, Abacaxi, Acerola, Amora, Banana (prata, d'água, terra, ouro, preta), Manga, Jaca, Cajá Manga, Goiaba (2 tipos), Mamão, Bacupari, Jambolão, Fruta-pão, Seriguela, Jabuticaba, Coco, Ata, Condensa, Tangerina, Limão cravo, Pitanga, Cacau, Café, Carambola, Jambo Amarelo, Grumixama, Laranja, Cambucá, Ingá*

- **CANA:** *Campista, Sapa, Cera, Caju, Santa Helena, Rosa, Caiana e Vinagre*
- **MEDICINAIS:** *Saião, Terramicina, Capim Cidrão, Erva de São João, Hortelã, Boldo, Agrião, Guaco, Folha de Pitanga, Folha de Laranja.*

As áreas de extrativismo de madeiras, cipós e fibras utilizadas pelas comunidades da Juatinga, Saco Claro e Saco da Sardinha são compartilhadas, são áreas de uso comum. A mata que utilizam é conhecida como Francês, e se localiza no interior da península, na vertente em direção à Sumaca. Além de uma variedade de madeiras para construção de casas, ranchos, portos, estivas, varais, canoas e remos, também são extraídos cipó timumpeva e imbé, e a taquara para cestarias, balaios e vassouras. A água que abastece o Saco Claro e a Juatinga também vem dessa área, em longos canos que cortam 3 quilômetros por dentro da mata.



## Práticas de cuidado

No Saco Claro, Saco da Sardinha e Juatinga, toda a geração das pessoas com mais de 30 anos nasceu com auxílio de parteiras. A mãe de Seu Zé Generoso, dona “Vastinha”, fez os partos da maior parte dos seus netos. Muitas mulheres tiveram seus filhos sozinhas também.

**“ O parto das mulheres da roça é melhor que na cidade. Lá eles colocam soro, fica 3 dias no hospital. Em casa não: a gente pode caminhar e ainda faz alguma coisinha, um serviço em casa, lava uma roupa, e quando vê já tá boa”**

*Benedita Alves da Silva, “Geni”, 68 anos, Saco da Sardinha, 2021*

De lá pra cá a relação com a cidade tornou-se mais frequente e as mulheres passaram a parir no hospital. Existem mulheres que sabem os procedimentos para auxiliar no parto, mas ultimamente não são chamadas. Nota-se, pela fala dos moradores, uma valorização do conhecimento e da coragem das parteiras. Foi mencionado também conhecimento dos remédios feitos com plantas do quintal, importantes para tratar diversos males.

## Ameaças e conflitos

As principais ameaças identificadas pelos moradores da Juatinga, Saco Claro e Saco das Sardinhas estão ligadas aos conflitos de uso no marítório caiçara. A rota de navios na Baía da Ilha Grande prevê uma faixa de 500 metros de exclusão pesqueira, reduzindo o território tradicional dos pescadores da península.

Hoje em dia os navios são vistos e ouvidos nas comunidades todos os dias, alterando a paisagem com a presença de uma cadeia produtiva industrial que não os inclui, que ameaça a continuidade do modo de vida dessas comunidades, e para a qual não foram consultados.

As percepções sobre mudanças no ambiente marinho têm deixado os moradores preocupados. Surgiram falas sobre o medo do vazamento de petróleo, principalmente após o desastre ocorrido em 2019 nos mares do nordeste brasileiro. E também enfatizaram que os navios provocam ruídos no mar, emitem luzes, alteram o relevo do solo marinho nas áreas de fundeio e levantam sedimentos que inviabilizam certas modalidades de pesca.

Os pescadores falam dos prejuízos causados pelos navios petroleiros que passam nas áreas tradicionais de pesca, destruindo ou carregando embora os petrechos de pesca.

**“** O primeiro foi com o barco do Joel, faz uns 15 dias atrás. O barco tava pescando a quatro milhas a leste da Juatinga, e o navio passou em cima do material. Era um espinhel de Dourado, espinhel boiado. Como o navio tava entrando a barra já pra Angra, ele vinha meio devagar. Quando o material pegou na proa do navio, o material não estourou. Ele [Joel] tentou segurar o material, mas o navio foi levando, então teve de largar.

Só nisso aí, esse navio levou uns duzentos anzóis. Quem monta o petrecho [o espinhel], amarra o anzol a cada dez metros, é tudo a gente. Tem trabalho. Aqui em Paraty, o material de pesca é muito caro. No Rio de Janeiro compra uma caixa de anzol por cinquenta reais, aqui vai pagar o triplo do preço.

O nosso espinhel foi essa semana agora. Devia ser umas duas da tarde. Nós estávamos com o espinhel na água, esperando os peixes pegarem. Aí daqui a pouco o navio veio de terra, saindo pra fora. O navio veio em cima. O meu sobrinho falou: ‘ó, tio, vai cortar o material’. ‘Vamos esperar, assim que ele cortar, a gente emenda’. Como ele vinha em marcha de viagem, em alta velocidade, ele veio, passou em cima, e nós filmando. Ele cortou e foi embora. Passou a uns sessenta metros da gente, bem perto mesmo.

Quando corta [o espinhel], você tem de pegar outra corda, puxar a ponta e

levar lá na outra. Você tem de chegar e juntar as duas pontas novamente pra emendar. A maré afasta uns cinquenta, sessenta metros, rápido. Quando estoura de um lado e outro, leva embora o pedaço do espinhel”

“E ontem também aconteceu. O navio veio em cima. Um navio vermelho, ele tava saindo. Meu sobrinho falou: ‘tio, vem um navio ali’. Eu falei: ‘ah, ele vai passar no meio do material, vamos pra cima já, pra poder ficar mais perto, pra quando ele cortar, não afastar muito’. Quando chegamos no meio do material, ele fez a volta, rodou e passou por trás do barco e passou em cima, não teve jeito. Cortou até uma raia que tinha ferrado no espinhel. A hélice dele passou no meio da raia e veio só os pedacinhos dela”.

*Telmo José Elesbão Filho, 42 anos, Juatinga, 2019*



Outro grave problema é a presença de embarcações da pesca industrial que capturam dentro das enseadas da península mais de 1 tonelada de filhotes de sardinha para servirem de isca para a pesca de atum. Com isso, retiram o alimento dos peixes maiores, afastando-os da costa, e deixando à míngua os cercos, redes e linhas da pesca artesanal.

“ Tá aparecendo muito barco lá do sul, esses atuneiros. Eles vêm buscar sardinha aqui na nossa baía porque lá no sul não tem mais, lá é proibido. Então eles vêm pra nossa área. Antes vinham só dois, três barcos, hoje tá vindo quinze, vinte barcos. Faz dois, três anos que aumentou. Esse ano, 2019, foi que eu mais vi barco atuneiro na Baía. Você olhava, quinze barcos por dia. Cada barco daquele ali sendo carregado de ‘comedio’ da nossa Baía, eles tiram a comida dos peixes. Os peixes que eram pra encostar nesse comedio, não vão, porque os peixes encostam porque tem comida na costa pra eles. Esses atuneiros realmente tiram toda manjuba da costa, passam uma malha bem fina aqui na baía toda. Até área proibida eles entram. Eles levam qualquer peixinho pequeno, sardinha, manjubinha, aquele xingozinho, que fala, ‘boca-torta’. Todos esses barcos têm sonar. Falaram que o sonar dá choque no peixe, então assusta os peixes. Onde eles passam com o sonar ligado, os peixes saem fora”

*Telmo José Elesbão Filho, 42 anos, Juatinga, 2019*

O resultado dessas sobreposições de uso no marítimo caíçara tem sido a redução drástica do estoque pesqueiro, o que exige aumentar o tempo de trabalho dedicado à pesca para alcançar os mesmos resultados.

Alguns moradores ressaltaram também problemas de sobreposição com a unidade de conservação. Criação de porco e galinha foram proibidas gerando indignação nos caíçaras do Saco Claro, pois se consideram pessoas que sempre preservaram o meio ambiente.



## Infraestrutura e serviços públicos

Na Juatinga existe uma escola de Ensino Fundamental para os alunos do 1º segmento onde estudam as crianças da Juatinga, Saco Claro e Saco da Sardinha. Os alunos do segundo segmento estudam na escola do Pouso da Cajaíba. Atualmente há transporte marítimo para levar as crianças dessas localidades até lá. A demanda das comunidades é abrir o segundo segmento na Juatinga.

Uma luta histórica das comunidades é a rede de energia. No ano de 2020, foram instalados na Juatinga módulos de energia solar abastecendo cerca de 30 casas. São sistemas que permitem conectar geladeira, facilitando a conservação de alimentos e do peixe que comercializam.

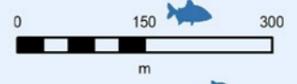
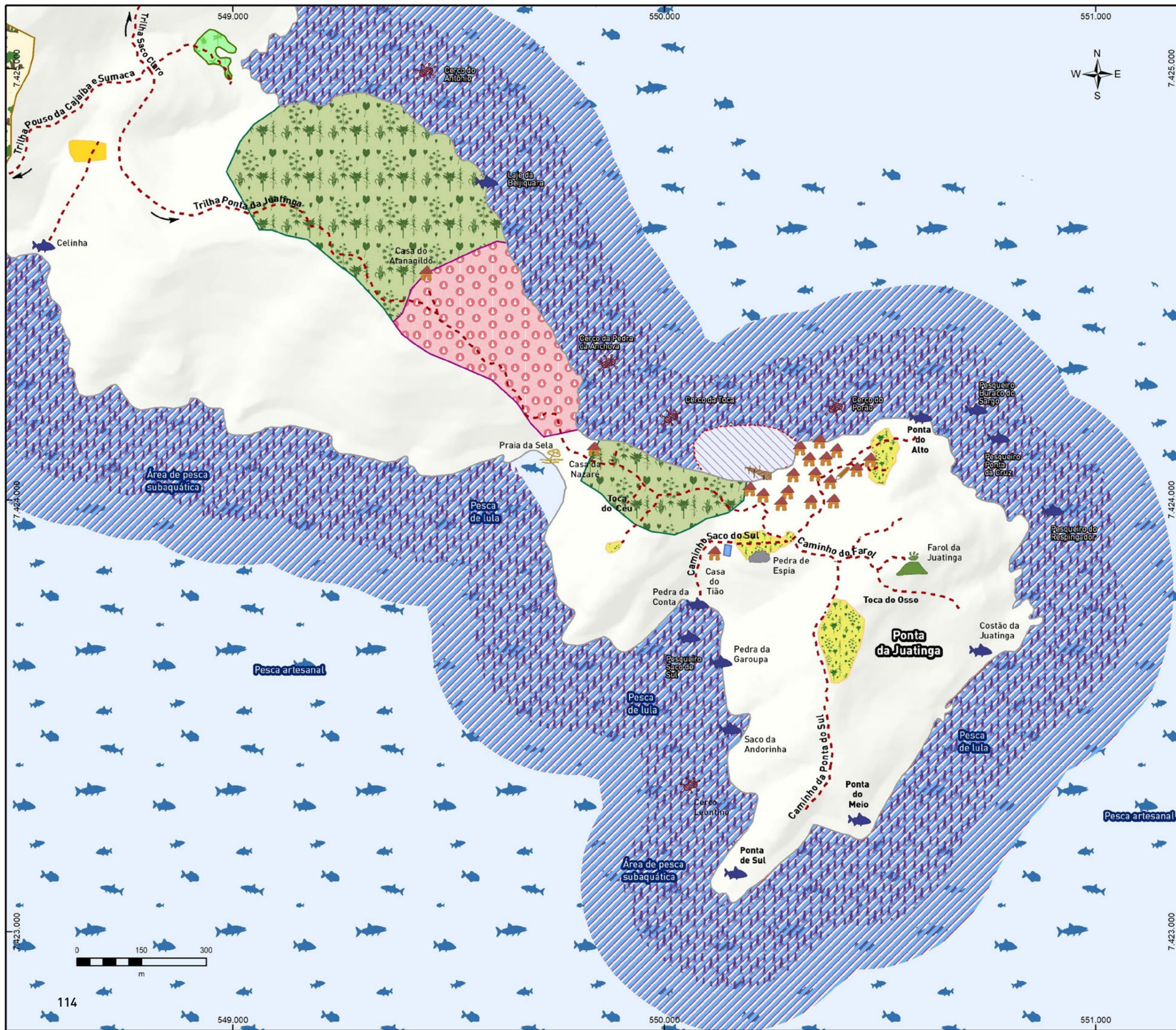
A coleta de lixo é realizada por barcos a serviço da prefeitura. Mas, conforme explicam os moradores, é comum o serviço falhar. Durante a pandemia de Covid-19, o serviço parou.



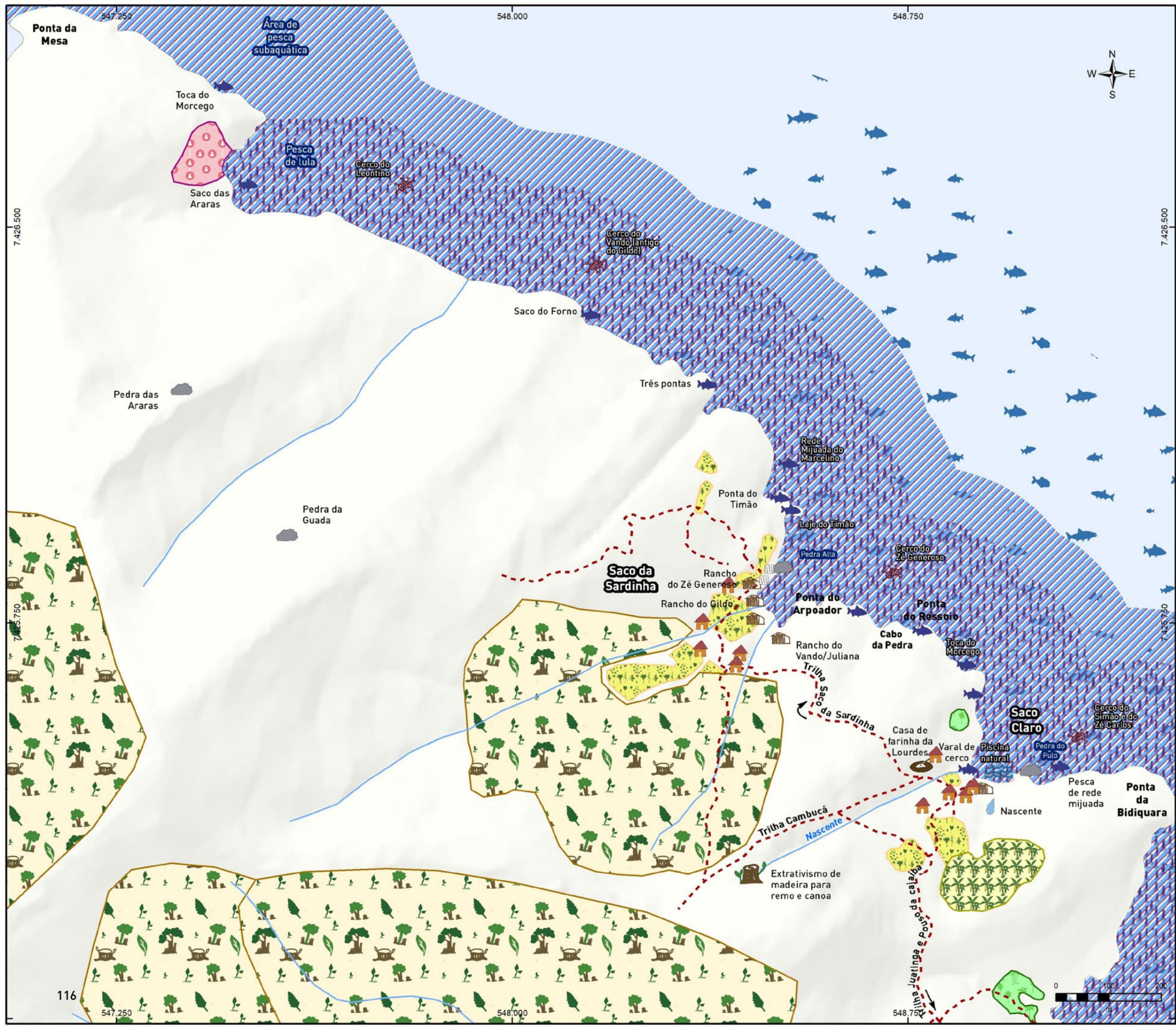
# COMUNIDADE CAIÇARA DA JUATINGA

## Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

-  Cais
-  Casa de caiçara
-  Escola
-  Farol
-  Pedra
-  Pesca artesanal
-  Pesca de Cerco
-  Praia
-  Trilha
-  Rio, córrego
-  Área comunitária
-  Área de fundeio
-  Área familiar
-  Extrativismo
-  Coqueiral
-  Ocupação histórica
-  Pesca artesanal
-  Pesca de lula
-  Pesca de mergulho
-  Roça
-  Roça antiga



# COMUNIDADES CAIÇARAS DO SACO DA SARDINHA E DO SACO CLARO



## Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

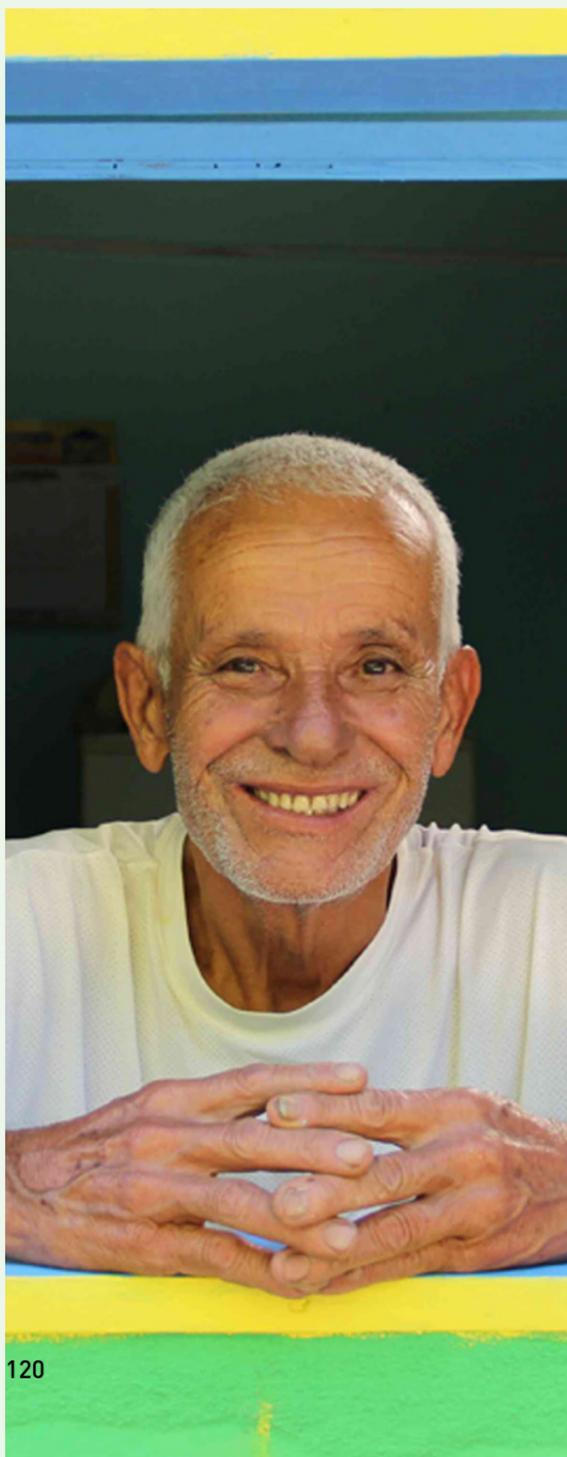
- Banho de mar
- Captação de água
- Casa de caiçara
- Casa de farinha
- Extrativismo
- Pedra
- Pesca artesanal
- Pesca de Cerco
- Rancho de pesca
- Varal
- Rio
- Trilha
- Área familiar
- Bananal
- Coqueiral
- Extrativismo
- Pesca artesanal
- Pesca de lula
- Pesca de mergulho
- Roça

# Cairuçu, Saco das Anchovas, Martim de Sá e Sumaca

As localidades caiçaras da Sumaca, Ponta da Rombuda, Martim de Sá, Saco das Anchovas e Cairuçu das Pedras estão situadas de outro lado da Ponta da Juatinga, uma região mais exposta às correntes e ressacas de mar aberto que não conta com refúgio para embarcações. Devido a dificuldade de acesso, essas localidades são mais isoladas e menos populosas.

“ **O mar é grande.  
Mas o olho do  
homem é maior. Eu achava  
que bicho feroz eram os  
bichos do mato. Mas o ser  
humano é que é feroz”**

*Manuel dos Remédios, “Seu Maneco”,  
77 anos, Martim de Sá, 2019*



As oficinas de caracterização realizadas na região reuniram os moradores dessas localidades e eles produziram um mapa falado único do território, abrangendo desde a Ponta da Juatinga até o Ilhote do Cairuçu. Por isso, os resultados do trabalho são apresentados conjuntamente.

## História das localidades

### *Cairuçu das Pedras, Saco das Anchovas e Martim de Sá*

As histórias do Cairuçu, Saco das Anchovas e Martim de Sá têm suas particularidades, mas podem ser apresentadas juntas, pois essas localidades são ocupadas há muitas gerações por núcleos familiares de caiçaras aparentados e que mantêm relações próximas e cotidianas até hoje. A árvore genealógica forma uma rede emaranhada de pessoas e lugares, conectando não só as localidades próximas, mas também outras comunidades da península, como o Pouso da Cajaíba, a Praia do Sono e a Ponta Negra ao longo de pelo menos 170 anos.

Um dos principais elos entre as primeiras gerações de moradores dessas localidades e as gerações

atuais é Seu Maneco do Martim de Sá, que faleceu em agosto de 2020, em meio à pandemia de Covid-19, levando consigo um acervo valioso da memória histórica e social desse lugar. Partiu deixando um legado e um alerta para os que ficam.

A história da família Remédios parece se confundir com a própria história da península. Como já mencionado em capítulos anteriores, a ocupação caiçara desta região está ligada à implantação da Fazenda Martim de Sá ainda no período colonial. O bisavô de Seu Maneco e de seus irmãos Jovino e Dulcinéia se chamava Manuel da Várzea e era do Pouso da Cajaíba. Ele teve 3 filhos, um deles era conhecido como Benedito Caçador. Quando se

tornaram adultos, cada um dos filhos do Manuel da Várzea buscou um lugar para morar. Benedito Caçador se casou com Sofia e foi viver no Cairuçu. Os outros irmãos foram um pro Sono, outro pro Martim de Sá. Benedito Caçador teve um filho, chamado Manuel Roque, conhecido como Roque Caçador, que se casou com Capitulina da Praia do Sono. O casal teve alguns filhos, entre eles Manuel dos Remédios, “Seu Maneco” nascido em 1942, Jovino dos Remédios, de 1944, e Dulcineia dos Remédios, de 1959.

Projetando 25 anos para cada geração, Manuel da Várzea possivelmente nasceu em meados do século XIX, perfazendo 170 anos de ocupação da família na península.



“ Meu avô Benedito Caçador nasceu no Pouso. O pai dele, meu bisavô, Manuel da Várzea, era de lá. Ele teve meu avô e mais dois filhos. Cada um foi procurando [um local pra viver]. O outro [irmão] procurou o Martim de Sá. O outro foi pro Sono. Meu avô procurou o Cairuçu.

Meu avô casou com a Sofia e foi morar no Cairuçu. Teve um tio meu aqui [no Cairuçu], Jovino também. Meu pai, o Roque, era pequeno quando morou aqui. Meu pai morou no Cairuçu até os 18 anos, daí perdeu a mãe e saiu pra trabalhar em Santos. Quando voltou ele casou. Minha mãe é filha do Sono. Meu pai morou com ela nos Antigos. Meu pai saiu com nós, eu com idade de 7 anos e meu irmão mais velho com 8, e fomos pro Martim de Sá. Aí do Martim de Sá me casei e vim morar lá no lugar onde meu avô trabalhava [entre Cairuçu e Ponta Negra].

Jovino dos Remédios, 75 anos,  
Cairuçu, 2019

A mobilidade sempre foi uma característica marcante na vida tradicional caiçara. Era comum as pessoas morarem em vários lugares ao longo da vida, e mesmo as famílias já constituídas se deslocavam de uma localidade a outra. Construíam uma nova casa de estuque, abriam uma roça e recomeçavam a vida na nova localidade. Ainda hoje esses deslocamentos ocorrem, mas já não são comuns como antigamente.

Jovino dos Remédios e seu cunhado Aprígio Ramos dos Santos trazem a memória do tempo em que eram crianças. Jovino nasceu nos Antigos e com 7 anos foi com a família morar no Martim de Sá. Depois de casar voltou para área do seu avô Benedito Roque no Sítio do Costão, no Cairuçu. Aprígio é da Ponta Negra e foi ainda criança morar no Cairuçu. Casou-se com dona Dulcinéia, a irmã de Jovino e Maneco, e lá mora até hoje.



**“ J:** Eu vou falar a verdade: antigamente, na idade dele [Roque Caçador e Benedito Caçador], todo mundo caçava... Caiçara só vivia disso, na pesca e de caçar. Não era nada da cidade.

**A:** Quando o mar tava ruim, não tinha como comprar mistura, aí a gente ia no mato, matava uma paca, matava cotia, matava um porco do mato. Então, aqui pro caiçara era isso aí.

**J:** Papai, meu avô, iam só na cidade na época do natal. As outras coisas tudo eles tinham aqui da roça, no mato. A luz, hoje tem aí a placa solar pra botar luz. De primeiro era a bicuíba [fruta], que às vezes a gente procurava no mato pra fazer a luz. Pegava a bicuíba, quebrava, pegava o bambu pra fazer esse palitinho, enfiava a bicuíba toda, acendia e botava na parede da casa de estuque. Não era nada comprado da cidade.

O sal era bem difícil da pessoa ir na cidade e trazer o sal. Antigamente era o sal mesmo da pedra, da água do mar, que entrava no buraco da pedra. Secava pra poder dar o sal pra salgar os peixes, pra limpar o peixe.

**A:** Quando batia o sol, aquilo secava e virava o cristal, aí você catava o cristal, trazia pra casa, esquentava na panela, torrava. Ficava igual sal mesmo comprado. Com aquele sal que temperava uma panela, salgava um peixe. Vivia assim. Eu alcancei isso, mas era pequeno. A noga também, ela dá uma fruta, que você quebrava ela, no Martim de Sá tem bastante. Quebrava, fazia aquele espeto também de noga e botava fogo naquilo, aquilo pegava fogo, botava assim do lado da parede e era a luz que alumia a noite”

*Jovino dos Remédios, 75 anos e Aprígio Ramos dos Santos, 68 anos, Cairuçu, 2019*

Também fazem parte da história dessas localidades conflitos por terra que começaram a pipocar em vários lugares da península com a chegada de pessoas de fora que se proclamavam donos das terras. O uso de violência física e psicológica empregada contra as famílias promoveu a saída de muitos caiçaras de seu território histórico.

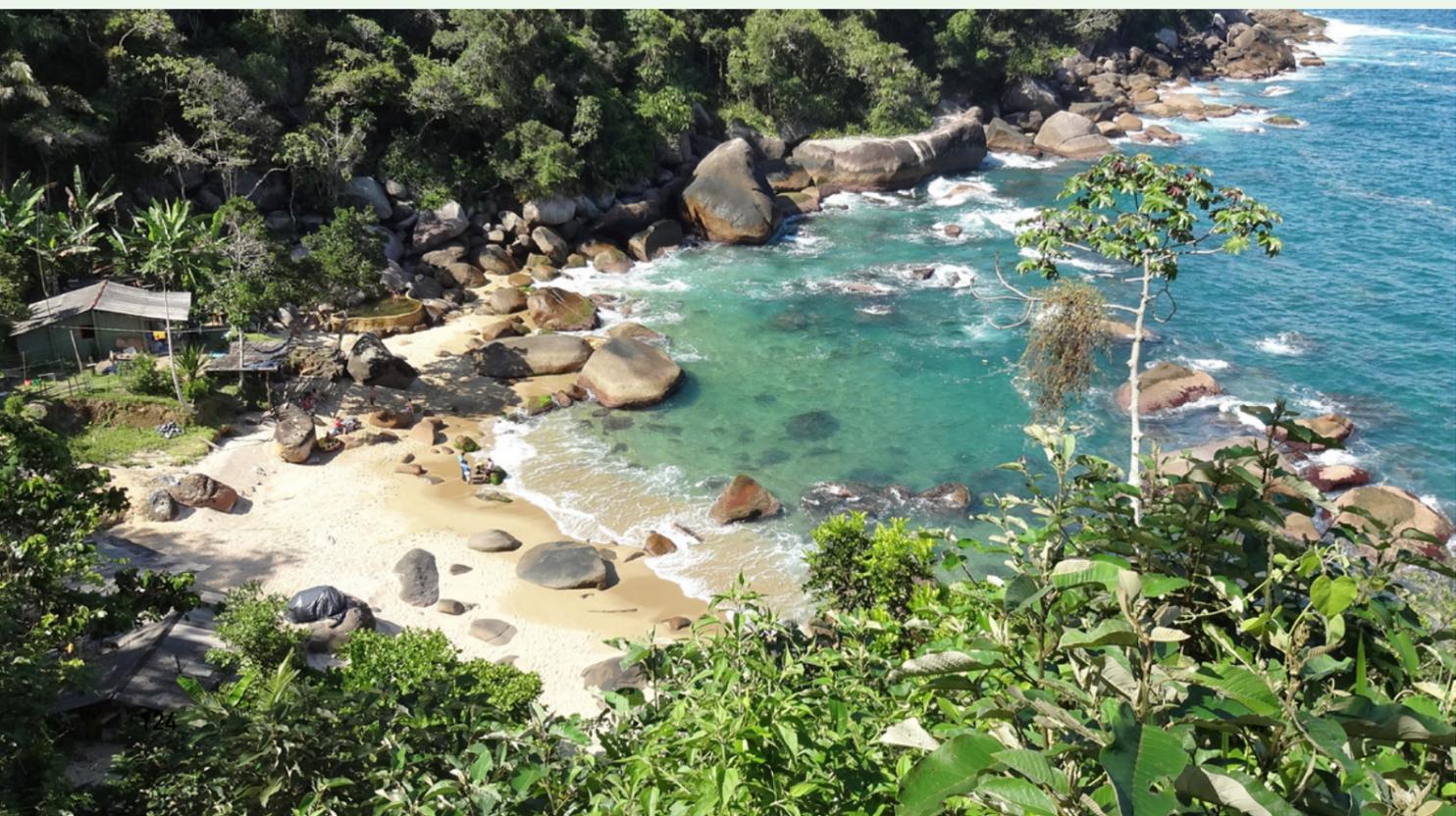
No Martim de Sá, o conflito durou 20 anos, mas contou com a resistência de Seu Maneco. Seu Maneco era ainda jovem quando teve que sair do Martim de Sá com a família. O suposto dono das terras, o coronel do exército Antonio Rocha Pacheco, chegou e implantou atividades de produção de carvão e criação de búfalos que destruíam quintais e roças. Quando essas atividades foram abandonadas, a família retornou ao local. E em 1999, Pacheco moveu uma ação de reintegração de posse. A ação se arrastou por quase vinte anos, mas deu ganho de causa ao Maneco.

Outro conflito fundiário histórico na península envolve a família de Gibrail Nubile Tannus, o mesmo que promoveu a saída de quase todas as famílias caiçaras da Praia Grande da Cajaíba. A família do Aprígio se viu obrigada a deixar a Ponta Negra e a Praia dos Antigos, e foi assim que ele chegou no Cairuçu, onde terminou de se criar, casou, e de onde nunca mais saiu, a não ser no período em que trabalhou na pesca embarcada.

**“ Minha família é geração antiga na Ponta Negra. A minha tia também, que morava aqui, era da Ponta Negra. Só depois que eles mudaram de lugar, que vieram pra cá [para o Cairuçu]. Eles moraram em Ponta Negra, de Ponta Negra foram morar em Antigos. Mas como o Gibrail começou a brigar com o pessoal lá nos Antigos, uns tiveram que deixar os Antigos, então foram morar no Mamanguá. E o meu tio veio praqui”**

*Aprígio Ramos dos Santos, 68 anos, Cairuçu, 2019*

A família “Remédios” ocupa as localidades Cairuçu, Saco das Anchovas e Martim de Sá. A Ponta da Rombuda também é território histórico dos caiçaras dessa família, ela era ocupada pelo núcleo familiar do Carmosino dos Remédios, mas faz uns 6 anos a família se mudou, visitando de vez em quando as áreas de uso que deixaram lá.



## Sumaca

A Sumaca é um território tradicional caiçara, mas sua história recente foi um pouco diferente. Na década de 90 foi palco de um conflito fundiário entre um pretense dono, do Rio de Janeiro, e um veranista de São Paulo que teria adquirido as terras ilegalmente. Expulso o paulista, a Sumaca é ocupada hoje por um caiçara do Pouso da Cajaíba que vive sozinho e zela pela propriedade.

Sem energia elétrica, a localidade segue com o ritmo do modo de vida caiçara. Manequinho da Sumaca, como já é conhecido por alguns, conta que Sumaca era o nome de um navio que naufragou ali e cujos destroços ainda se encontram no território. Ele mostrou a bica d'água na praia que fez aproveitando um cano de ferro muito espesso, e visivelmente muito antigo.

## População Caiçara

- **Martim de Sá:** 15 pessoas, considerando a família do Pedro Henrique e os demais filhos do Seu Maneco que tem casas ali e dividem residência em Paraty;
- **Cairuçu das Pedras:** 17 pessoas vivem permanentemente; o número aumenta no tempo da pesca, com a permanência da família do Pedro dos Remédios que tem um ponto de cerco no local; e na temporada do turismo alguns parentes que moram fora devido à falta de escola para os filhos chegam para passar as férias na localidade;
- **Saco das Anchovas:** 15 pessoas
- **Sumaca:** 1 morador permanente

## Tempos e Espaços Caiçaras

A extensão territorial representada no mapa falado produzido pelos moradores começa na ponta da Juatinga e vai até o Saco Bravo, incluindo a Sumaca, Rombuda, Martim de Sá, Saco das Anchovas e Cairuçu. Esse território é repleto de lugares nomeados pelos moradores, tanto na costeira como em terra. Uma das referências importantes dessa região da península é o Pico do Cairuçu, que mede 1.017 metros de altitude (o segundo mais alto da península).

Martim de Sá possui uma extensa faixa de areia. Sumaca possui duas faixas de areia pequenas separadas por pedras. A Praia do Cairuçu é bem pequena e repleta de pedras que exigem prática de quem vem embarcado em botes motorizados. O Saco das Anchovas não tem praia, então o embarque e desembarque das pessoas na localidade é feito em portos estivados.



Os nomes identificados no mapa são os seguintes: Ilhote do Cairuçu, Pedra do Miranda, Pico do Cairuçu, Cachoeira Grande, Cachoeira do Cairuçu, Ponta da Juatinga, Saco de Sul, Cela, Celinha, Costão do Francês, Saco da Rombuda, Ponta do Martim de Sá, Encontro do Rio/Boca da cachoeira, Parcel (entre cachoeira e Anchovas), Prainha (Anchovas), Ponta das Anchovas, Saquinho, Ponta do Cairuçu, Duas Lages, Arpoador (enseada onde tem a Banana Prata), Guatafunda (costão, ponto de pesca), Saco do Ingá, Saco da Vaca, Cachoeira do Saco Bravo, Ponta do Maximiano, Racha do Ronco (“mar bate cá embaixo e ronca lá dentro na racha da pedra”) e Saco Bravo.

Os caminhos também são importantes elementos do território de uso e ocupação caiçara. A trilha que liga o Pouso da Cajaíba ao Martim de Sá passa por um local chamado Diogo e dá acesso a Tapina do Miranda (ou pico do Miranda) um mirante de referência tanto para quem está no Pouso como para quem está no Martim. Essa trilha histórica de cerca de 4 quilômetros conectando a enseada da Cajaíba à vertente mais remota e selvagem da península. A partir de Martim de Sá, a caminhada para o Cairuçu das Pedras tem cerca de 5,3 quilômetros, passando pelo Saco das Anchovas. Entre o Cairuçu e a Ponta Negra está o trecho mais extenso e pesado do circuito de trilhas da península, com mais de 6,5 quilômetros e trechos bastante acidentados.



Além disso, os mapas mostram elementos da natureza e as áreas de uso pesqueiro, agrícola, extrativista e as casas dos moradores.

As práticas realizadas no território envolvem o manejo de uma grande diversidade de espécies. Para que as atividades produtivas tenham sucesso, é preciso conhecer o território, sua dinâmica ecológica, perceber as relações entre os vários elementos que o compõe. A natureza dá indicadores o tempo todo, os caiçaras sabem ler os sinais.

O diálogo abaixo traz a relação entre o comportamento dos animais, o clima e o mar.

“ **Jovino (JV):** Só quem conhece o tempo é bicho do mato. Passarinho... Se ele tiver falando demais, onde tem um montado de pica-pau, que fala ‘vein, vein’, é sinal de tempo. Saracura também é sinalizador de tempo. Se canta é sinal de tempo ruim, de chuva.

**Josias (JS):** Pitanhã também avisa, um passarinho amarelo.

**JV:** Ele fala ‘tempoquéviiim’.

**JS:** O pica-pau também avisa quando chega gente de fora. Esses dias aí eu tava vendo. Tempo bem. Quando vocês apontaram aí. E hoje de novo ele tava aí chamando de novo.



**Aprígio (A):** A formiga, aquela formiga correição também. Quando aquilo tá alvoroçado é tempo ruim que tá vindo.

**A:** Aí no mato tem uma qualidade de sapo que quando ele começa a falar, pode contar que é vento.

**JS:** E tem um da chuva, né?

**A:** Tem o da chuva também”

*Jovino dos Remédios, 75 anos; Aprígio Ramos dos Santos, 68 anos; Josias Silva de Jesus, 47 anos, 2019, Cairuçu*

“ **A correição, se ela vem da mata pra praia, é chuva na certa. Quando ela volta pra dentro, o tempo vai ficar bom”**

*Manuel Xavier Sobrinho “Manequinho”, 59 anos, Sumaca, 2021*

Nessa região, as condições do mar determinam as atividades das pessoas, seja a pesca, seja o transporte para a cidade ou outras localidades mais próximas. Tem dias que simplesmente não dá pra navegar, não tem como escapar das ondas da Praia de Martim de Sá, nem enfrentar o mar agitado na costeira das Anchoas ou do Cairuçu das Pedras e da Sumaca. O risco é muito grande. Por isso, conhecer os ventos que trazem chuva e ressaca é essencial para planejar as atividades e não ser pego de surpresa no meio da travessia.

“ **O vento que chama todos os ventos é o norte e o noroeste. É aviso. Meu pai falava isso: tá ventando de noroeste, tá chamando o sudoeste. Tempo vai virar”**

*Manuel Xavier Sobrinho “Manequinho”, 59 anos, Sumaca, 2021*

“ **Josias (JS):** O vento sudoeste é o vento mais respeitado, ninguém sai.

**Aprígio (A):** O sudoeste ele venta forte, mas o vento do oeste é complicado, que quando vem, vem acabando com tudo, tanto faz em terra como no mar. Esse vento do oeste quando ele venta é vento forte pra caramba. E depois também o noroeste, vento forte também. Mas é vento rápido.

**JS:** Aquele bafo quente. Ele mexe o mar, mas também é coisa rápida. Ele cai forte assim, mas o mar não fica muito agitado, não. O mar que fica agitado mesmo é o sudoeste e o sueste.

**JS:** O sudoeste agita muito o mar, o mar fica muito agitado...

**A:** O vento do oeste mexe com o mar também, mas isso vai depender da correnteza da água, também tem isso. Pode ventar forte, mas se a correnteza do vento tiver contra, não dá ressaca no mar. Agora se tiver a favor do vento, aí já é ressaca. A

corrente dá pra ver [olhando pro mar]. Se a corrente da água estiver a leste... ali naquela Ponta da Juatinga, às vezes tem correnteza de água ali, que aquilo levanta até o lodo de baixo.

**Jovino (JV):** Mais forte é o vento oeste. O sudoeste é batido, ele é direto, é compassado, eu acho. O oeste não. O oeste ele bate, ele tomba mesmo, ele vem de arrebentar... vem mais forte que o sudoeste. Ele bateu, foi quebrando os galhos de pau tudo, arrancou o sapê da casa, virou tudo de perna pra cima, ele vem de arrancar com tudo. Lá mesmo na Ponta Negra acabou com tudo, pé de jaca tudo.

**A:** Mas agora, aquele vento que passou lá na Ponta Negra foi um vento que se formou, né, foi um ciclone.

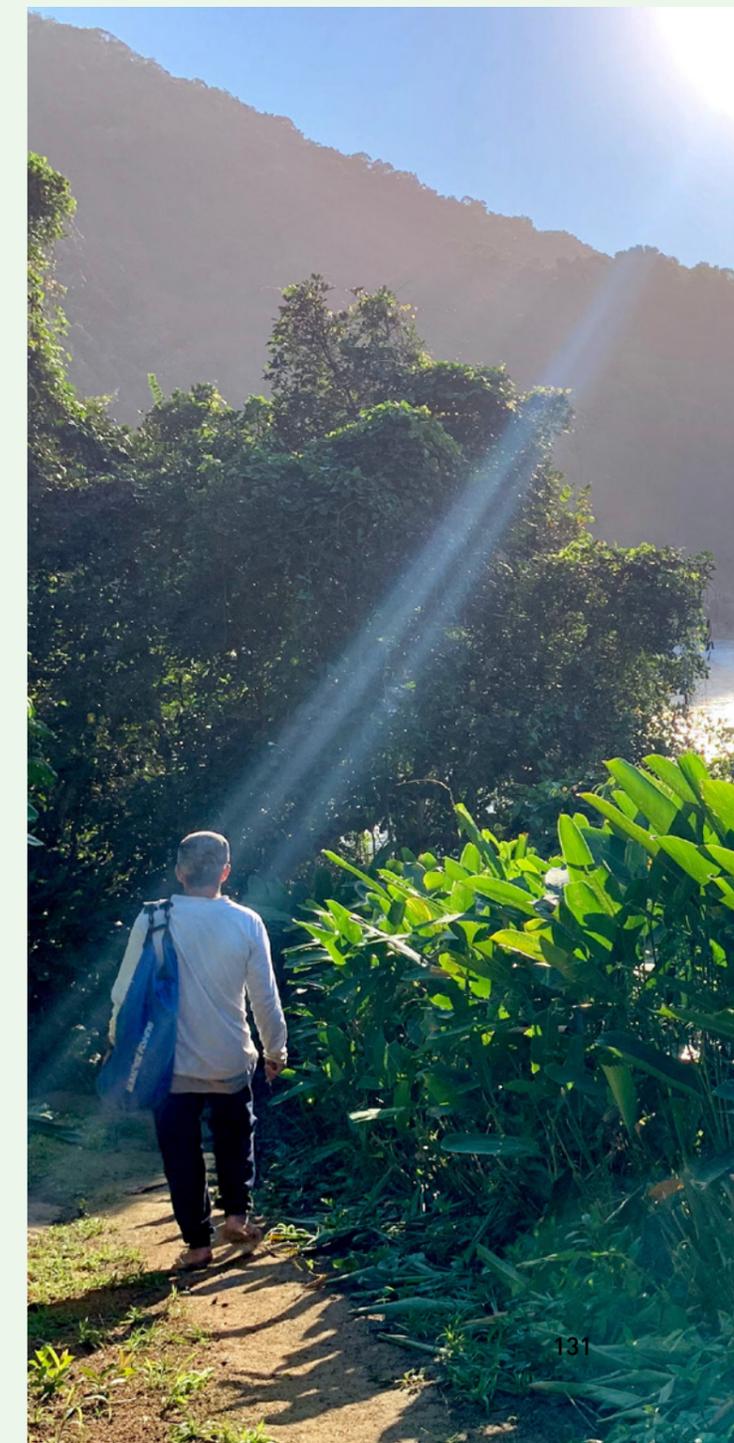
**JV:** Foi um vento do oeste, porque veio com chuva de trevoada. Sudoeste também...

**JS:** Os ventos que trazem chuva é sudoeste...

**A:** É. Primeiro ele venta assim sem chuva. Depois que ele vai acalmando, aí que vem a chuva... primeiro é o vento pra depois então vir a chuva.

*Jovino dos Remédios, 75 anos; Aprígio Ramos dos Santos, 68 anos; Josias Silva de Jesus, 47 anos, 2019, Cairuçu*

As estações são basicamente duas: tempo quente e tempo frio. Cada ano esses períodos podem atrasar ou antecipar um pouco, muito em função da chuva. Conforme explicado pelos moradores do Cairuçu, julho e agosto, por exemplo, quando são meses secos, não fazem frio. Se chove, faz muito frio. A cor e vitalidade das plantas também mudam ao longo do ano.





“ **Aprigio (A):** O caiçara não tem essa repartição [outono, primavera, verão, inverno]. A repartição do caiçara são os meses de frio e os meses quentes. Aqui pra nós é assim. E aí depende do tempo: às vezes tem um ano que já começa o frio mais cedo, e tem ano que o frio começa mais tarde. Que nem agora esse ano que passou: o mês de agosto aqui pra nós, uns tempos passados, era mês quente, não podia brincar com fogo por aí que pegava fogo qualquer lugar. Mês seco e quente, de sol. Agora esse ano o mês de agosto foi de frio. Teve um ano aí pra nós que o mês de junho, mês de julho, você tomava banho de água fria e não sentia frio. Quando chegou no mês de agosto, aí já veio frente fria, já mudou a temperatura, em vez de fazer frio no mês de junho, mês de julho, não fez. Às vezes o mês de março é chuva com trovoadas, bateu aquela chuva, passou, daqui a pouco já tá quente de novo. O

ruim é quando chove que vem essa frente fria, esse vento do oeste, aí vem trazendo frio. E fica semana de chuva, às vezes ventando.

**Jovino (JV):** Tempo mais quente [o mato] fica mais verde, a planta que nasce, no tempo quente, vem mais chuva, nasce melhor. No tempo frio não, o mato no tempo frio seca. E não sei porque, mas até a água do rio, no tempo frio, seca o rio. Lá no costão mesmo, os moradores que moravam lá tinham o rio, agora que saíram os moradores acabou o rio... onde nós moramos lá tinha água...

**A:** No verão aumenta a água da cachoeira, já no inverno já, que às vezes que leva um pouco de tempo sem chover já a água da cachoeira diminui”.

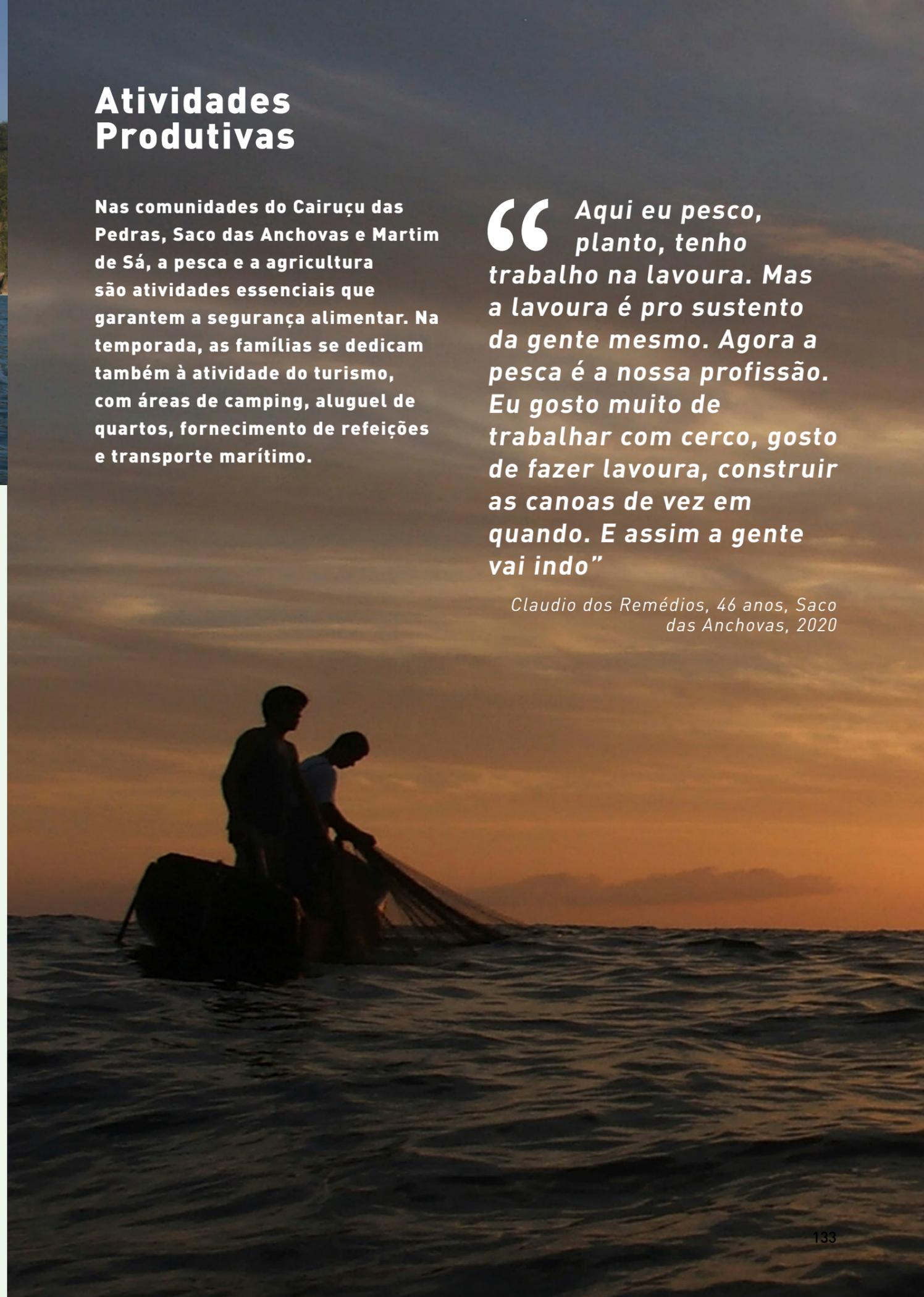
*Jovino dos Remédios, 75 anos e Aprígio Ramos dos Santos, 68 anos, Cairuçu das Pedras, 2019*

## Atividades Produtivas

Nas comunidades do Cairuçu das Pedras, Saco das Anchovas e Martim de Sá, a pesca e a agricultura são atividades essenciais que garantem a segurança alimentar. Na temporada, as famílias se dedicam também à atividade do turismo, com áreas de camping, aluguel de quartos, fornecimento de refeições e transporte marítimo.

“ Aqui eu pesco, planto, tenho trabalho na lavoura. Mas a lavoura é pro sustento da gente mesmo. Agora a pesca é a nossa profissão. Eu gosto muito de trabalhar com cerco, gosto de fazer lavoura, construir as canoas de vez em quando. E assim a gente vai indo”

*Claudio dos Remédios, 46 anos, Saco das Anchovas, 2020*



Na Sumaca, além da pesca de subsistência, o sustento vem do turismo. Há no local uma infraestrutura de camping e um bar. Além disso, o morador voltou a cultivar mandioca em uma pequena área e faz artesanatos com madeira (remo e canoa miniatura, gamela, fruteira, colher de pau).

## Pesca

No Saco das Anchovas e no Cairuçu, onde a pesca é a principal atividade que gera renda familiar, o cotidiano é no mar. Essas comunidades organizam o seu calendário de trabalho em função das safras dos diferentes peixes e do clima que influencia a navegação e a captura dos peixes.

São 5 pontos de cerco fixo flutuante nessa região, localizados no Saco da Rombuda; na Ponta do Martim de Sá e no Saco das Anchovas (do Claudio); no Cairuçu e no Ilhote do Cairuçu (do Pedro).

Todas as localidades possuem ranchos onde são guardados petrechos e embarcações. Na pequena praia do Cairuçu são 5 Ranchos; Saco das Anchovas são 3; no Martim de Sá tem 1 e na Sumaca tem 1 rancho.

“ **Cerco flutuante o nome dele. Ele fica no mar até 16, 17 dias. A gente vai no cerco 4 vezes no dia fazer a levantação pra pegar os peixes. Tem vez que vem peixe, tem vez que não vem. É uma pesca especial. Foram os japoneses que inventaram a pesca de cerco. Nós acatamos e até hoje a gente faz essa atividade.** ”

**O cerco captura todo peixe que passa ali. Inclusive a nossa região que é mar aberto, pesca até tubarão, ele entra dentro do cerco. O cerco pega o cardume, o peixe vivo. E a gente pode escolher o peixe que vamos consumir e vender, e o peixe que não serve, se for pequeno, se for pesca proibida, a gente devolve pro mar. Essa é a beleza do cerco.**

**No cerco, às vezes tem peixe que dá de tonelada, que vem em quantidade boa. A gente pesca mês**

**de outubro, novembro e dezembro, são meses bons pra peixe. Daí pra frente, cada mês tem uma qualidade de peixe: xerelete, sororoca. Nesses meses de setembro e outubro tem variações de peixe, menos quantidade, mas mais variações**

*Claudio dos Remédios, 46 anos, Saco das Anchovas, 2020*

Além dos cercos, que são colocados na água quando passam os meses de ressaca (geralmente no meio do ano) outras técnicas de pesca artesanal são desenvolvidas nessas localidades, tais como:

- **Mergulho** - Costões, lages, parcéis, ilhas: Garopa, Sargo, Pirajica, Godião Tesoura, Lagosta.
- **Rede mijuada ou linha** - Costão, Ilhote do Cairuçu: Anchova, Garopa, Olho de Cão, Olhudo, Bonito, Bicuda; Espada; Sargo, Marimbá.
- **Rede de malha 55**: Corvina, embarcados na canoa ou em botes com 2 pessoas.
- **Espinhel** - Afastado da costa: Cação, Dourado, peixes grandes.
- **Tarrafa** - Costeira e Praia da Sumaca: Parati, Tainha, Olhudo, Cara-Pau.



## Roça

O trabalho na lavoura é bastante importante para alimentação das famílias nessa região. Foram identificadas 2 roças no Martim de Sá; 6 roças e 2 casas de farinha ativas no Cairuçu; 9 roças e 2 casas de farinha ativas no Saco das Anchovas. E 1 área agrícola na Sumaca. A variedade agrícola é essencial para garantir alimento o ano todo, respeitando a sazonalidade e ciclos próprios de cada planta.



## Diversidade agrícola

Mandioca Maricá (farinha)	Laranja da terra	Mangueira
Mandioca Bordão (Farinha)	Laranja da China	Cacau
Aipim Vermelho	Mexirica ou laranja cravo	Abacate
Aipim Amarelo	Limão	Jaca
Aipim Seda	Banana Prata	Araçá
Inhame	Banana Nanica (d'água)	Coqueiro
Cará Roxo	Banana da Terra	Jussara
Cará Moela	Banana Bacubita (ouro)	Mamão
Feijão preto ou carioquinha	Banana Santomé	Pitanga
Café	Banana São José	Goiaba
Milho	Banana Maçã	Jabuticaba
Batata-doce Roxa	Banana Cinza	Cambucá
Abóbora Menina e Moranga	Cana: Cera, Campista, Preta, Ubá, Santa Helena	Melancia
Abacaxi	Quiabo	Pepino

Para uma roça produtiva, é preciso primeiro saber escolher o local: observando a característica do solo, a presença de determinadas espécies que nascem na área, como bate o sol e como bate o vento. E depois ficar atento ao calendário agrícola

que envolve os melhores meses e as melhores luas para plantio. Arroz atualmente não é plantado na região, mas já houve roça de arroz no Cairuçu.



“ Eu conheço duas qualidades de arroz: esse arroz pontiagudo que é da água, e tem do morro, esse arroz mais redondinho. Então esse aí nós já plantamos. Eu plantei aqui no costão, do morro, e bem deu arroz! Deu bastante arroz, esse do morro carregou bastante.

Tem pessoas que pensam que podem plantar em qualquer lugar e vai dar. Não dá. A gente já conhece pela terra. A terra que você olha e é uma terra assim lavada, uma terra limpa, não adianta fazer derrubada que não dá nada, uma terra assim que não tem estrume na terra, tá uma terra só, aparecendo a terra, não tem folha, não tem nada. E tem uma qualidade de mato, aí pra cima tem palha braba, essa touceira assim, um aqui, outro lá. Essa terra não dá nada. Agora, se é uma terra que você olha e tem outras qualidades de mato, você pega a terra, corta um pouquinho da terra, se tiver cheiro de coco, cheiro de tatu, essa terra é boa. Se a terra não tem cheiro de nada, não é terra boa, não.

Encosta de morro, de frente pro lado do vento sueste, não bota roça porque ali é lugar frio. Lugar na frente do sol sempre é uma terra quente.

O tempo de trabalhar na roça é julho, agosto, setembro, outubro. Começa em julho: roçar, derrubar, queimar pra limpar a terra. Se tiver de chuva, daí vai esperar o tempo melhorar de sol... senão não pega

fogo. Se a lua cheia vai cair no princípio de agosto a gente limpa a terra em julho pra plantar no princípio de agosto. Se a lua cheia de julho vai cair no final de julho, pegando no mês de agosto, aí você tem que limpar em junho pra plantar em julho.

Primeiro nós plantávamos rama perto um do outro, uma cova aqui, outra aqui. Agora, não, tamo fazendo mais longe. Sabe por quê? A rama sai mais tranquila, mais limpa, dá mais raiz. Mais perto, ele cresce abafado, não tem [espaço] pra crescer, um tira força do outro. Mesma coisa do feijão: se você plantar muito junto, só dá pé, porque abafa muito. Plantando longe já sai mais liso. O milho mesma coisa, tem que dar espaço um do outro.

Planta mês de agosto, o feijão e o milho. A rama também. O feijão a época de colher é três meses. O milho é quatro meses. O milho é uma coisa que eu vou dizer pra você: pra mim, antigamente, só tinha esses dois meses: agosto e setembro. Agora é julho, agosto, setembro, outubro. Dá certo. Só mesmo se o pessoal não quiser plantar. Porque eu plantei esse milho agora nesse mês de novembro. Mandioca é julho, agosto, setembro, vai indo até outubro”

*Jovino dos Remédios,  
75, Cairuçu, 2019*

Para produzir uma farinha saborosa e de qualidade, a mandioca tem que ser plantada na lua minguante, diferente de outros alimentos que são bons de plantar na lua cheia. Jovino explica porque:

“ **Você plantando a rama na lua cheia, ela fica aguada. Se você plantar na lua cheia, toda mandioca pra fazer farinha vai estar sempre aguada, mole, vai ter mais caldo, o polvilho da farinha sai tudo no caldo. Você vai torrar a farinha, vai dar ponto, pega a farinha assim sem polvilho, lavada, não tem uma goma, tá limpa. Agora você plantando na minguante já é mandioca enxuta, não tem muita água, daí você faz farinha, a farinha tem polvilho. Então você tem que procurar a lua pra plantar”**

*Jovino dos Remédios, 75, Cairuçu, 2019*



## Extrativismo

O extrativismo é uma atividade importante do modo de vida tradicional caiçara. As madeiras do mato são usadas para fazer casa de farinha, rancho, canoas, remos e pilões. O sapê que cobre as casas é retirado das áreas de manejo das roças de coivara.

As canoas da região têm um formato peculiar, adaptado às características do ambiente marinho da região. Seu Jovino, Maneco, Pedro e Claudio

fazem canoas um pouco mais curtas, largas e bojudas do que as canoas feitas para navegar em águas mais calmas. Manequinho da Sumaca também aprendeu a fazer canoa.

Os cipós e taquaras são recolhidos para confecção de tapitis, cestos e peneiras, que são objetos da cultura material tradicional caiçara. Seu Jovino do Cairuçu é possivelmente o único caiçara que ainda produz tapiti na região.

### Madeiras para Canoa

Ingá amarelo

Ingá flecha

Ingá Ferro

Ingá Titica

Cedro Rosa

Timbaúba rosa

Timbaúba Branca

Louro (lasca mais, mas é leve)

Sapopema

Aricurana

Garapubu (leve)

Cana Ficha

Cobi Ananhagatu

Carquera

### Madeiras para remo

Cacheta branca

Guacá

Guarana

Cubitinga

Bicuíba

### Madeiras para Artesanato

Caxeta

Guarana

Peloteira



## Práticas de cuidado

No Cairuçu, Saco das Anchovas e Martim de Sá, muitas pessoas nasceram pelas mãos de Capitulina, mãe de Seu Maneco, Jovino e Dulcinéia, a parteira que dava assistência às gestantes. Ela conduziu os partos de suas noras e filha. Também ela conhecia receitas de remédios feitos com plantas medicinais que coletavam na mata ou mantinham no quintal. Havia pessoas que faziam benzimentos também, mas essa prática não tem ocorrido na região.

**“ Os filhos do Seu Maneco, ela que foi a parteira. Daqui da minha mulher [Dulcinéia], também. Só teve dois que vieram em Paraty, o resto foi tudo aqui, nascido aqui na mão da Capitulina**

*Aprígio Ramos Santos, 68 anos, Cairuçu, 2019*

A saúde também está muito associada à alimentação. A comida comprada no mercado, dizem, é envenenada, e as pessoas hoje adoecem mais porque comem esse tipo de alimento. Com base nisso, fazem a crítica à vida na cidade.

**“ [A pessoa] sai de um lugar que deu lugar pra morar, comer tudo que é do bom e plantado pela mão dela. Quando ele vai pra cidade, comer as coisas, bem dizer, envenenada, que tem remédio na comida, coisa comprada, tudo com remédio. Não tem uma coisa natural daqui da terra. Então a pessoa sai, leva dois, até três anos bons, comida faz mal. Às vezes a pessoa não sabe nem porque é, mas ela tava comendo a comida envenenada. Depois que você sai e cai na cidade... um conhecido meu, um amigo meu, saiu pra cidade, não levou nem dois anos. Morreu”**

*Jovino dos Remédios, 75 anos, Cairuçu, 2019*



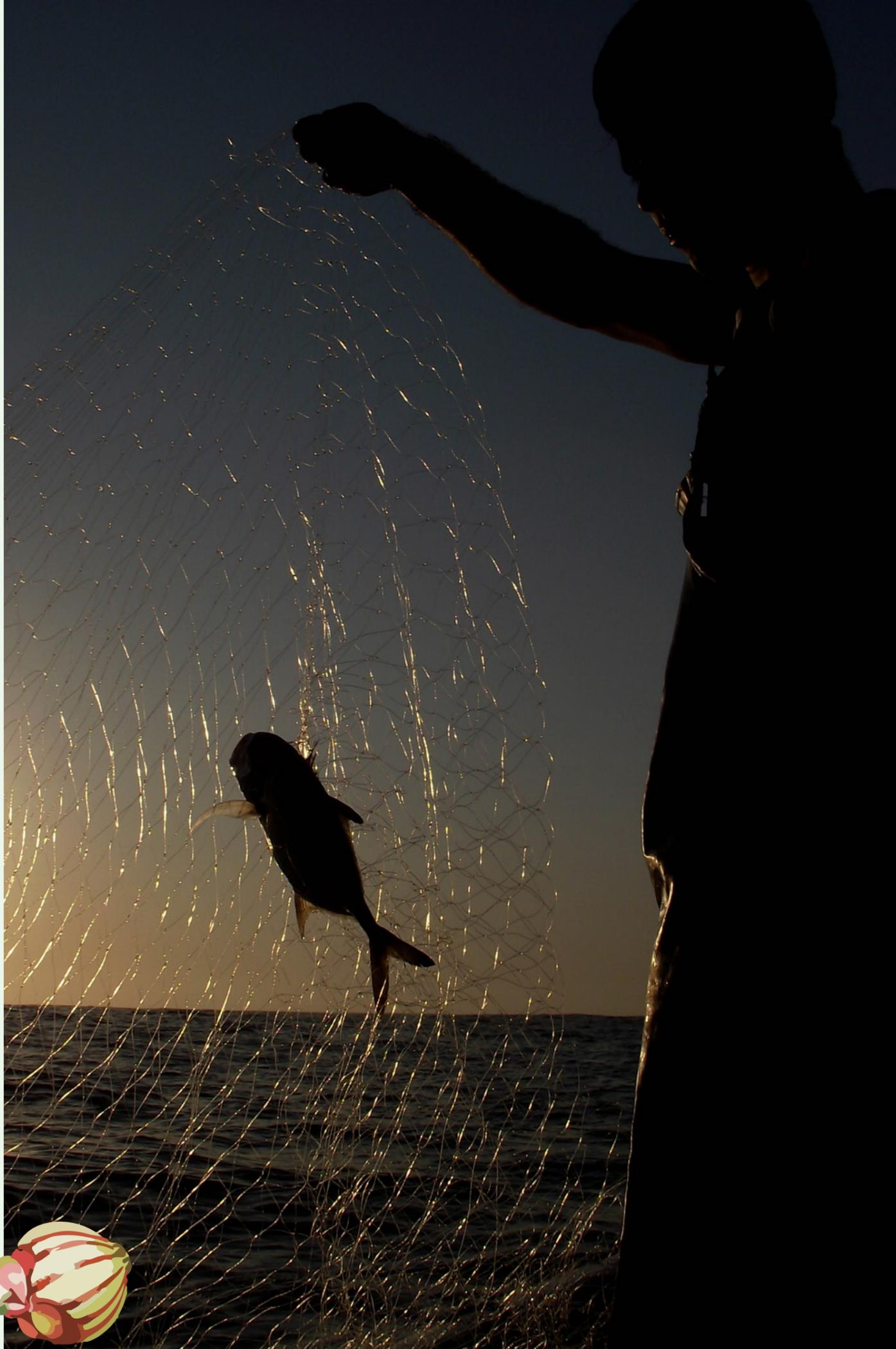
## Infra-estrutura comunitária e serviços públicos

Nessa região mais remota da península da Juatinga não há serviços públicos de educação, saúde ou coleta de resíduos. A ausência de escola força as famílias com crianças a se deslocarem para outras comunidades ou para a cidade.

Em novembro de 2020 finalmente foram instalados sistemas de energia solar no Cairuçu (6 módulos) e Martim de Sá (4 módulos), capazes de suportar a conexão de geladeiras.

## Ameaças e conflitos

As principais questões que ameaçam os moradores do Martim de Sá, Cairuçu e Saco das Anchovas são: os históricos conflitos fundiários envolvendo grileiros; a diminuição do estoque pesqueiro, causada pela pesca industrial, pela pesca de arrasto de camarão, pesca predatória de sardinha e pela presença de navios dentro da baía; a especulação imobiliária; e o turismo predatório.



**“** **Aprígio:** vem esses atuneiros pegar isca. Quando chega a época da criação da sardinha, vem pegar isca aqui.

**Josias:** Por isso que tá acabando a sardinha.

**A:** E hoje em dia também tem a aparelhagem.

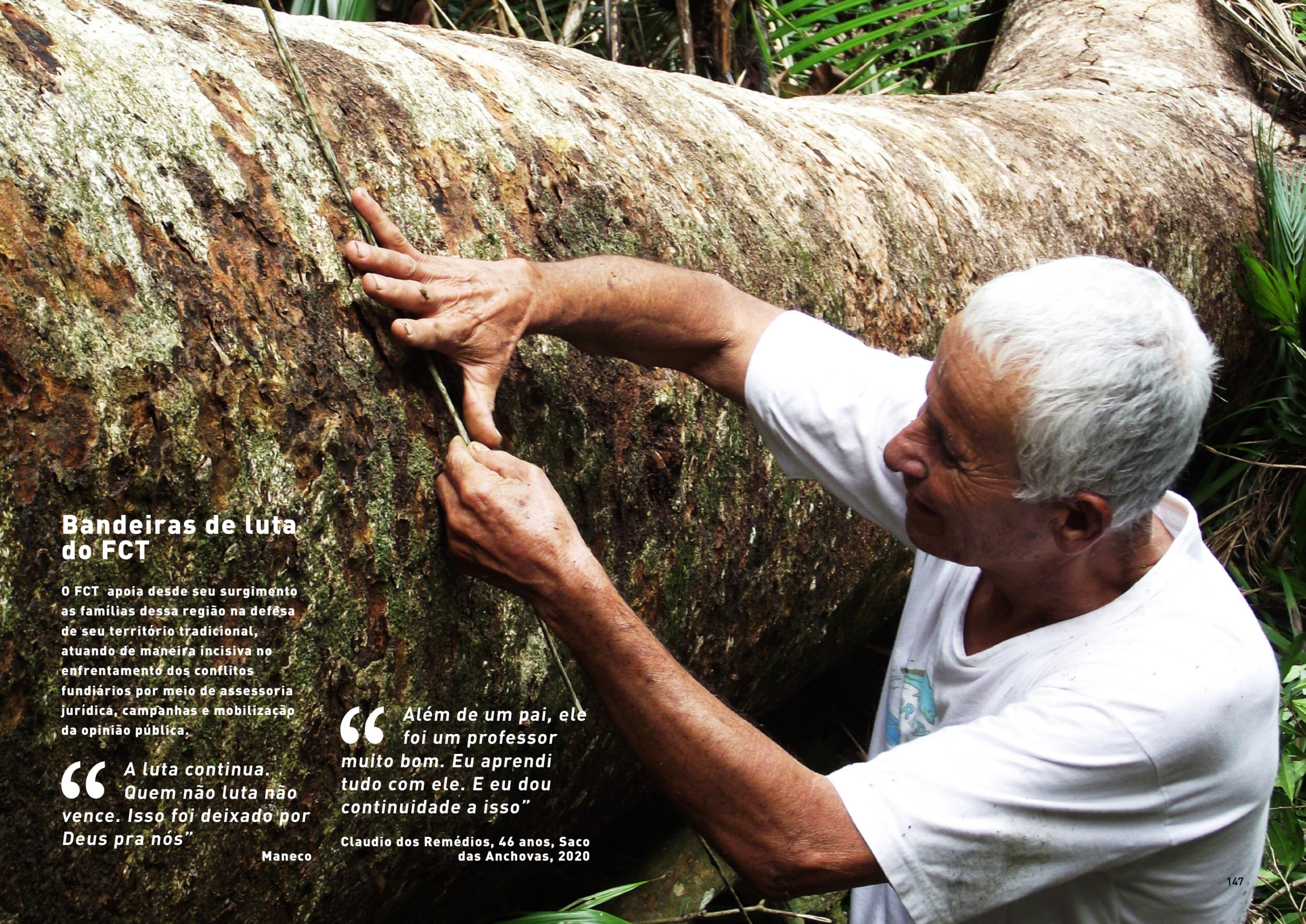
**Jovino:** É, esses aparelhos que os homens inventaram que tão acabando com tudo.

**A:** E porque no mar ninguém planta, só colhe, né?”

*Aprígio Ramos dos Santos, 68 anos, Jovino dos Remédios, 75 anos, Josias Silva de Jesus, 47 anos, Cairuçu, 2019*

Maneco do Martim de Sá também identificou como ameaça a poluição marinha (tendo como indicadores a alteração da água do mar e a diferença no sabor dos peixes) e também as mudanças climáticas (a partir da percepção sobre a redução da produtividade das árvores frutíferas e do tamanho dos frutos). Maneco não faz boas previsões para o futuro do planeta. Considera que as comunidades tradicionais estão desaparecendo porque o mundo de fora chega e é desfavorável para as comunidades.





## Bandeiras de luta do FCT

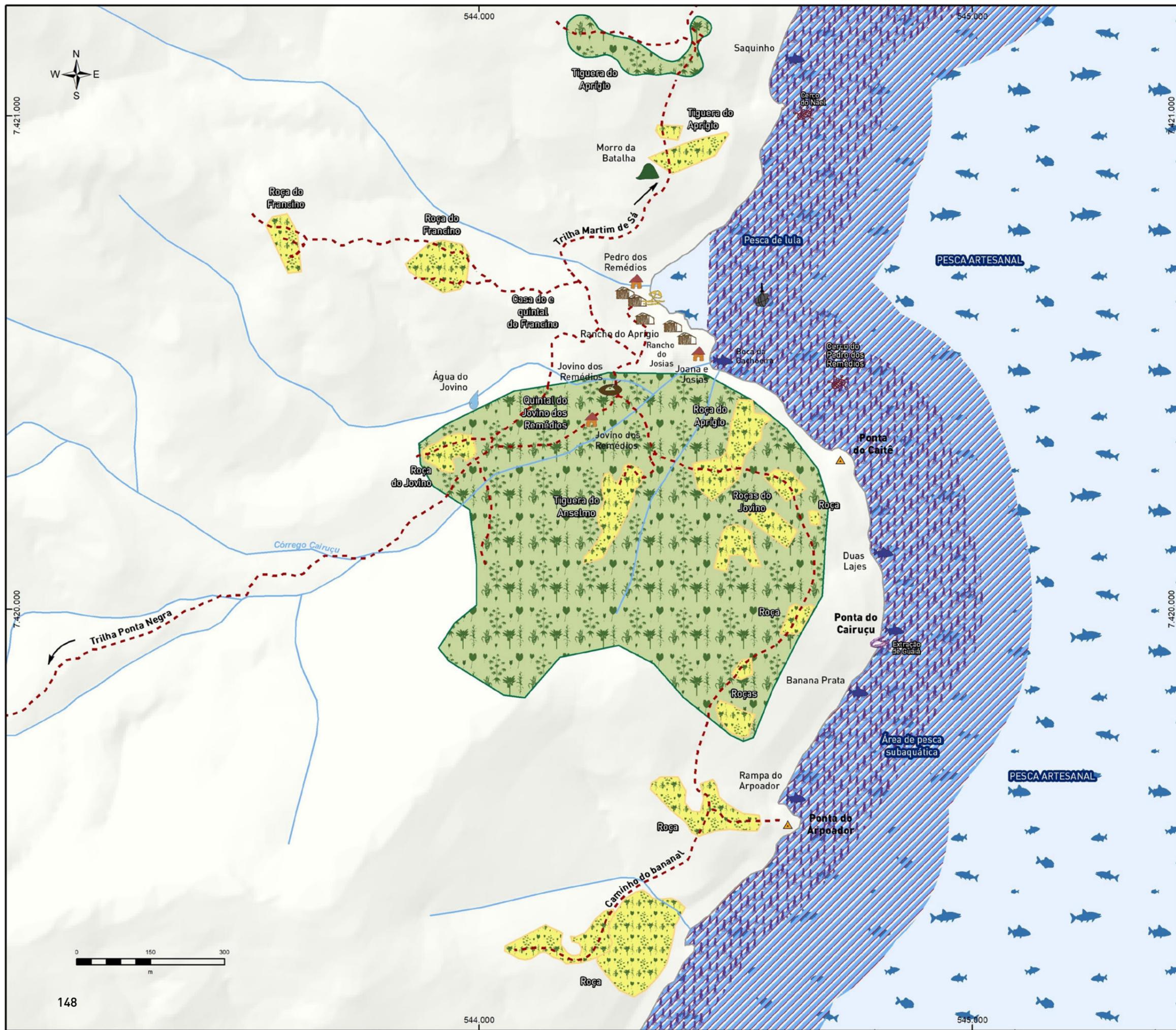
O FCT apoia desde seu surgimento as famílias dessa região na defesa de seu território tradicional, atuando de maneira incisiva no enfrentamento dos conflitos fundiários por meio de assessoria jurídica, campanhas e mobilização da opinião pública.

“ A luta continua. Quem não luta não vence. Isso foi deixado por Deus pra nós”

Maneco

“ Além de um pai, ele foi um professor muito bom. Eu aprendi tudo com ele. E eu dou continuidade a isso”

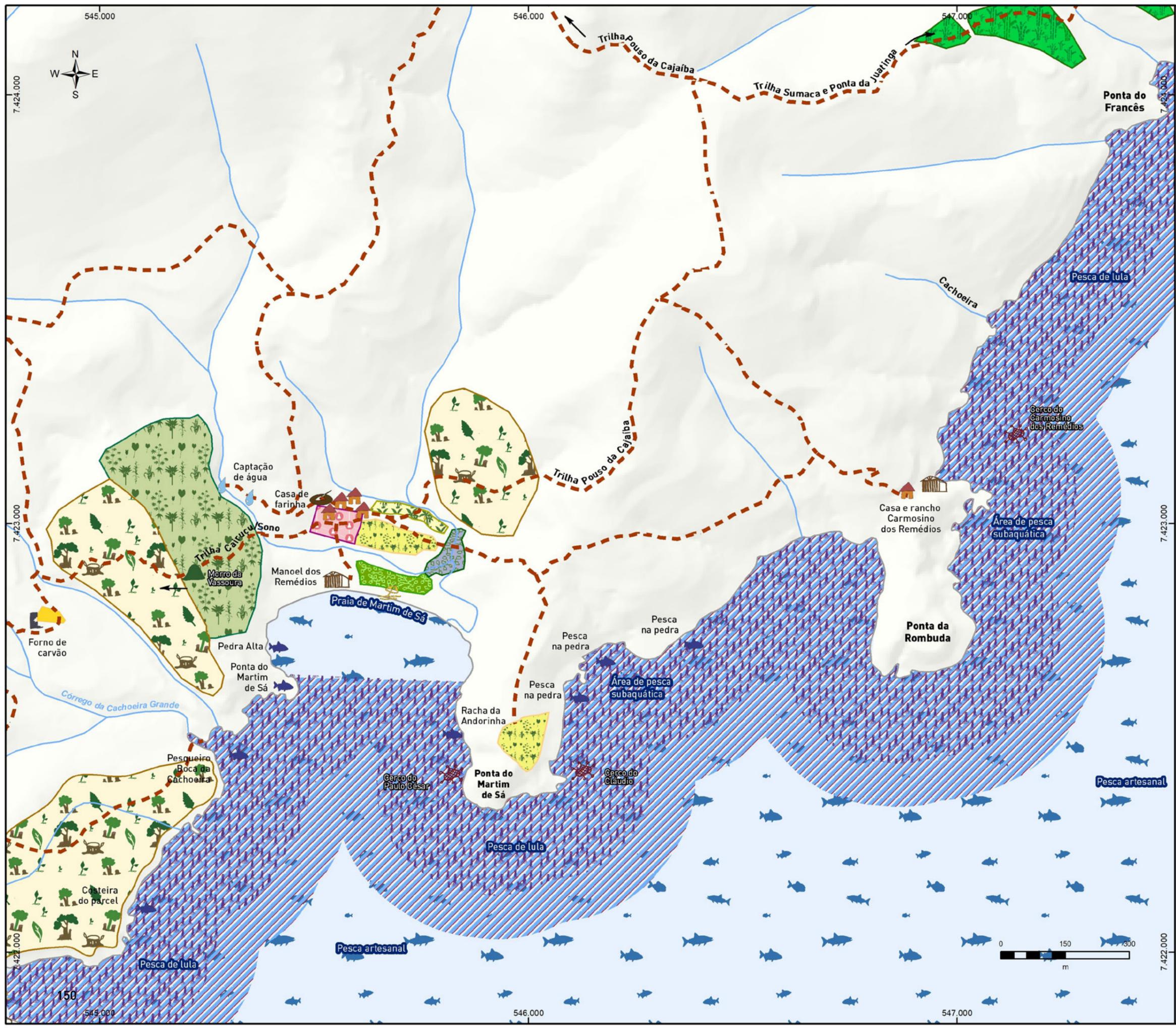
Claudio dos Remédios, 46 anos, Saco das Anchovas, 2020



### COMUNIDADE CAIÇARA CAIRUÇU DAS PEDRAS

#### Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

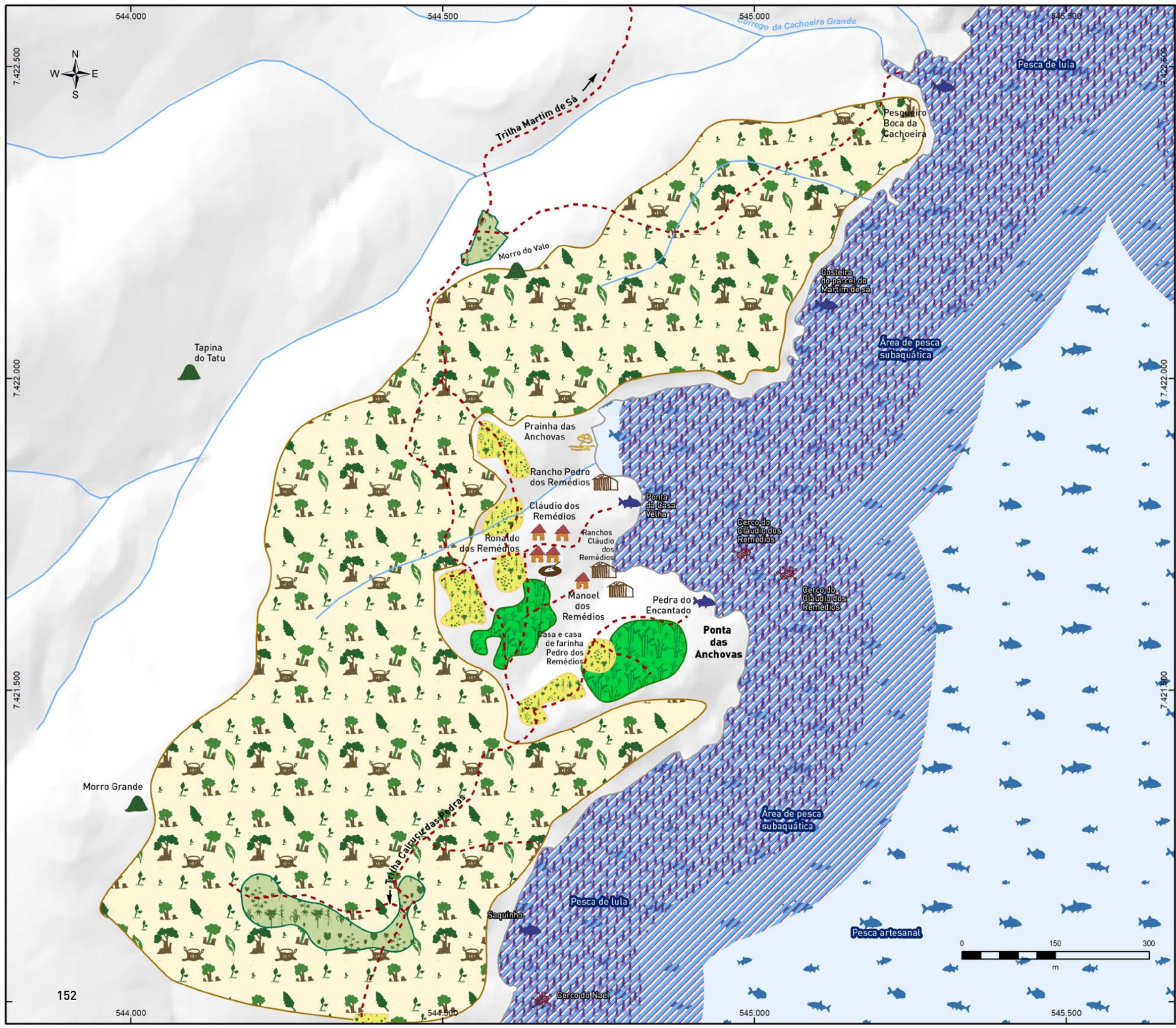
- Captação de água
- Casa de caiçara
- Casa de farinha
- Extração de marisco
- Morro
- Local de pesca
- Pesca de Cerco
- Poita
- Ponta
- Praia
- Rancho de pesca
- Trilha
- Rio
- Pesca artesanal
- Pesca de Lula
- Pesca de mergulho
- Roça
- Roça antiga



# COMUNIDADE CAIÇARA DO MARTIM DE SÁ E ROMBUDA

## Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

- Captação de água
- Casa de caiçara
- Morro
- Pesca artesanal
- Pesca de Cerco
- Praia
- Rancho de pesca
- Ruína
- Casa de farinha
- Trilhas antigas
- Rio
- Bananal
- Camping de caiçara
- Extrativismo
- Mangue
- Ocupação histórica
- Pesca artesanal
- Pesca de lula
- Pesca de mergulho
- Restinga
- Roça
- Roça antiga
- Sapezal



# COMUNIDADE CAIÇARA DO SACO DAS ANCHOVAS

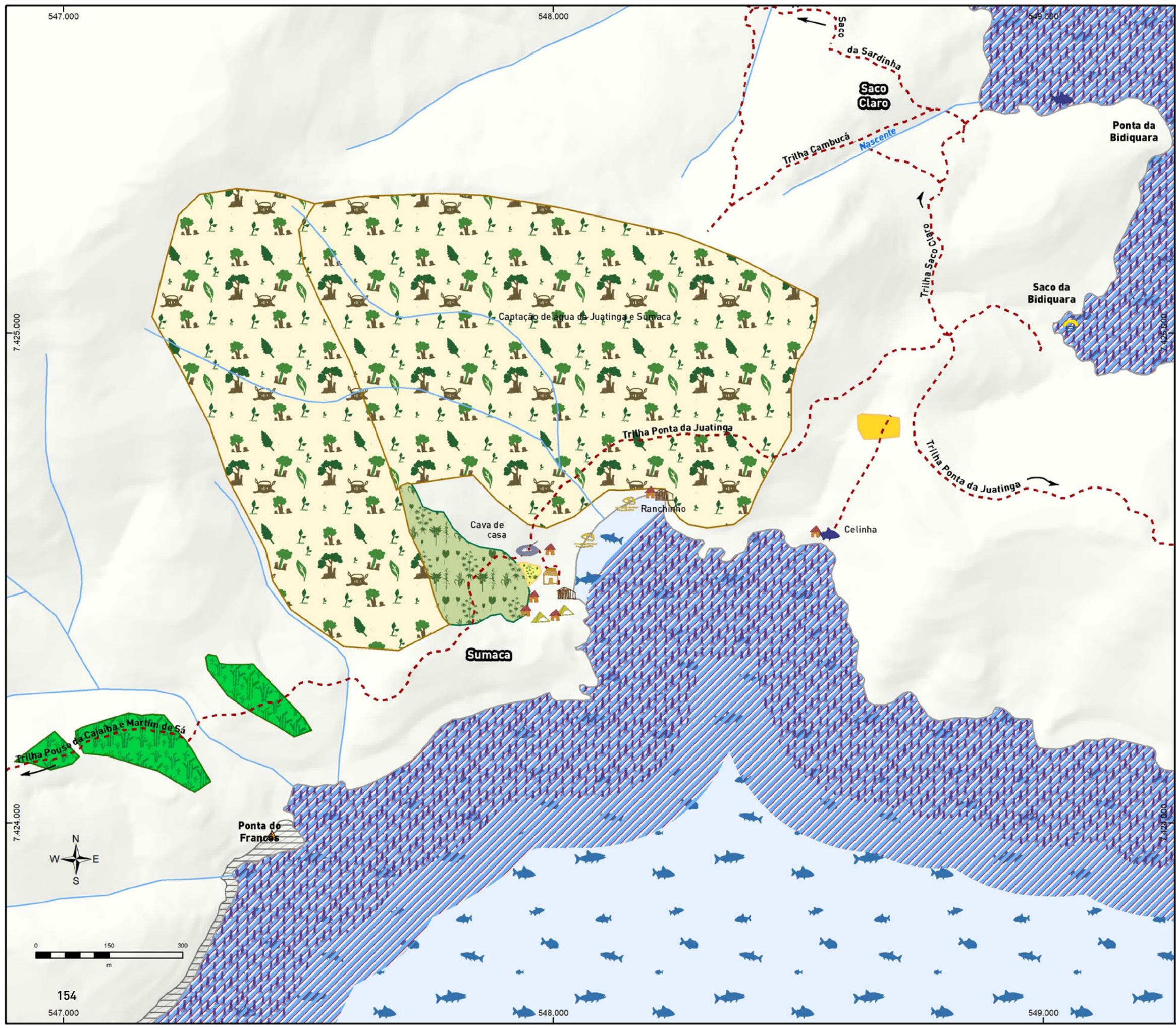
## Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

- Casa de caiçara
- Casa de farinha
- Extrativismo
- Morro; Tapina
- Pesca artesanal
- Pesca de Cerco
- Praia
- Rancho de pesca
- Ruína
- Trilha
- Rio, córrego
- Área familiar
- Extrativismo
- Ocupação histórica
- Pesca artesanal
- Pesca de lula
- Pesca de mergulho
- Roça
- Roça antiga
- Sapezal

# COMUNIDADE CAIÇARA DA SUMACA

## Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

-  Camping de caiçara
-  Captação de água
-  Casa de caiçara
-  Comércio de comunitário
-  Pesca artesanal
-  Pesca de cerco
-  Ponta
-  Praia
-  Rancho de pesca
-  Saco
-  Casa de farinha antiga
-  Trilha
-  Rio
-  Coqueiral
-  Costão
-  Extrativismo
-  Ocupação histórica
-  Pesca artesanal
-  Pesca de lula
-  Pesca de mergulho
-  Roça
-  Roça antiga
-  Sapezal



7.425.000

7.424.000

7.424.000

547.000

548.000

549.000

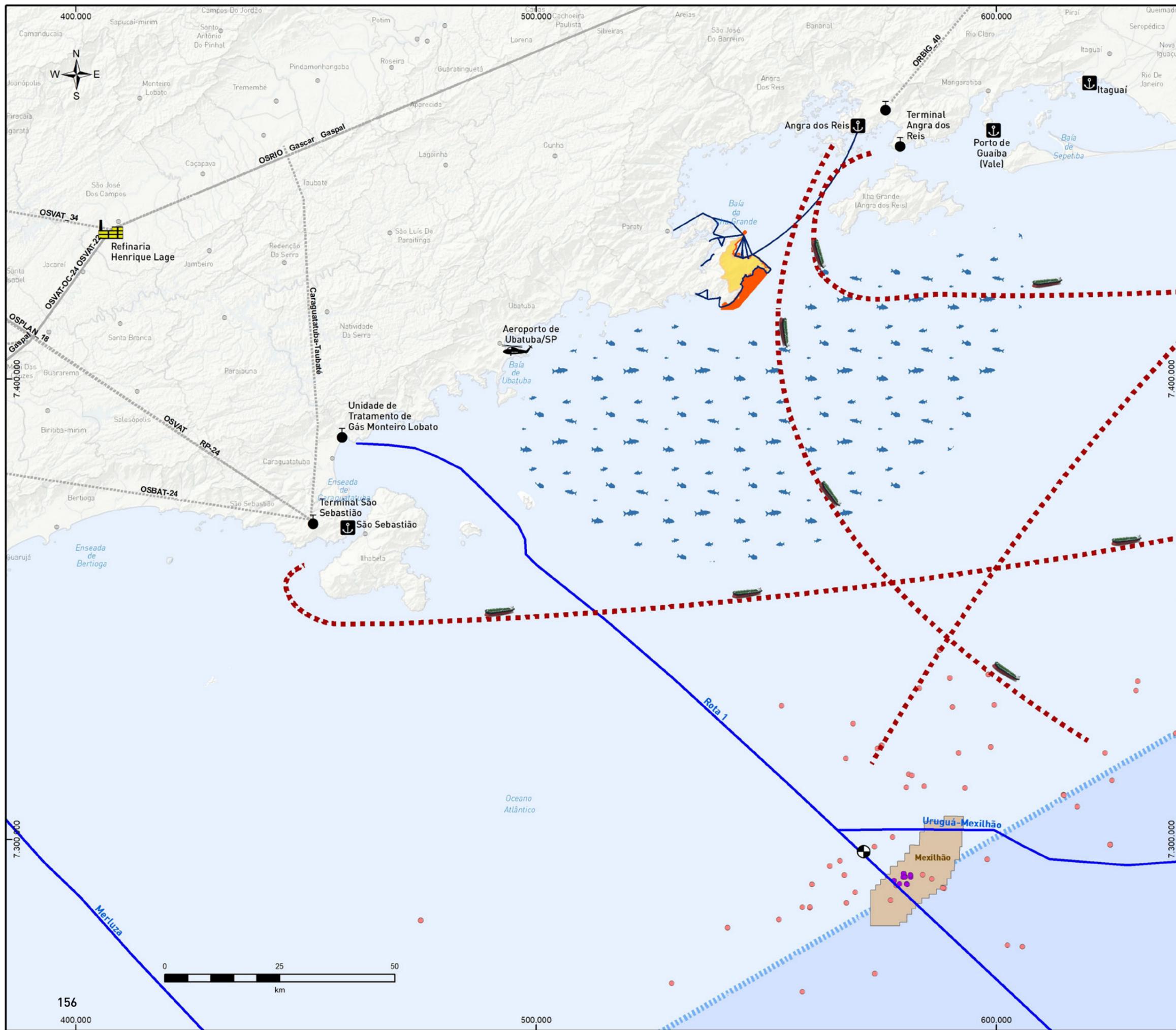
547.000

548.000

549.000



# MARITÓRIO CAIÇARA DA PENÍNSULA DA JUATINGA E A CADEIA DE PETRÓLEO E GÁS



- Território Caiçara da Península da Juatinga
- Áreas de pesca do Microterritório**
- Pesca próxima a costa
- Área de pesca artesanal caiçara
- Principais rotas marítimas da península da Juatinga
- Infraestrutura do Petróleo**
- Plataforma fixa
- Unidade industrial
- Base de apoio
- Refinaria Henrique Lage
- Porto
- Fluxo de barcos de apoio e aliviadores
- Gasoduto/oleoduto oceânico
- Campo de produção
- Poço em desenvolvimento
- Poço exploratório
- Polígono do Pré-Sal
- Cidade





**Informativo POVOS  
Território da Cajaíba  
2021**

